

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Vitor Hugo da Silva

**AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA:
diálogos afetivos e criativos**

Belo Horizonte

2017

Vitor Hugo da Silva

**AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA:
diálogos afetivos e criativos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Beatriz Junqueira Guimarães.

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586m Silva, Vitor Hugo da
As missivas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira: diálogos afetivos e criativos / Vitor Hugo da Silva. Belo Horizonte, 2017.
127 f.: il.

Orientadora: Raquel Beatriz Junqueira Guimarães
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Andrade, Mário de, 1893-1945 - Correspondência. 2. Bandeira, Manuel, 1886-1968 - Correspondência. 3. Amizade. 4. Cartas brasileiras. 5. Linguagem e línguas - Variação. 6. Língua portuguesa - Gramática. I. Guimarães, Raquel Beatriz Junqueira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 869.0(81)-6

Vitor Hugo da Silva

**AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA:
diálogos afetivos e criativos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

Prof.^a Dr.^a Raquel Beatriz Junqueira Guimarães – PUC Minas (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Angela de Araújo Resende – UFSJ (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes – CES-JF (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Ivete Lara Camargos Walty – PUC Minas (Banca Examinadora)

Dr.^a Valéria Aparecida de Souza Machado – Grupo de Pesquisa Da Rua (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 01 de novembro de 2017.

À minha mãe, amiga, companheira
inseparável, minha eterna pedagoga (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Santíssimo Sacramento e à Virgem Maria, minha Intercessora.

À Professora Doutora Raquel Beatriz Junqueira Guimarães, profissional que tive o prazer de escolher como Orientadora da minha tese. Obrigado pela paciência, competência e entusiasmo naquilo que faz e, principalmente, por me ensinar tanta coisa que ficou postergada através do tempo.

Aos professores do Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pela paciência, dedicação e amor pelo que fazem, em especial:

Ao Professor Dr. Audemaro Taranto Goulart, por me passar tanto conhecimento. Suas aulas são inesquecíveis.

À Professora Dr.^a Melânia Silva Aguiar (*in memoriam*), por me proporcionar tamanho incentivo para minha linha de pesquisa.

À Professora Dr.^a Maria Nazareth Soares Fonseca, minha professora desde a década de 80, pelo vasto conhecimento e pela forma tão especial de transmiti-lo.

À Professora Dr.^a Terezinha Taborda Moreira, pela habilidade e competência.

À Professora Dr.^a Márcia Marques de Moraes, que expõe a literatura atuando de forma viva e, sobretudo, sempre feliz.

À Professora Dr.^a Ângela Vaz Leão. Agradeço a Deus, todos os dias, por ter tido o privilégio de tê-la como minha grande mestra.

À Prof.^a Dr.^a Ivete Lara Camargos Walty por expor tanto conhecimento que é sempre tão valioso para a vida do pós-graduando.

À Professora Dr.^a Juliana Alves Assis, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras.

E àqueles Professores que não tive a oportunidade de ter o convívio na sala de aula fica o meu respeito.

Agradeço aos funcionários do Programa de Pós-graduação, pelo apoio.

Aos meus filhos, Phillipe e Fábio, e minha esposa, Mírian, por terem tamanha paciência comigo, inclusive nos dias de insatisfação e melancolia.

Aos meus amigos, por continuarem sendo verdadeiros amigos mesmo com o meu distanciamento.

Às minhas colegas mais próximas, Karina de Almeida Calado e seu esposo Leonardo e Marcélia Guimarães Paiva, pelas cumplicidades trocadas, pelos momentos de descontração, por todos os sorrisos e angústias divididas pessoalmente ou via internet.

Os meus agradecimentos sinceros à Equipe do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), pelo tratamento tão especial durante três dias consecutivos.

Finalmente, gostaria de agradecer aos Professores da banca, Prof.^a Dr.^a Maria Angela de Araújo Resende e Prof.^a Dr.^a Ivete Lara Camargos Walty, Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes e Dr.^a Valéria Aparecida de Souza Machado por se dedicarem à leitura da minha tese.

A carta é por excelência o lugar dessa retórica do desvio, em que a literatura finge desaparecer atrás de uma voz gerando um sujeito, em que se trata de seduzir, deixando acreditar que quem escreve poderia estar se esquecendo de si mesmo e se voltando todo para o outro. Além da temática essencial da relação do autor e do leitor, e conseqüentemente da justa distância a ser encontrada na leitura, é portanto a questão do próprio estatuto da literatura e de sua relação com a vida que está no âmago do texto. A escrita é dada como um alambique, um filtro que proíbe a via diretamente “biográfica” em que vida e obra poderiam se sobrepor, numa correspondência perfeita. Só sacrificando o corpo é que se permite à literatura e à poesia emergir. E a falsa moeda da linguagem, com as confusões que cria, com a sua indecifrabilidade, com a ausência de referência certa, já dá o primeiro passo nessa direção. Correspondência completa não diz outra coisa quando fala em falsificação operada pela comunicação a distância – ao supor que esse “a distância” não seja redundante da própria palavra “comunicação”
(RIAUEDEL apud GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 99).

RESUMO

Nesta tese as correspondências trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira são estudadas em dois aspectos principais: as questões da amizade, e a consequente intimidade desenvolvida pelos escritores, e os diálogos estéticos realizados entre eles. Para tanto, reflete-se sobre a carta como um gênero fronteiro entre o público e o privado, o tom confessional e o significado da amizade nas cartas em confronto com as definições dicionarizadas e as filosóficas e sociais sobre o tema, os posicionamentos estéticos e teóricos apresentados pelos dois escritores em questões fundamentais como o abasileiramento da língua portuguesa em sua vertente literária. Com este trabalho, procurou-se evidenciar a relevância das cartas trocadas entre os escritores para o estudo da literatura brasileira. As discussões realizadas tiveram como referência teórica estudos sobre a carta como gênero, as discussões sobre as figurações do íntimo, e o arcabouço teórico sobre a epistolografia e os escritos da memória.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Manuel Bandeira. Epistolografia. Amizade. Diálogos estéticos.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the correspondence exchanged between Mário de Andrade and Manuel Bandeira under two aspects: the friendship and subsequent intimacy established between the authors and their aesthetic discussions. For this study, personal letters are viewed as a borderline genre set between the public and private spheres. The confessional tones and concept of friendship present in the letters confront established dictionary definitions, social and philosophical theories about this specific genre. Both authors' aesthetic and theoretical approaches deal with the influence of Brazilian linguistic particularities in the Portuguese language in literary production. This study aims at highlighting the relevance of the authors' correspondence and its relevance to Brazilian literature. The present doctoral dissertation bases its theoretical references in the fields of studies of letters as a genre, discussions on the figurations of intimacy, and the theoretical apparatus of epistolography and memory narratives.

Key words: Mário de Andrade. Manuel Bandeira. Epistolography. Friendship. Aesthetics discussions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Caderneta Língua Brasileira.....	82
FIGURA 2 – Documentos Populares	83
FIGURA 3 – Artigos Alheios.....	83
FIGURA 4 – Me Parece e outras Sintaxes	84
FIGURA 5 – Artigos “Não queiras não”	84
FIGURA 6 – Brasileirismos Vocabulares	85
FIGURA 7 – Tratado do estilo - ideias para capítulos particulares	85
FIGURA 8 – Ideias gerais sobre língua	86
FIGURA 9 – Tratado do Estilo” - ideias gerais	86
FIGURA 10 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-1	87
FIGURA 11 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-2	87
FIGURA 12 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-3	88
FIGURA 13 – O Dialecto Brasileiro texto de Roquette-Pinto.....	96
FIGURA 14 – Vida Literária- A língua brasileira - Tristão de Athayde	98
FIGURA 15 – Prefácio da Gramatiquinha - Prefácio 1	106
FIGURA 16 – Continuação do Prefácio 1	107
FIGURA 17 – A Gramatiquinha – Língua Brasileira	109
FIGURA 18 – A Gramatiquinha da Língua Brasileira - continuação.....	110
FIGURA 19 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-4	117

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 A AMIZADE ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA	33
2.1 Cartas: entre o público e o privado	35
2.2 A amizade e seus significados.....	42
2.3 Intimidade construída pelas cartas	65
3 DIÁLOGOS ESTÉTICOS: A CRIAÇÃO DA LÍNGUA LITERÁRIA NACIONAL:...	75
3.1 Em que língua se escreve?	77
3.2 Outros olhares sobre a mesma polêmica	94
3.3 Uma gramática não concluída.....	101
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS.....	119

1 INTRODUÇÃO

As correspondências familiares e a literatura “pessoal” (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos substituíveis, nem por isso constituem os documentos “verdadeiros” do privado. Eles obedecem a regras de boas maneiras e de apresentação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção. Não há nada menos espontâneo do que uma carta, nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza (PERROT, 2012, p. 10).

A idealização desta tese surgiu do desejo em aprofundar o conhecimento sobre a correspondência das cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, como continuação dos estudos do mestrado. Na ocasião, estudei o escritor Manuel Bandeira e, baseado nos conflitos presentes em sua obra, defini como tema do trabalho a poética do autor marcada pela expectativa da morte e pelo desejo de viver cada momento como se fosse eterno. Naquela pesquisa, centralizei as investigações na questão do desdobramento do sujeito e na análise de uma dimensão mítica e individual no fazer autobiográfico.

A investigação que ora se propõe centra-se no estudo da linguagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, num total de 420 missivas, publicadas no livro *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Pretende-se, ao investigá-las, problematizar a prática confessional que domina esse gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante, e desvelar os modos como os missivistas em construção desse gênero literário usam uma linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, isso evidenciado pela construção da amizade entre os dois escritores. O tom mais confessional pode ser visto, por exemplo, já em carta de junho de 1923, na qual Mário confessa:

Pretendo, se Deus quiser, escrever um poema “Paulicéia reconquistada”. [...] E o homem abandonando o *myself*, glorioso dentro de sua humanidade. Como vês longe de Whitman. [...] Talvez saia o contrário do que digo. [...] Que linda esta curiosidade do poeta que não sabe o que vai fazer! **Que viagens as nossas, meu Manuel! Sou o homem mais feliz do mundo... com tua amizade e um desolado abraço longo.** (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 96, grifo nosso. Carta de 7 de junho de 1923).

Essa declaração de amizade é o que pode ser visto, por várias vezes, nas cartas trocadas pelos dois escritores. Ressalta-se, no entanto, como já dissemos, que elas poderão ser, por vezes, mais formais, como a de 1925:

[...] quatro capítulos iniciais da minha Estética irão pra você. Me parece que estão bem interessantes. Engraçado: comecei muito direitinho, honesto, citando gente, não fazendo nada por mim porém aos poucos fui largando os autores e afinal este último ponto saiu de mim. Chego a mesmas conclusões que outros mas só por mim. E me parece que nas minhas lições há certas vistas novas ou pelo menos renovadas que lhes dão certo caráter curioso, você verá. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 205. Carta de 7 de maio de 1925).

Para esta pesquisa, o interesse está na percepção da intimidade construída entre os dois, originada de um contato feito por escrito, por cartas que tratavam de diversos assuntos, desde curiosidades banais até críticas voltadas para a diversidade da literatura moderna (teatro, revista, jornais etc.). Nessa interlocução afetiva e intelectual, os dois escritores fazem uso de uma linguagem conceitual, acadêmica e, por vezes, bem despojada, coloquial, com termos chulos e vulgares sem nenhum preconceito linguístico ou moral. Exemplo disso é a carta que se segue:

Marioscumque, boa tarde.

[...] “Oh! Oh!” Como se fez ao Osório na Academia. O Osório é um pobre diabo. E o Graça... afinal de contas, bem afinal de contas... é também um pobre diabo. [...]

Aprenderás o encanto da “Canoinha nova”, cujo ritmo só mesmo de boca.

Ouvi o Autuori. Violinista extraordinário. [...] Souza Lima desistiu do 1º!

ORAMERDA! “É preciso esperar **cem ânus!**”

PS. Fui eu que escrevi a toada. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 152-153 s.d. Carta de novembro de 1924).

Manuel Bandeira, diante dos fatos, escreve em negrito e em maiúsculo a palavra “**ORAMERDA**” e grafa a palavra “anos” com **U**, de modo a transformá-la em **ânus**, o que parece querer registrar certa indignação diante dos escritores que se mostram desentendidos ou que não têm conhecimento em relação a algo, fazendo disso uma forma de desdém.

Manuel Bandeira parece, ainda, estar indignado com o que supõe ser uma tentativa de Graça Aranha de se colocar à frente de todos os modernistas deixando entender que foi ele o “único” que introduziu o modernismo no Brasil. Outro elemento que se pode perceber nas cartas é, da parte de Mário, um esforço para

registrar seus estudos linguísticos, sua política de abasileiramento da língua portuguesa e seu interesse na estruturação e na flexibilização do uso dessa língua como forma de manifestação modernista.

Assim, as cartas se tornaram espaço de experimentação linguística pela criatividade (palavras que eles inventavam, escritas de forma mais despojada, palavrões) e por suas tentativas de construir nova ortografia e nova sintaxe, especialmente da parte de Mário de Andrade, conforme se defenderá no segundo capítulo desta tese.

Pressupõe-se que Mário de Andrade, ao escrever abasileiradamente, buscava criar uma forma de expressão própria, o que se tornou bastante polêmico. Apesar de insistir no abasileiramento da língua portuguesa – e de defender esta posição em suas cartas – Mário de Andrade não demonstrava a intenção de transformar o seu modo brasileiro de escrever no “brasileiro do amanhã”, conforme registra em sua gramatiquinha (ANDRADE apud PIMENTEL, 2000, p. 182). Outro elemento que se pode perceber nas cartas é sua natureza reflexiva e crítica. Com o decorrer do tempo, as críticas claras e reflexivas sobre o movimento modernista demonstraram o amadurecimento dos autores, como na carta Mário de Andrade datada de setembro de 1931:

Manu,
aproveito uma meia-hora de descanso para conversar com você a respeito do quadro do Maron. O caso desse quadro me interessa especialmente, primeiro pra explicar a minha reviravolta, segundo porque meu alemão de dois centímetros não deu pra eu explicar bem direito pro Maron os defeitos que achava na obra dele, e ela merece respeito pelo carinho que está se vendo deu pra ela. E ainda, talvez em principal, pelos problemas estéticos que estão no quadro. [...]
Você é bem espontaneísta no seu critério de julgar as obras de arte: mas não vejo por onde se possa dizer que observações como as que estou fazendo, por derivarem de juízos, são meramente intelectuais. Se lembre que não tem nada na inteligência que primeiro não passe pela sensação. E tudo, sensação como inteligência, se educam, ou melhor, adquirem a valorização da experiência. É a experiência que ensina a gente a admirar a contribuição neo-romântica do Schmidt e a não p. em público. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 522-526. Carta de 10 de setembro de 1931).

De acordo com Velloso (2009), a relação de amizade percebida nas cartas de Mário representa um imenso universo onde pairam fortes laços intelectuais e afetivos mediados pelas correspondências trocadas por eles. Essa comunhão abriga grandes conexões entre amigos, fortalece a afetividade e proporciona troca de ideias

que intensificam a identidade do movimento modernista brasileiro. As cartas trocadas entre os amigos Mário de Andrade e Manuel Bandeira, seja pelo intelecto, seja pela amizade, são preciosos registros de estudos históricos. É esse material que contribui ricamente para que se possa analisar, compreender e apreciar o cenário de sensibilidade e subjetividade de determinada época, especificamente os anos iniciais do século XX.

Aprofundar no universo das correspondências é imergir na memória histórica que comporta toda a compreensão do movimento literário do qual esses escritores fizeram parte. Indagações feitas por Mário evidenciam suas constantes preocupações sobre o papel da escrita. Suas indagações levam à reflexão sobre o ato de escrever como um comprometimento com os outros ou um instrumento para satisfação individual. Ou, ainda, possibilitam a reflexão se a escrita deve ser valorizada pelo grau de adequação às aspirações de um grupo ou pelo senso inventivo do escritor.

Considera-se, assim, a carta um objeto importante para os estudos literários, por sua natureza. Pode-se considerar que a carta é um meio não estático de conversação distante, realizada através do texto envolvendo de forma íntima e inviolável o autor e seu destinatário, podendo ainda envolver um terceiro. A partilha da carta é nada mais que a vontade de estar próximo do outro nos debates, na doença, imiscuir-se e, às vezes, até mesmo estar presente fisicamente diante do amigo.

De acordo com Santos (2009), a escrita de carta se dá como um exercício cultural produzido no íntimo dos espaços privados, no sigilo dos quartos. Dessa maneira o estudo de cartas tem em si a condição de transitar entre o público e o privado, o íntimo e o revelado.

Manuel Bandeira e Mário de Andrade, nos 22 anos de correspondência, escreveram-se de formas múltiplas, a partir de suas necessidades, tais como cartas grandes ou até mesmo um pequeno bilhete como este escrito por Bandeira a Mário: “Peço-lhe o favor de fazer chegar ao *Diário* esta minha colaboração. Abraços do M.” (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 464. Bilhete de 7 de outubro de 1930.).¹

¹ Pelos bilhetes e cartas seguintes e pela nota da edição das cartas, pode-se inferir que a colaboração a que se refere Bandeira, dirigida ao *Diário Nacional*, é uma crônica intitulada “O 24 de outubro que eu vi”, em que “o cronista vê a movimentação naval na Baía de Guanabara e a euforia popular no período turbulento” (MORAES, 2000, p. 465. Nota n. 64).

A correspondência pode também ser considerada ativa ou passiva. A correspondência ativa é o conjunto das cartas, mensagens que foram escritas por alguém que se opõe à correspondência passiva, que é o conjunto das cartas, mensagens que se recebeu de outros missivistas (AULETE, 2011). No caso específico das cartas de Mário e Bandeira, é Moraes (2000) quem esclarece bem essa diferença:

A correspondência passiva recolhe diálogos de grande fôlego, como os que se ligam a Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade ou Prudente de Moraes; espelha a recepção das ideias e a análise voltada para os jovens escritores, para os artistas plásticos e os músicos. Na ativa, composta, em sua maioria, por cópias de cartas, nota-se bem o desejo de Mário de Andrade de documentar determinadas situações, de “fazer a história”, para usar expressão sua. (MORAES, 2000, p. 11)

Ainda segundo Moraes (2000), a correspondência ativa de Mário de Andrade contém 588 documentos e a correspondência passiva 7.070 documentos, visto que Mário de Andrade fazia cópia de todas as cartas que enviava. Cabe dizer que Mário sempre respondia a todos que lhe escreviam, por mais simples que fosse a carta recebida. Sempre cabia uma palavra de retorno. Isso é perceptível nas cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que sempre se escreviam mesmo quando não tinham muito o que dizer.

Manu,
Bom-dia. Reli suas duas cartas últimas, pensando que tinha alguma coisa pra responder. Não tem mas a carta vai assim mesmo, mode recomençar a vida de intimidade que os últimos e ilustres chinfrins brasileiros desencaminharam. Isto é: **pra não dizer mesmo que as cartas não carecem resposta**, sempre há o caso do Paulito e do *Diário*. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 466, grifo nosso. Carta de 16 de novembro de 1930).

Como diz Moraes (2000, p. 11), eles são “correspondentes fecundos de substância humana”. Moraes reporta-se ao pensamento de Mário a respeito da correspondência, como se destaca a seguir:

Em 1940 Mário de Andrade procura demonstrar o caráter pragmático da epistolografia na crítica “Dona Flor”, do Diário de Notícias do Rio de Janeiro. O gênero epistolar é “uma espécie de violão da literatura”, define o crítico de forma sucinta, mas insólita. A carta aparece como o exercício que os iniciantes nas letras deveriam praticar antes de se aventurarem no delicado “piano” da criação literária. Para o crítico, a carta conserva, no desprezioso papel e no silêncio sub-reptício da cumplicidade, “grande

nobreza humana”, revelando-se o espaço ideal para os enlevos sentimentais e para a elaboração de pensamento. Mário nobilita-lhe ainda mais o caráter: a carta “socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade”. Escrever cartas vale como um conselho aos novos ficcionistas, apressados divulgadores de obras imperfeitas (MORAES, 2007, p. 18).

Como se pode perceber, o exercício da escrita de cartas é, para alguns analistas, e para Mário de Andrade, uma espécie de prévia do exercício da criação literária. No caminho entre o papel despretensioso da carta e as potencialidades presentes nesta escrita, reside, segundo Moraes, um importante espaço de elaboração tanto estética quanto de reflexões sobre a vida literária e a vida pessoal em suas interfaces.

Foucault (1992), ao fazer referência à carta, diz que é a criação incessante de quem a escreve, apontando assim uma variedade de olhares. É o modo de se arquitetar o destinatário projetando-o.

Dessa maneira, Foucault (1992) deixa claro em suas palavras:

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 1992, p. 151).

Pode-se dizer que nem toda correspondência é necessariamente confessional. Entende-se, no entanto, que, no caso da troca de cartas de Mário e Bandeira, há nelas um forte teor confessional. Em seu sentido inicial, confissão retrata a confiança ou segredo, a revelação de fatos íntimos da vida (MORAES, 2000, p. 23)

O texto epistolar proporciona ao remetente e ao destinatário uma prática diária em que relatam os acontecimentos e reflexões sobre as dores, as angústias, a enfermidade, as perdas, o isolamento, as fofocas, enfim, torna-se a escrita de uma investigação de si, o que propicia a um e a outro um diagnóstico do seu dia a dia, de sua vida. É uma forma de se dar ao outro como a si mesmo, assim se vê como uma maneira de dar atenção ao outro para que seja também observado. Fixa o seu olhar no outro para assim se ver, forma de reforçar o que vivenciou no cotidiano. Logo, o texto escrito revela tanto um quanto outro. Na carta citada abaixo, enviada por Manuel Bandeira a Mário de Andrade, percebe-se que o autor trata de variados assuntos cotidianos que parece querer dividir com o amigo:

Acabo de receber seu bilhete e carta do Ribeiro Couto. Soube de sua operação por Germaninha e notícias posteriores pelo Luciano. Que diabo foi isso de supetão?

O Joaquim Cardoso (cujo endereço é Rua da União 47, Recife) mandou-me três números da *Revista do Norte*, isto é, 3 exs. do 2º número, um deles destinado a você.

Estupenda a carta do Couto. O final do seu estudo está mesmo mal redigido, pois também eu entendi no sentido que lhe deu o Couto. Devolverei a carta depois.

Germana transferiu concerto para 15.

A minha viagem ao Norte voltou à esfera das possibilidades. Será talvez para daqui a 15 dias. Será mesmo desta vez?

Abraços do

Manu. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 312. Carta de 4 de janeiro de 1926).

Os missivistas se tornam amigos, confidentes e íntimos, e nisso sentem prazer. Esse sentimento advém das revelações que um faz para o outro, construindo-se mutuamente como sujeitos. É o que acontece com Manuel Bandeira em carta a Mário de Andrade:

Mário - Escrevi para o próximo nº da *Revista do Brasil* uma nota sobre o *Losango*, a pedido de Rodrigo de Melo Franco. Escrevi sem estudo e ao correr da pena. Quando vi que já estava na 7ª página parei e assinei. Quando reli fiquei contente com duas coisas: a 1ª é que não tinha falado nem uma vez em modernismo; a 2ª ter dito que a poesia do Losango, da parte propriamente cáqui do Losango era poesia em nascente, imagem química de que gosto muito. Germaninha foi operada no nariz ela está muito fagueira porque a voz melhorou, ficou mais clara... O valle escreveu nas costas de um programa uma carta pra você em resposta à sua. Escreveu a lápis e andou com aquele papelucho no bolso sem jeito de mandar pra você. Afinal anteontem me encontrou e me pediu que mandasse contar a você que lhe tinha respondido. Me leu uns pedaços da carta com uma dificuldade enorme porque aquilo já estava quase todo apagado. A súmula é que ele dizia coisas tão carinhosas “que parecia que ele era homem e você mulher ou o contrário – que você era homem e ele mulher”! “Mário – você – ... é perfeito – como o seio de uma mulher por quem eu chorei muito...” Coisas assim. O resto você imagina. Abraço do M. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 311-312. Carta de 23 de setembro de 1926).

Como se pode notar, trata-se, nesse caso, de uma partilha, o que confirma que, “por definição, a carta é compartilhada. Ela tem vários aspectos: é um objeto (que se troca), um ato (que se pode ser publicado)... E há sempre várias pessoas envolvidas (LEJEUNE, 2008, p. 292).

Ajuda-nos, também, a pensar nas cartas como escrita confessional o que nos diz Vasconcellos (2008) ao destacar que, quando se escreve uma carta, ela tem um caráter confidencial, íntimo. Sendo assim, sabe-se que as informações registradas

pelos missivistas marcam o espaço privado, que na verdade não se pode infringir ou transgredir. Sendo de natureza privada, ganha, uma dimensão de confissão por, inicialmente, a circulação do que ali se diz estar prevista para que não seja publicizado, como se pode ver na confissão de Mário de Andrade a Manuel Bandeira:

Manu,
 você escreveu no sábado um artigo que me deixou absolutamente triste e não gostei nada! Está claro que o artigo é admirável e aliás o são quase todos os que está escrevendo ultimamente, mas não me interessam absolutamente estes elogios literários agora. O que me horrorizou foi a amargura que ressumbrava do artigo [...]
 Ciao e me responda qualquer coisa pra me acalmar as inquietações.
 (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 479-480. Carta de 5 de janeiro de 1931).

Pode-se entender a partir da carta acima que Mário desabafa os seus sentimentos pessoais com Manuel Bandeira, deixando claro a sua inquietação. Como ele mesmo diz, confessa sua insatisfação diante das atitudes de seu destinatário. Essa passagem ilustra o que sugere Vasconcellos (2008), ou seja, Mário de Andrade fala, por meio da carta, tal como se estivesse próximo de Bandeira. Pede uma palavra imediata, ainda que saiba que esta só chegará depois de algum tempo.

Tomam-se, nesta tese, as cartas como escrita confessional e também como memória e autobiografia². Entende-se que a correspondência é memória e autobiografia por retratar as intimidades próprias e alheias, e por apresentar revelações e busca de reminiscência que favorece a construção da identidade individual e coletiva.

Em seu sentido primeiro, o termo *correspondência* traduz-se e se apresenta como uma reciprocidade, ou seja, troca, e neste caso troca de cartas ou mensagens (AULETE, 2011; AURÉLIO, 2009; HOUAISS; VILLAR, 2002). Vasconcellos (2008) assim apresenta alguns conceitos sobre correspondência ou Cartas:

² Segundo Lejeune (2008), a autobiografia seria uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade. Nessa definição entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias; forma da linguagem, assunto tratado (vida individual), situação do autor (identidade do autor e do narrador) e posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal e perspectiva retrospectiva da narrativa). Ainda para o autor, os gêneros vizinhos da autobiografia são memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato ou ensaio (LEJEUNE, 2008, p. 14-15). Acrescentam-se aqui as cartas.

[...] A correspondência permaneceu durante muito tempo sepultada nos arquivos públicos ou privados, só recentemente é que passou a ter o valor como documento de maior importância. Os pesquisadores têm-se conscientizado de que podem encontrar nelas dados relevantes: ela funciona como testemunho vivo de uma época, pode documentar uma história pessoal, registrar situações, ações e reflexões. Nela há um status peculiar entre o autor (signatário) e o leitor (destinatário), tendo muitas vezes valor de crônica. No nosso caso específico, estamos falando das cartas missivas que se encontram nos arquivos privados de escritores. Em momento algum perdem suas características: não deixaram de ser cartas, fixam um momento, transformando-se em documento, muitas vezes fonte substancial de pesquisa (VASCONCELLOS, 2008, p. 62).

Quando se fala de confissão, não há como não dar uma atenção especial ao modo de escrituração das cartas. Trata-se de um texto íntimo, no qual o remetente ao falar de si reflete sobre si e sobre o outro, seu destinatário. Reflete, também, sobre o seu tempo e as condições que o conformam. Escritas de modo fluido, sem ser necessariamente texto acadêmico, podem trazer reflexões políticas, estéticas, filosóficas, pessoais, ou mesmo fofocas e informações pouco nobres. No caso da troca de cartas entre escritores, elas tornam-se relevantes porque trazem, além do conhecimento pessoal de cada escritor, um conhecimento relativo ao modernismo e aos seus manifestos. Tais conhecimentos vão surgindo de escritores e escritos que relatam suas ideias e experiências, inquietudes ou infortúnios, referências para um determinado tempo. É o registro do conhecimento obtido ao longo da vida cotidiana dos correspondentes, tanto na vida pessoal como social, nos momentos históricos marcantes da época. Sobre o que vive Mário de Andrade, Marcos Antônio de Moraes (2000) afirma:

A questão do gênero epistolar assombra Mário de Andrade, com frequência, nas próprias cartas. “Sofro de gigantismo epistolar”, confessa a Carlos Drummond de Andrade em missiva de 1924. Essa “epistolomania” fundamenta-se na intenção firme de “escrever cartas e não responder cartas”, fato significativo que projeta no escritor a consciência de que pode estar criando uma “obra involuntária”, **escritura à deriva no universo literário** (MORAES, 2000, p. 16, grifo nosso).

Conforme Santos (2009), o próprio ato de escrever a carta se manifesta como uma necessidade de vida, e se manifesta na forma da simplicidade da tarefa e da maneira natural e simples do ato em si. A afirmação feita por Mário, ao dizer que sofre de “gigantismo epistolar”, estaria sugerindo uma suposta perda do controle sobre o ato de escrever cartas e sobre o conteúdo que elas revelam. Nesse

gigantismo usa as cartas para tudo: para construir amizades, para realizar confissões, para transmitir conhecimento aos colegas; isso faz com que as cartas de Mário oscilem entre o didatismo, a cerimônia, a confissão e a intimidade. A memória, de acordo com Le Goff (2008), caracteriza-se pela conservação de certas informações anteriores, passadas, que poderão ser atualizadas de acordo com um conjunto de funções psíquicas de modo que esses elementos serão acumulados no decorrer da vida cotidiana. Já para Halbwachs (2006), ainda que seja sempre uma prática de reconhecimento e de reconstrução do sujeito, a memória é sempre construída em grupo, mesclando-se entre o indivíduo e a coletividade, e, assim, faz com que as memórias se subordinem umas às outras em tais dependências referindo-se, especificamente, à “intuição sensível”.

De acordo com Miranda (1992), o passado é atraído como um lugar de reflexão, ou seja, no momento em que se lembra de um acontecimento se é conduzido para o próprio instante em que ele ocorreu; entretanto, as concepções de memória trazem consigo uma reflexão, pois a memória se altera e se transforma. Ainda que o indivíduo tenha memória peculiar, estará então estabelecida num universo mais vasto, tendo valores inerentes à sociedade em que se vive.

No caso específico das cartas, a memória aparece como uma construção a partir de um jogo tênue entre o lembrar e o esquecer. A carta de Manuel Bandeira escrita em 27 de julho de 1923 pode ser tomada como exemplo para melhor compreensão do sentido de memória aqui considerado:

Caro Mário.

Acabo de receber a tua carta de 25. Vejo que se perdeu a minha carta anterior, na qual te agradecia a remessa do teu retrato. Que maçada! Uma carta longa, – para mim que escrevo pouco.

Dizia-te nela que não enviava retrato já, porque todos os que possuo envelheceram. Como pedes com insistência, remeto-te este tirado em Paris no ano de 1913, precisamente há dez anos, pois foi no mês em que Léon Deubel se atirou no Sena. [...]

Eu ia a caminho de Clavadel (Suíça). Esse retrato agrada-me porque me faz lembrar uns velhíssimos brocados de seda que vi na sala de espera do fotógrafo. Mas não é o Manuel Bandeira de hoje. É o Manuel Bandeira da *Cinza das horas*. É de um tempo em que eu era muito mansamente e muito doloridamente tísico. Hoje sou ironicamente, sarcasticamente tísico. Naquele tempo vivia do dinheiro de meu pai e do carinho dele e de minha mãe e de minha irmã. Hoje vivo da caridade do Estado e como ao Brás Cubas o que me conforta é não transmitir a ninguém o legado da minha miséria. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 97. Carta de 27 de julho de 1923).

Percebe-se que Manuel Bandeira, ao comentar com Mário de Andrade sobre as suas velhas fotografias, aguça as reminiscências e traz à memória todo o processo do ato de fotografar, onde, quando e porque foram reveladas; enfim, presentifica aquele tempo grafado na foto. Aos poucos tudo vem sendo trazido à memória, e a fotografia se torna a presença do passado.

Para desenvolver os estudos presentes nesta tese, teve-se como referência o que afirma Philippe Lejeune (2008) em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Nele, o autor apresenta um estudo detalhado sobre as escritas do eu. Também foram usados os textos de Eneida Maria de Souza, Adelaine Laguardia e Anderson Bastos em *Figurações do íntimo* (2013), de onde se apropria da noção de íntimo, sobre o que trataremos no segundo capítulo do trabalho. Outra obra que contribuiu com este trabalho foi o estudo *Prezado senhor, prezada senhora*, de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (2000).

Alguns estudos de Foucault também foram utilizados nas análises. As reflexões do filósofo sobre *A escrita de si* (1992) deixam claro que o próprio autor é que constrói dentro de si as coisas lidas e vividas, constituindo assim sua identidade. O autor diz, em relação à correspondência, que o missivista se faz presente diante daquele a quem a dirige não somente em relação a objetos, coisas, sucessos e fracassos, mas uma presença instantânea e quase que física. Ainda para Foucault (1992), a carta é o olhar que se dirige ao destinatário e a imagem que o destinatário pode fazer do remetente:

A carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe. [...]

A carta que é enviada para auxiliar o correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar [...] uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante (FOUCAULT, 1992, p. 146-147).³

Por fim, como um dos aspectos que se pretende desenvolver na tese é a discussão a respeito da língua utilizada pelos escritores nas cartas, tornou-se necessário o estudo da *Gramatiquinha de Mário de Andrade*, de Edith Pimentel Pinto

³ Nesse texto, Foucault está estudando as cartas de Sêneca. Utilizam-se algumas observações que são consideradas adequadas para a compreensão da troca de correspondências entre Mário e Bandeira.

(1990), e das cartas nas quais os escritores tratam da língua literária brasileira, o que se verá no terceiro capítulo deste trabalho.

Com essas e outras referências e baseados no livro organizado por Marcos Antônio de Moraes, procurou-se alcançar o objetivo geral desta pesquisa, qual seja o de analisar as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira no período de 1922 a 1944 de modo a detalhar as seguintes dimensões presentes nelas: o modo como traduzem a construção da amizade e a prática da intimidade presentes na experiência vivida por Mário de Andrade e Manuel Bandeira; a crítica literária e os posicionamentos teóricos e estéticos apresentados pelos dois escritores; a discussão sobre o abrasileiramento da língua portuguesa como recurso estético e criativo dos modernistas e sua expressão nos textos íntimos e confessionais, como as cartas.

Para organizar as reflexões realizadas durante o estudo, a tese está estruturada em quatro seções assim denominadas: Introdução, Capítulo 2, Capítulo 3 e Conclusão.

Nesta Introdução, procurou-se apresentar a potencialidade dos estudos das cartas, como forma de justificar a importância de estudá-las. Na segunda seção, o que se pretende é apresentar um panorama sobre o uso dessa correspondência ao longo dos anos e demonstrar que as cartas trocadas entre esses dois autores se apresentam como uma escrita autobiográfica em que há o registro do desenvolvimento da amizade, manifesto na linguagem íntima que apresentam. Para tanto, é necessário revelar como a intimidade vai se apresentando nas cartas por meio da linguagem e do tratamento estabelecido entre eles.

Na terceira seção, propõe-se a discutir os diálogos estéticos realizados entre os escritores, voltados para a pergunta: em que língua se escreve? Planeja-se mostrar a língua(gem) utilizada por Mário de Andrade e Manuel Bandeira e atestar sua forma repleta de brasileirismos, desprovida das formalidades impostas pelo convívio social e, com isso, discutir o aspecto estético e político dessa iniciativa, principalmente da parte de Mário de Andrade. Procurar-se-á, também, demonstrar as diferentes opiniões dos poetas sobre essa construção linguística na literatura.

Nas Considerações Finais, procura-se sintetizar a ligação que há entre a intimidade desenvolvida entre os escritores, por meio das cartas, e os efeitos dessa convivência epistolar em suas reflexões sobre a produção literária de um e outro.

2 A AMIZADE ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente (ARISTÓTELES, 1973, p. 381-382).

O calor da amizade estende-se; é geral e igual; temperada e serena; soberanamente suave e delicada, nada tendo de áspero nem de excessivo (MONTAIGNE, 1984, p. 92)

Estou lhe escrevendo para me pôr à prova; saber se devo, ou não, cometer uma indiscrição grosseira. Saber se devo ou não, me intrometer como bendito é o fruto no diálogo epistolar de vocês dois. Peço-lhe vênua e absolvição por estar redigindo esta carta (SANTIAGO, 2005, p.159).

A troca de cartas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira parece ter sido iniciativa do poeta pernambucano. Teve início em 1922 e persistiu até 1944, num total de 420 missivas, quando da morte de Mário de Andrade. Elas constituem farto material para o estudo do modernismo brasileiro, que eclodiu em 1922.

O conteúdo dessa correspondência retrata não apenas as expectativas, as emoções, a amizade e o sentimento dos missivistas, mas todo um período de efervescência literária no qual os autores, ao romperem com o estilo clássico de produzirem as suas obras, saem em busca do novo, do improvável, o que vai nortear a produção literária de ambos, como bem retrata a seguinte passagem:

[...] o teu *Carnaval*, reler essas páginas que tanta impressão me tinham produzido, há coisa de dois anos e meio. E o livro não envelheceu para minha admiração, asseguro-te. Creio mesmo que o contrário é que se deu. Saí da leitura com a convicção profunda que o teu livro foi um clarim de era nova, cantando já sem incertezas nem rouquidões. Há no livro uma página que considero uma das maiores de nossa poesia: “Os Sapos” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 62. Carta de 06 de junho de 1922).⁴

Assim, pode-se ver o autor de *Losango cáqui* enaltecendo e dando sentido de perenidade a *Carnaval*⁵, importante obra de Manuel Bandeira, considerando-a

⁴Nesse fragmento, de acordo com Moraes (2000), Mário de Andrade comete um equívoco no que tange à data da carta. Mário menciona o segundo número da *Klaxon* e este foi publicado em junho e não fevereiro, o que faz confirmar que essa missiva deveria ser datada efetivamente em 06 de junho de 1922.

⁵*Carnaval* foi publicado em 1919 e é o segundo livro de poemas de Manuel Bandeira. Pode-se supor que a obra foi considerada pelo poeta paulista como um “clarim da era nova” pelo uso do verso livre, o que antecipa a escolha formal preferida dos modernistas.

atemporal. O poema *Os sapos*, mencionado no trecho, retrata satiricamente a poesia parnasiana e em razão disso se insere muito bem nos ideais críticos dos poetas modernistas brasileiros. Esse tom pode ser visto em todo o poema, do qual transcreve-se uma parte:

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– “Meu pai foi a guerra!”
– “Não foi!” – “Foi” – “Não foi”

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.
(BANDEIRA, 2007, p. 60-61.)

Proferido no segundo dia da Semana de Arte Moderna, em 15 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo por Ronald de Carvalho, foi considerado um hino dos modernistas.

Conforme assinalamos na seção anterior deste trabalho, as cartas trocadas entre os dois poetas são ora mais íntimas, algumas mais teóricas, reflexivas e críticas, e algumas vão se aventurar pelo caminho do experimentalismo linguístico. Talvez por causa da natureza mais íntima das cartas, Mário de Andrade sempre dizia aos colegas que tivessem precaução com elas e que tomassem cuidado para que nenhuma escapasse. E foi exatamente das mãos de Manuel Bandeira que escaparam as missivas de anos de correspondência que relatavam a amizade e a intimidade entre os dois (RODRIGUES, 2015). Acredita-se que as cartas de Mário de Andrade enviadas a Manuel Bandeira de final de 1944 a fevereiro de 1945 foram doadas a amigos, pois essa era uma das coisas que Manuel Bandeira mais gostava de fazer, doar cartas de Mário a amigos que o visitavam (MORAES, 2000).

Essa atitude de Bandeira pode ser considerada no mínimo controversa. Isso porque coloca em questão a natureza inviolável da carta, o que preservaria tanto o remetente quanto o destinatário. Em *A quem pertence uma carta*, Philippe Lejeune (2008) afirma que,

Por definição, a carta é compartilhada. Ela tem vários aspectos: é um objeto (que se troca), um ato (que se pode ser publicado)... E há sempre várias pessoas envolvidas. [...] A carta tem três aspectos: a partir do momento em que é postada, torna-se fisicamente propriedade do destinatário e quando este morre, de seus herdeiros; mas o exercício de seu direito de propriedade é limitado estritamente pelos dois aspectos seguintes: mesmo postada, a carta continua sendo, intelectual e moralmente, propriedade de seu autor – e depois de sua morte, de seus herdeiros, que são os únicos que podem autorizar a publicação (conforme lei de 1957 sobre a propriedade intelectual); mas o exercício desse direito poderá ser limitado, de facto, se o autor não estiver mais com a carta (salvo no caso de uma cópia ter sido conservada) e, de jure, pelo terceiro aspecto: na medida em que uma carta desvela a vida privada, toda pessoa envolvida (o autor, o destinatário ou terceiros) pode se opor à divulgação e à publicação (LEJEUNE, 2008, p. 252-253).

Para se justificar, Manuel Bandeira diz ter feito isso para oferecer ao público leitor a essência do sentido crítico, literário e cultural que apresentavam, ultrapassando, portanto, a barreira da intimidade e transformando-as em objeto público.

Considerando a importância da amizade desses dois escritores, neste capítulo será discutida a natureza das cartas como forma de aproximação, como a amizade se constitui por meio delas e em seguida a constituição da intimidade alcançada pelos missivistas.

2.1 Cartas: entre o público e o privado

A carta foi maneira essencial de comunicação para as pessoas quando se encontravam separadas pela distância. Durante todo o século XX, com a inovação dos meios de comunicação e o desenvolvimento das “novas” tecnologias da informação e comunicação – jornais, revistas, rádio, televisão e internet, por exemplo, as distâncias entre pessoas foram sendo superadas.

A carta é um gênero textual marcado por elementos que situam o sujeito que a escreve no tempo e no espaço. Habitualmente vem composta com indicações de local e de data. Trata-se, também, de uma interlocução entre o remetente e o

destinatário, sempre inscritos no texto seja por meio dos vocativos, das assinaturas, das formas de saudação e de fórmulas de despedidas. Todos esses elementos, aparentemente objetivos e formais, são revestidos de tratamentos específicos pelos sujeitos envolvidos no processo. Esse tipo de correspondência é uma espécie de diálogo que tematiza o dia a dia.

Por meio dela, pode-se observar que lugar ou lugares tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Petrópolis, Amazonas, Pouso Alegre, Ouro Preto, Belo Horizonte, rua Dona Mariana – São Paulo, rua Lopes Chaves, Rio de Janeiro, “Rua do sabão”, rua do Curvelo 43, rua da Lapa, e as datas contidas nas cartas, uma a uma, são motivos que velam e revelam a sua elaboração, posto que pode-se conduzir quanto ao espaço e ao tempo, por assim dizer, em que os documentos foram escritos e toda a sua contextualização. Esses elementos se tornam maneira de detectar a intensidade da forma de contar, a importância de certos momentos e informam sobre pessoas, tempos, concepções, ideologias, estéticas.

As correspondências podem ser oficiais, comerciais e pessoais. Tratar-se-á especificamente da correspondência pessoal, que não segue um modelo específico, acabado. A correspondência entre as pessoas pode trazer sobre os sujeitos envolvidos informações que possibilitem melhor conhecer os signatários, neste caso, em especial Mário de Andrade e Manuel Bandeira, em seus relatos pessoais.

As cartas revelam referências, dados que possibilitam que se delineie o perfil dos missivistas e se possa compreender o jogo que move a convivência entre os sujeitos, e isso é possível pelas observações, anotações, comentários, elogios e críticas expressas pelos envolvidos no processo.

A correspondência entre amigos, como é o caso do que se estuda aqui, é uma fonte inesgotável de informações sobre a convivência entre artistas, suas concepções, suas reflexões, suas relações mútuas. Pela correspondência entre escritores, podem-se conhecer elementos antes não percebidos pelas obras.

Cabe assinalar que as correspondências entre os dois missivistas são *a priori* engendradas de forma a construir um discurso aberto, sincero e despretensioso, apontando informações essencialmente de ordem íntima, tais como fatos do cotidiano, observações críticas, políticas, literárias, lançamento de livros, jornais, revistas e outros. Há, nelas, no entanto, outras informações que garantem o interesse dos pesquisadores nesses documentos. O conteúdo delas transcende a interesses particulares e a publicação delas provoca a necessidade de se discutirem

as noções de público e privado. Mário de Andrade e Manuel Bandeira estabeleceram um diálogo que, por sua natureza, tornou-se relevante para o pensamento da modernidade no Brasil e especificamente do modernismo.

Leandro Garcia Rodrigues (2015) considera que, por seus aspectos complexos, a carta “flutua entre as fronteiras do público e do privado, do autobiográfico e da encenação, da verdade e da ficção, do histórico e do literário” (RODRIGUES, 2015, p. 223).

Sabe-se que a carta a um amigo tem a assinatura do remetente como forma de identificação. Dessa maneira, conforme Arfuch (2010, p. 83), a carta retrata o que parece ser da esfera privada. Argumenta-se, no entanto, que indivíduos intelectuais como os missivistas Mário de Andrade e Manuel Bandeira têm suas trajetórias ligadas a um momento ímpar da literatura brasileira, o que, de certo modo, interfere no direito ao estritamente privado uma vez que sua atuação intelectual, suas publicações, seus relatos de vida, como dito anteriormente, alcançam a esfera pública. Pode-se dizer que há um “limiar incerto” entre o público e privado (ARFUCH, 2010, p. 82).

De acordo com Habermas (2003), os homens agem na esfera pública quando interagem de forma plena, integral, atuando em questões que beneficiam a maioria. A esfera pública seria, portanto, marcada pela ideia do interesse comum (HABERMAS apud ARFUCH, 2010, p. 87-91). Para Habermas (2003, p. 135-176), a definição de esfera pública é vista como campo social em que gostos, predileções e aspirações reagem a efeitos relacionados a um coletivo, o privado é o que se refere ao próprio, peculiar, exclusivo de si ou do outro.

Por sua vez, Arfuch (2010, p. 85-87), ao discutir as dimensões do público e do privado, esclarece que o privado aos poucos se transporta para o público detendo-se progressivamente na esfera social e afirma, nessa esfera, o que é próprio da intimidade. Para a autora

[...] essa “extrapolação” do privado no público, que implica o imaginário de uma separação nítida, possível, entre as respectivas atribuições, não faz senão colocar em evidência a inextricável articulação entre o individual e o social, na medida em que as vidas privadas, como adverte Arendt⁶, excedem o “pertencimento” dos sujeitos para aparecer como terrenos de

⁶ ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

manifestação de modelos e valores coletivos, condutas, que solicitam estruturas de personalidades comuns (ARFUCH, 2010, p. 91).

No decorrer da vida de Mário de Andrade, inclusive nas cartas dirigidas a Manuel Bandeira, a interlocução é conduzida diretamente a um amigo para quem revela assuntos íntimos, distintos, singulares, e certa cumplicidade, o que é diferente do seu trabalho de um modo geral, dirigido a um público de desconhecidos.

Fala-se aqui do interesse de Mário de Andrade em atuar no espaço público, como acontece em 1936, no momento em que se apresentava em um projeto de biblioteca ambulante. Com aquele projeto, Mário almejava que a leitura fosse feita em um espaço público, contribuindo generosamente para o leitor desconhecido.

Compreendendo dessa forma a diferença entre a atuação no espaço público e a atuação no espaço privado, as correspondências desses missivistas são analisadas numa perspectiva performática, revelando a relação entre o remetente e o destinatário e incluindo a figura de um terceiro elemento, que é o leitor secundário das cartas; nesse caso o leitor da publicação, para quem ocorre um certo “desnudamento do eu” (MORAES, 2007, p. 118).

Segundo Moraes (2007, p. 112-118), o texto epistolar é um gênero híbrido por se sustentar da sua vasta especificidade. Daí ocorrer essa manifestação, essa revelação. O rosto se torna perceptível, o olhar é mergulho do próprio indivíduo. Sabe-se que apenas esse hiato individual pode nos conduzir ao universal que é o singular desnudamento da criatura.

Para Velloso (2009), a escrita de cartas é um gesto codificado, íntimo, secreto e ao mesmo tempo livre, público e voltado para a sociabilidade. A autora, ao inserir algumas observações a respeito das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, analisa o caráter interativo dessas correspondências e alinhava o seu conteúdo ao papel social que elas desempenham. Tendo sido Mário de Andrade um escritor de grande influência na literatura modernista brasileira, a representação da amizade em suas cartas é de grande interesse para análise dessa natureza.

Ainda Velloso (2009) diz que as cartas dos escritores modernistas mostram um contorno produzido pela amizade que vai se desenhando entre o privado e o público promovendo as relações e criando um campo social e interativo. Essa condição de lugar fronteiro entre o público e o privado pode ser o que as cartas publicadas trazem de mais relevante. Vasconcellos (1998) considera que

As cartas têm o caráter íntimo e/ou confidencial. Logo, as informações ali registradas fazem parte do espaço privado, inviolável. Em sua essência, ela é um gesto privado, não coletivo, que envolve a pessoa que escreve, o autor ou signatário, a pessoa a quem é dirigida, o destinatário e muitas vezes uma terceira pessoa da qual se fala. A carta é a conversação com alguém que está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes mudando de acordo com a época, espera-se que traga novidade do cotidiano, da vida política e pessoal, reflexões, confidências e expressões de sentimentos (VASCONCELLOS, 1998, p. 61).

Por essa natureza, a publicação das cartas possibilita que se conheça a intimidade dos autores. Torna-se, portanto, relevante que se compreenda a natureza das “figurações do íntimo”. Na obra *Figurações do íntimo*, de Eneida Maria de Souza, Adelaine Laguardia e Anderson Bastos Martins (2013), os autores se dedicam a estudar os elementos da intimidade e outros desdobramentos da temática do íntimo. Os autores concentram-se na delimitação e no entendimento da subjetividade como exteriorização do espaço interior; investigam o lugar da memória no espaço privado e os exercícios discursivos que representam a intimidade. Memória essa que, ao ser cultuada, exteriorizada e desmistificada, expande-se, transforma-se e se torna história. Para os autores, as

Figurações do íntimo se concentram na delimitação ampla de subjetividades, entendidas como manifestação exteriorizada do espaço interior. Como desdobramento da temática, as abordagens incidem sobre o espaço privado e sua ligação com a leitura e a escrita; o habitat e a constituição de espaços dedicados ao culto da subjetividade; o espaço público em diálogo com o privado, a intimidade como espaço reservado aos pequenos acontecimentos, ao pacto secreto do indivíduo e ao cuidado de si. Incluem também os objetos responsáveis pelas figurações do íntimo, tais como o relógio, a escrivaninha, a velha máquina de escrever, o espelho, a agenda, portas, janelas, caixas, gavetas, chaves, entre outros, que atuam como marcadores de opacidade e transferência, do tempo e do segredo (SOUZA; LAGUARDIA; MARTINS, 2013, p. 07).

Na obra, a investigação sobre os fatos cotidianos revela a importância da lembrança de objetos de uso pessoal que simbolizam o tempo e o espaço das vivências e a interferência disso nas escritas confidenciais. Esses estudos de Souza, Laguardia e Martins (2013) contribuirão para as reflexões sobre as correspondências entre Mário e Bandeira, por tratarem dos elementos da memória individual ou coletiva, uma vez que a recordação de experiências vividas é confirmada na descrição das vivências presentes nas missivas trocadas entre os escritores.

Ainda que o íntimo possa ser entendido, às vezes, como algo “imbiografável” e de natureza puramente estética, faz-se necessário refletir sobre a fluência de

sentimentos, vagos ou não, presentes nas cartas, como manifestação do ‘eu’ de cada missivista.

Para os autores de *Figurações do Íntimo* (2013),

A noção de íntimo adquire conforme os meios de expressão, seja por meio de cartas, diários, romances, biografias, seja por meio de exposição midiática, exibição na internet, redes sociais, entre outros, bem como nas cenas de vida e de romance expostas ao espetáculo, tais como suicídio, morte, nascimento, escândalo, crime e paixões. A noção de íntimo se expande a partir do conceito de “extimidade”, entendido por Lacan como “um íntimo que o sujeito espera encontrar fora de si, no campo do outro” e das abordagens que incidem sobre a relação entre a interioridade/exterioridade nas poéticas do exílio e da migração na mediação da recepção de textos, bem como na articulação entre arte e vida (SOUZA; LAGUARDIA; MARTINS, 2013, p. 07-08).

“Figurações do íntimo” aqui, para os referidos autores, são todas as marcas, sejam elas frívolas ou de maior importância, retratadas no cotidiano e acentuadas pelos epistológrafos. É tudo aquilo que impressiona o missivista, todos os acontecimentos do dia a dia e que ele por sua vez sente a necessidade de transferir para o seu amigo, o que o perturba ou que lhe traz um certo desconforto.

A carta é um gênero que traz consigo a intimidade, a dramaticidade da vida pessoal, doença, amores, ilusão e desilusão, raiva, ódio, até mesmo bisbilhotices. A obra *Prezado senhor, prezada senhora*, de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (2000), faz uma reflexão consistente sobre a escrita de cartas. Apresenta exemplos de diversas correspondências e sua preciosidade e aponta o valor dessa grande invenção; questiona o uso abusivo do correio eletrônico, uma ameaça ao estilo tradicional e elegante de se comunicar e destaca a importância das cartas como fonte perene de informação:

Não sei quando as cartas foram inventadas, mas foi, inegavelmente, uma grande invenção.[...] As conversas telefônicas, efêmeras por definição, não registraram informações ou pensamentos cuja leitura poderia ter sido uma fonte preciosa de conhecimento (GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 35).

A obra apresenta uma análise crítica das correspondências de diversos autores e pessoas públicas, elaborada por críticos conhecidos e conceituados tais como: Melo e Castro, José Mindlin, Reis Miranda, Telê Ancona Lopes, Marcos Antonio de Moraes, Nádia Battella Gotlib, Decio de Almeida Prado, Eneida Maria de Souza, Michel Riadel, Tiago C. P. dos Reis Miranda, entre outros.

Nesses ensaios, analisa-se a importância da leitura das cartas, que propicia o acesso a vários universos que vão da ficção à realidade e permite o compartilhamento de emoções e afetos, de questões particulares, públicas e políticas.

Em alguns dos ensaios reunidos por Galvão e Gotlib (2000), a carta é abordada como escrita de cunho autobiográfico, porque nas entrelinhas podem-se perceber traços da personalidade, das aspirações e das emoções daquele que a redige. Alguns autores afirmam que a carta pessoal retrata o íntimo, e mesmo não tendo a intenção de trilhar o caminho da autobiografia, ela deixa transparecer sentimentos ocultos e jamais confessados.

O conteúdo da correspondência estudada nesta tese retrata não apenas as expectativas, as emoções, a amizade e o sentimento dos missivistas, mas todo um período de efervescência literária no qual os autores, ao romperem com o estilo clássico, saem em busca do novo, do improvável, o que vai nortear a produção literária de ambos.

De acordo com Santos (2009), a escrita de carta se dá como um exercício cultural produzido no íntimo dos espaços privados, no sigilo dos quartos. Dessa maneira, o estudo de cartas possibilita que se tome conhecimento de assuntos elaborados na intimidade.

Cabral (2010), por sua vez, considera que nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira a teoria presente no universo epistolar desse distingue-se de um texto puramente teórico, pois ali, na carta, tudo podia ser dito sem pesquisas profundas ou inferências, e essa teoria vai sendo construída através das missivas, pelos assuntos que eram pautados nas conversas: assuntos de caráter cultural, social e acadêmico do momento em que viviam, e até mesmo confessional, quando os dois escritores vão discorrer da vida pessoal deixando claro seus desabafos do cotidiano.

Dessa maneira, Cabral (2010) admite olhares diversos sobre o fazer poético dos dois missivistas. Mário de Andrade e Manuel Bandeira se preocuparam tanto com a construção de uma literatura crítica da época como também com a de um ideário do movimento modernista no aspecto ideológico e estético da literatura brasileira.

Por meio desse conjunto de observações, pode-se considerar que as cartas carregam consigo características individuais de seus remetentes e destinatários, falam de determinados momentos históricos, transitam entre o público e o privado, trazem escritas mais ou menos poéticas, mais ou menos teóricas, dando a esse tipo de texto uma natureza extremamente complexa.

Vendo-as com essa complexidade é que se pretende refletir sobre a amizade que se torna visível na escrita confessional presente nas cartas trocadas entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

2.2 A amizade e seus significados

O tema da amizade sempre está presente em obras literárias diversas. Este é o caso do *Soneto do amigo*, de Vinicius de Moraes (2010). Nele, Vinicius canta a perenidade da figura do amigo (“Eis que ressurgue noutro o velho amigo”), sua singularidade, independente das atribulações da vida e das distâncias promovidas pelo tempo. Para o poeta, o amigo é como um ser completo que move e comove o sujeito. Como “um ser que a vida não explica”, a figura do amigo parece contribuir com a construção subjetiva daquele que o reconhece.

Soneto do amigo⁷

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurgue noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado
Com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo.

Um bicho igual a mim, simples e humano
Sabendo se mover e comover
E a disfarçar com o meu próprio engano.

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...
(VINÍCIUS DE MORAES, 2010, p. 88)

⁷ Poema publicado no livro *Sonetos*, de Vinicius de Moraes (2010).

O poeta traduz suas reflexões sobre o amigo em versos decassílabos, rimados, na estrutura quase clássica, os sonetos, para um tema igualmente clássico na literatura.⁸

O amigo, quando parte, deixa no outro a ausência, a falta, uma lacuna, e o soneto, de certo modo, também trata disso ao prever que o amigo um dia se vai. Outro poema que trata da amizade, e nesse caso a amizade *A um ausente*⁹ é de Carlos Drummond de Andrade:

A um ausente

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.
(ANDRADE, 1988, p. 118)

⁸ Usa-se o termo “clássico” apropriando-se das acepções de Italo Calvino, que considera clássico o que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, ou o que chega até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixou na cultura ou nas culturas que atravessou. Isso parece ser o que ocorre com os sonetos (CALVINO, 2003, p. 9-16).

⁹ Esse poema foi escrito por Carlos Drummond por ocasião da morte de Pedro Nava. Carlos Drummond de Andrade, de Itabira, e Pedro Nava, de Juiz de Fora, se conheceram em Belo Horizonte e se tornaram amigos. O suicídio de Pedro Nava, ocorrido em 13 de maio de 1984, foi um golpe para Drummond, que em sua homenagem escreveu *A um ausente*.

Esse poema revela um protesto duro feito de um amigo para outro. Parece revelar, também, o sentimento de traição que toma conta do sujeito lírico ao se referir ao rompimento do pacto implícito que havia entre os amigos. O eu poético sente saudade do amigo tão amado e parece não o perdoar por sua atitude intempestiva, a de partir. Não somente sente saudade, mas também sofre pelo amigo que morreu, lamenta a quebra dos momentos de segurança que aquela convivência possibilitava. Para o sujeito poético, a amizade não diminui a “razão para acusar”, a cobrança de uma explicação, a inconformidade com o fato de não ter tido “sequer o direito de indagar”. Com esses poemas, o que se vê é que a amizade se constrói como um pacto duradouro entre duas pessoas, que oferece a possibilidade de rever erros passados, de reencontrar amigos perdidos e sentir novamente a simplicidade e a humanidade daqueles que se encontram, mas é também feita de choque, abandono, traição, rompimento de pactos solidamente construídos, do que só resta uma saudade doída e intransponível.

Outro poema que fala da distância do amigo ocasionada pela morte é *A Mário de Andrade ausente*, de Manuel Bandeira. Nesse poema, pode-se dizer que o poeta se modifica “na ausência” e se transforma na aprendizagem e com a morte, pois o escritor é marcado pela ausência:

A Mário de Andrade ausente

Anunciaram que você morreu.
 Meus olhos, meus ouvidos testemunham:
 A alma profunda, não.
 Por isso não sinto agora a sua falta.
 Sei bem que ela virá
 (Pela força persuasiva do tempo).
 Virá súbito um dia,
 Inadvertida para os demais
 Por exemplo assim:
 À mesa conversarão de uma coisa e outra
 Uma palavra lançada à toa
 Baterá na franja dos lutos de sangue.
 Alguém perguntará em que estou pensando,
 Sorrirei sem dizer que em você,
 Profundamente.

Mas agora não sinto a sua falta.

(É sempre assim quando o ausente
 Partiu sem se despedir:
 Você não se despediu.)

Você não morreu: ausentou-se.
 Direi: Faz tempo que ele não escreve.

Irei a São Paulo: você não virá no meu hotel.
 Imaginarei: Está na chacinha de São Roque.
 Saberei que não, você ausentou-se.
 Para outra vida?
 A vida é uma só. A sua vida continua
 Na vida que você viveu.
 Por isso não sinto agora sua falta.
 (BANDEIRA, 2007, p. 220-221)¹⁰

Bandeira consegue configurar o ausente, tudo o que foi perdido, fazendo-o ressurgir no seu espaço literário, ou seja, o poeta toma posse dos sinais deixados por entes queridos, resgatando a vida ao falar da morte. O poeta revela que a ausência será sentida aos poucos: “Não sinto agora a sua falta./Sei bem que ela virá (Pela força persuasiva do tempo)” (BANDEIRA, 2007, p. 220). A falta do amigo se faz, portanto, paulatinamente, quando, no cotidiano os encontros costumeiros não mais se realizarem e as palavras ditas salientarem o luto: “À mesa conversarão de uma coisa e outra/Uma palavra lançada à toa/Baterá na franja dos lutos de sangue.”

Voltando-se ao *corpus* desta pesquisa, as cartas de Mário e Bandeira, nota-se que há nelasmuitas vezes, uma escrita respeitosa, revelando-se uma conversa de escritor para escritor; crítico para crítico.

Meu caro Mário de Andrade.
 Recebi a *Paulicéia desvairada* e a sua carta de 23 de novembro (!).
 Obrigado.
 A sua carta testemunha com abundância d’alma aquele afeto e admiração com que você me ofereceu o seu lindo livro. Desvanece-me grandemente o ter um admirador e amigo da sua força e da sua bondade.
 Vou falar com franqueza já que você m’a pede, dos seus poemas tão belos e tão estranhos. Quando os ouvi, lidos por você, senti-me arrastado pelo aluvião lírico do Desvairismo. [...]
 O que me exaspera?... – o desvairismo gongórico: [...] (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 69. Carta de 3 de outubro de 1922).

Em outros momentos, as cartas vão se tornando mais descontraídas, apresentam a partilha de críticas francas e diretas num diálogo quase que diário. A partir delas, o leitor percebe como os escritores estabelecem a relação da vida com as artes e demonstram a amizade que também ganhava espaço nas missivas::

Não imaginas quanto sou sensível à tua amizade e sinceridade. [...] Creio nas afinidades eletivas. Sou teu irmão desde uma nunca esquecida tarde de

¹⁰ Poema publicado no livro *Belo belo*, de Manuel Bandeira, em 1948, três anos depois da morte de Mário de Andrade, que ocorreu em 25 de fevereiro de 1945.

domingo, em que num táxi o Guilherme disse-me do aparecimento do *Carnaval* [...]. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 92. Carta de 22 de maio de 1923).

Mário falava, nessa carta, do momento em que Guilherme de Almeida declamava para ele poemas do livro *Carnaval*, de Manuel Bandeira. O poeta paulista ficou extasiado e comprou um exemplar da obra no dia seguinte. Ao lê-lo, gostou muito e percebeu que poderiam ser grandes confidentes, inclusive, sobre o que pensavam da literatura moderna. Por meio dessa carta, nota-se que Mário de Andrade primeiro conheceu a obra de Manuel Bandeira e depois o autor. Eles se encontram, pessoalmente, numa reunião na casa do Ronald de Carvalho em que Mário ia ler *Paulicéia desvairada* e exigiu dos amigos a presença de Manuel Bandeira porque gostaria de conhecê-lo mais. Da parte de Bandeira, o sentimento de amizade também começa a aparecer no início da convivência epistolar: “A tua carta desvaneceu-me grandemente pela amizade e confiança com que nela te abriste. Acredito também nas afinidades que nos relacionam e tenho para mim que são sobretudo de ordem moral. [...] (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 94. Carta de 31 de maio de 1923).

Verifica-se aqui que o poeta pernambucano se sente satisfeito com a amizade que nascia daquele encontro. Bandeira demonstrava ter confiança na alma e na inteligência do amigo Mário de Andrade e reconhece o brilho do poeta paulista. O encantamento mútuo percebido desde o início da convivência contribuiu para que se sentissem no direito de dizer verdades um para o outro no que tange às artes e à vida, desde os primeiros anos de correspondência, como o que se vê na carta de 27 de dezembro de 1924, enviada por Manuel Bandeira:

Mário.

[...] o meu desejo era que você fizesse com eles o que eu a seu pedido, faço com os seus: uma espinafração [...]. Hesitei tanto na distribuição da matéria. Pensei em dar o que você chamou exercícios de retórica sob o subtítulo “Pastiches Parnasianos”. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 165. Carta de 27 de dezembro de 1924).

Acredito que aquilo foi escrito no momento horrível que contas. Me irrita. É descarado. É indiscreto demais. [...] Tem muito verso por aí escrito “como quem morre”, a gente não pode negar, e que no entanto o poeta faz passando muito bem graças a Deus, num momento de displicência entre um conhaque e uma noite bem dormida. [...] A sinceridade sem vergonha que o modernismo às vezes usou é um erro. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 169-170. Carta de 29 de dezembro de 1924).

Às vezes, as críticas eram recebidas de bom grado, tranquilamente; outras vezes havia, entre eles, uma discussão obstinada em torno do assunto. Isso se dava por causa da diferença de ideias e de conceitos. Os missivistas não tinham a menor restrição em falar toda a verdade ao outro, diziam com toda franqueza e indignação, como na carta acima se observa que com certa propriedade tudo está sendo relatado. Utilizam-se respostas curtas e toscas para se dirigirem ao outro e, por vezes, se repreendiam severa e duramente.

Manuel Bandeira, confiante na crítica consistente que receberia do amigo Mário de Andrade, ficou desapontado com a falta do que seria uma opinião sincera e sem a chamada “espinafração”. A crítica mais severa traria para Bandeira uma satisfação maior. Para responder, Mário escreve em carta de 29 de dezembro de 1924:

[...] a tua carta de agorinha me entristeceu, me alvoroçou, me alegrou, mas sobretudo me entristeceu. Começava com aquela queixa, espécie de gemido amigo, tão silencioso “antes de entregar os meus versos à tipografia, mandei-os a você, pedindo que os criticasse etc.” e dizes que eu não critiquei. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 168. Carta de 29 de dezembro de 1924).

Mário de Andrade se mostra aparentemente aborrecido com a carta recebida anteriormente. Afirma ter criticado o *Carnaval e Ritmo dissoluto* na íntegra, o que, para Manuel Bandeira, perceptivelmente não era verdade. Pelo que parece, este teria razão, pois Mário se desculpa por sua leitura diminuta.

Mário considera que, às vezes, tem de ler uma crítica, um poema, por várias vezes. Ele diz que, por vezes, em uma primeira leitura, muitas coisas não são descobertas e foi exatamente o que aconteceu:

Deus me livre, por exemplo, que você pense que ao ler os teus originais eu tenha dito para mim: “Não, isso eu vou guardar pra cascar na crítica de quando sair o livro”. Isso eu era incapaz de fazer contigo e é pensamento intolerável pra mim que imagines sequer de leve eu tenha feito isso. Não fiz. É verdade que não disse quase nada ao ler os teus originais. Mas tem algumas razões que diminuem o tamanho da falta. Tem muita coisa que a gente não descobre numa primeira ou segunda leitura mesmo. Depois um dia por acaso descobre. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 168, grifo nosso. Carta de 29 de dezembro de 1924).

Essa pequena discussão entre os poetas coloca em pauta, desde os primeiros anos de correspondência, como se efetiva a construção da fidelidade

entre amigos, aqui centrada no pedido de uma crítica sincera de um, e na surpresa e receio do outro em pensar que pudesse ser mal compreendido, como se vê no trecho destacado da citação acima.

Esse exemplo das discussões entre os escritores também mostra como as cartas foram o veículo de construção da amizade, o meio de aproximação entre eles. Mário de Andrade residia em São Paulo e Manuel Bandeira, no Rio de Janeiro; Mário chamando Bandeira de “Manu” e Manuel Bandeira chamando Mário de “Marioscumque”. A distância era grande, porém o meio de comunicação por mais difícil, menos acessível que fosse, não deixava de ser executado praticamente toda semana ou várias vezes na semana: escreviam críticas literárias, desabafavam sobre questões pessoais e alheias.

Para melhor subsidiar esta discussão, vê-se a necessidade de buscar os diferentes significados de amizade, vindos não da literatura ou das cartas, como apresentado até aqui. Inicia-se pelo conceito de amizade dos lexicólogos com a finalidade de esclarecer os diversos pontos de vista.

Segundo o *Dicionário Houaiss* (2009, p. 39) amizade significa:

1 sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades Exs.: *sentia-se feliz com a a. do seu mestre; não há grande a. entre os clubes da cidade* 2 Derivação: por metonímia. quem é amigo, companheiro, camarada Ex.: *é uma de suas a. fiéis* 3 relacionamento social (mais us. no pl.) Ex.: *faz amizades facilmente* 4 concordância de sentimentos ou posição a respeito de algum fato; acordo, pacto, aliança. 5 apego de alguns animais ao homem Ex.: *cães demonstram a. abanando o rabo* 6 Uso: informal. atitude de benevolência Ex.: *tratou o bêbedo com a.* 7 Diacronismo: antigo. estado de concubinato; mancebia 8 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. us. como *interlocutório pessoal*. Ex.: *ei, vá com calma, a.!*

Já o *Dicionário Aurélio* (2009, p. 41) traz o seguinte significado:

1 Sentimento de estima ou de solidariedade entre pessoas, grupos etc. [+a, (para) com, por: Tem amizade às irmãs; Sua amizade (para) com / por eles nunca diminuiu]. 2 Pessoa amiga: Luísa é uma de suas amizades. 3. Relação de caráter social: Ele faz amizade(s) facilmente. [Mais us. no pl.] 4 Sentimento ou estado de entendimento entre pessoas, grupos, países etc.: a amizade interamericana. 5 Apego de alguns animais pelo homem 6 Benevolência [F: Do lat. Vulg. *amicitatem*.] > ~**colorida** Bras. Relacionamento amoroso sem compromisso formal ou de continuidade **Nossa** ~ Pop. Expressão interlocutória informal: meu chapa, meu amigo.

Em *Caldas Aulete* (2011, p. 99), amizade significa

1 sentimento de estima ou de solidariedade entre pessoas, grupos etc. [+ a, (para) com/por: tem amizade às irmãs; Sua amizade (para) com/por eles nunca diminuiu.] 2 Pessoa amiga: Luísa é uma de suas amizades. 3 Relação de caráter social: Ele faz amizade(s) facilmente. [mais us. no pl.] 4 Sentimento ou estado de entendimento entre as pessoas, grupos, países etc.: a amizade interamericana. 5 Apego de alguns animais pelo homem. 6. Benevolência (F.: do lat. Vulg. Amicitatem].

Amizade, no *Dicionário Priberam de língua portuguesa* (2015), é

1 sentimento de afeição e simpatia recíprocas entre dois ou mais entes (ex.: *obrigado pelo carinho e pela amizade*). ≠ DESAMIZADE, INIMIZADE 2 Pessoa em relação a quem se tem esse sentimento (ex.: *fazer novas amizades*). = AMIGO 3 Relação de entendimento, concordância, afinidade (ex.: *amizade luso-angolana*). ≠ INIMIZADE 4 [Antigo] Concubinato, mancebia. 5 [Brasil, informal] de tratamento cordial (ex.: *tudo bem, amizade?*). = AMIGO, CHAPA, NOSSA-AMIZADE.

No *Dicionário UNESP do português contemporâneo*, de Francisco S. Borba (2011, p. 63), amizade significa

1 sentimento de afeição; estima: O que Amaro sentia por ela era só amizade. (+ com) 2 boa convivência; entendimento: Agora Otávio estava de amizade com o rapaz negro. 3 Aproximação: aquela amizade com o diretor não era de todo desinteressada. [Co] 4 pessoa amiga: Ele recebia suas amizades aos sábados. (*Coloq*) 5 modo de dirigir-se cordialmente a alguém: Ei, amizade, traz o cardápio para nós.

Segundo o *Dicionário da língua portuguesa* de Evanildo Bechara (2011, p. 261), amizade significa

1 sentimento de simpatia, solidariedade entre pessoas, grupos, entidades. ~ Nutre forte amizade pela colega. 2 Pessoa amiga. 3 Relação social (mais us. no pl.) ~ Faz amizade(s) em toda parte 4 Afeto de certos animais (cão, gato, etc.) pelo homem. ~ **Amizade colorida** Relação amorosa passageira, sem compromisso @ [do lat. Vulg. *amicitas, atis.]

Percebe-se que todos os conceitos são bem parecidos, entretanto nenhum deles menciona a atitude daquele que se opõe a alguma conduta do amigo que cometeu algum erro ou delito, diferentemente do que pode ser visto no poema de Drummond endereçado a Pedro Nava. Crê-se que a verdadeira amizade implique isto também: não apenas destacar a cumplicidade, afeição e simpatia, o que está claramente dito por Mário de Andrade, que junto com o sentimento de afeição, de capacidade de perdão, traz também as “pequenas traições” para o mundo das amizades:

[...] me deixe citar pra você um pedacinho do *Turista Aprendiz* no dia em que passo por Pernambuco: “A faculdade que mais enobrece o homem, que diviniza é a constância no perdão de que deve ser feita a amizade. Constância no perdão que carece não confundir com indiferença pela falta. **Toda camaradagem é feita de traições pequenas**, a mais frequente e cotidiana das tais sendo a observação do companheiro e a recreação crítica em nós dos movimentos psicológicos que o fazem imaginar e agir. Só quando nos criticamos pro outro esses movimentos e os perdoamos em nós, não é companheiragem, é amizade” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 385, grifo nosso. Carta de 7 de abril de 1928).

Além dessa possibilidade das pequenas traições, a amizade pode ser permeada por suspeitas e temores, como Mário se sente quando cobrado por Bandeira. Em geral, a amizade pode surgir no meio em que as pessoas convivem, por exemplo o trabalho, o colégio, a faculdade, mas também pode surgir por acaso.

De acordo com Oliveira (2011), os lexicólogos centram o significado da amizade no campo dos sentimentos, presente apenas quando há o condicionante de uma relação diádica, ou seja, entre dois ou mais entes. De certo modo, todos eles comungam que a amizade está intimamente ligada às questões intersubjetivas dos entes envolvidos na relação estabelecida. “O sentimento ‘amizade’ só germina quando as apreensões subjetivas de um ente A se converge com as apreensões subjetivas de um ente B, criando assim um mundo intersubjetivo de interesses e sentimentos.” (OLIVEIRA, 2011, p. 315-339).

As diferenças entre os significados do termo amizade para os lexicólogos aqui apresentados encontram-se na amplitude de apreensão do conceito. Para o *Dicionário Houaiss* (2009) a amizade pode estar presente tanto nas relações interpessoais, nas relações homem-animal, quanto nas relações sociais institucionais, apresentando assim a amizade com um conceito mais amplo.

O Aurélio (2009) traz duas situações inusitadas que divergem do consenso anteriormente apresentado: ao tomar a amizade como sinônimo de solidariedade, admitindo que a ação positiva frente ao sentimento ou condição de outrem é uma forma de amizade; e ao tomar uma variação do termo amizade – “a amizade colorida” –, admitindo as relações amorosas (de cunho sexual) sem uma continuidade, também, como uma forma variável da amizade.

Aulete (2011) comunga com Aurélio (2009) ao admitir a solidariedade como sinônimo de amizade, porém traz algo novo: a possibilidade de ver a amizade não apenas no campo dos sentimentos. Para ele, a amizade pode ser admitida também

como uma “relação de caráter social” sem que para isso exista sentimento envolvido, mas apenas uma relação de interesses mútuos. Nessa perspectiva admite-se tipificar a amizade que envolve sentimentos entre os entes e a amizade cujos interesses envolvidos são apenas na ordem social.

Priberam (2015) não apresenta dissensos das questões inicialmente pontuadas e acrescenta a percepção de que o sentido de amizade pode significar as relações de amorosas (sexuais) de concubinato e mancebia. Embora nas questões práticas da sociedade o concubinato e a mancebia se apresentem como relações estabelecidas entre as condições de estados civis, o que a distingue da amizade, *Priberam* (2015) admite a sinonímia.

O *Dicionário da UNESP* (2011) não menciona a possibilidade da relação do sentimento de amizade institucional ou homem-animal; todas as sinonímias apresentadas consideram a amizade apenas como sentimento existente nas relações interpessoais.

Bechara (2011) não traz novidades às questões colocadas anteriormente. Admite os consensos apresentados inicialmente bem como a sinonímia das relações amorosas passageiras como sinonímia da amizade.

Alguns amigos, inclusive, chamam-se de melhores amigos, pois se consideram mais que amigos, um irmão de coração. Embora existam muitas formas de **amizade**, algumas das quais podem variar de lugar para lugar, certas características estão presentes em vários tipos de **amizade** – “Com um amigo recomeçamos a conversa como se ela tivesse sido interrompida ontem, ainda que tenha passado muito tempo...” (ALBERONI, 1994, p. 74).

Ao se aproximar o que está dito nos dicionários do que se apresenta nas cartas, pode-se ver que Houaiss e Villar (2009) consideram que a amizade é um “sentimento de grande afeição, de simpatia por alguém não necessariamente unido por parentesco ou relacionamento sexual”. Já no *Dicionário da Língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda (2007), a amizade se liga a um sentimento fiel de afeição, apreço ou ternura entre pessoas, e isso é o que se vê, por exemplo, em amizades diversas de Mário de Andrade, inclusive com Tristão de Athayde, declarada em carta a Bandeira em 1927:

[...] tenho uma bruta duma ternura pelo Tristão. Tenho mesmo. [...] Escrevi também uma Carta aberta que deverá de sair nalgum número do *Diário*

Nacional (mando) sobre as críticas que me fizeram pro *Amar*. [...] A crônica do Tristão apesar das inexactidões que você mesmo apontou acho esplêndida. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 365-366. Carta de 27 de novembro de 1927).

Nessa declaração, o sentimento de amizade está aliado à sensação de respeito intelectual. Seja considerando a amizade um sentimento de afeição e simpatia recíprocas entre dois ou mais entes, uma relação de entendimento, concordância, afinidade ou ainda forma de tratamento cordial entre pessoas; ou ainda como uma espécie de sentimento de afeição; estima, entendimento; aproximação; ou como solidariedade entre pessoas, grupos, entidades e relação social, observa-se a amplitude do conceito de amizade. Essa amplitude é o que possibilita a discussão levantada por Bandeira em suas cartas: “Para o mais de sua carta tenho escrúpulo de falar à *coeur ouvert*. É que não acredito na amizade na extensão e profundidade em que você a concebe. Amizade: afinidade de inteligências, relação de inteligência.” (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 124. Carta de 23 de maio de 1924).

Bandeira diz que tem escrúpulo de falar de coração aberto, pois não sente tanta segurança, solidez na amizade como Mário a concebe. Os dois estão discutindo o conceito de amizade ao levantarem as questões sobre a necessidade de perdão, as dimensões da estima e o sentido elevado do sentimento de amizade. Para os poetas, especialmente para Mário, a amizade une os seres na vida, na arte, e na morte: “Eu considero você meu maior amigo, o Amigo, o que eu queria ter a meu lado na hora da minha morte que como você sabe deve ser uma hora em que a gente não tem tempo pra desperdiçar.” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 262. Carta de 12 de dezembro de 1925).

Para além das definições de amizade recolhidas nos dicionários e nas cartas, tem-se também a reflexão dos grandes filósofos sobre o assunto. Para Platão (1983, p. 261-272), só o homem de bem pode ter a amizade daqueles que lhe fazem companhia. Para ele, a amizade por si só é muito significativa na vida do homem. Sendo assim, alcançará a verdadeira riqueza que é o seu próprio amigo, o seu próprio bem. O homem afortunado que é amado obterá como resposta o amor, a amizade. Então Platão escreveu um “diálogo” sobre a amizade chamado *Lísis*, que intitularia um diálogo da juventude, tendo como seu principal interlocutor Sócrates. Platão finaliza o diálogo levando Sócrates a admitir que não tinha ciência da

definição de amizade. Entretanto, Platão não venceu o combate enfrentado no *Lísis* ao objetivar definir o sentido profundo de amizade ao dizer: “essas pessoas dirão que nós nos imaginamos mutuamente amigos [...] quando, na realidade, não conseguimos sequer descobrir o que é um amigo” (PLATÃO, 1983, p. 272).

Aristóteles (1973, p. 203-209), por sua vez, começa expondo que nenhuma pessoa apreciaria viver sem amigo. Se o indivíduo estiver bem consigo mesmo, terá a necessidade de um amigo em todas as horas, pois a amizade nada mais é que uma virtude do ser humano. Então, para o homem se sentir em absoluto contentamento, prazer, não basta a si; será necessária uma amizade e, por mais que o homem tenha posses, poder, a amizade irá alimentar a vida. Defronta-se com este tipo de amizade em quase todos os períodos da vida. Pode-se apontar naturalmente quantas e quais não foram as amizades que constituímos segundo o prazer. De outro modo, quando temos uma equipe ou um grupo que luta por um objetivo ou por um bem comum, essas pessoas, neste caso, não se amam e não desejam a companhia umas das outras por si mesmas, entretanto preservam uma relação de amizade porque isso resultará em uma cobiça, interesse próprio. Segundo ele, na amizade,

cada um recebe do outro, em todos os sentidos, o mesmo que dá, ou algo de semelhante. [...] As amizades famosas celebradas nas composições poéticas aconteceram sempre entre dois amigos somente. [...] A amizade é uma alma com dois corpos (ARISTÓTELES, 1973, p. 207).

Parece ser isso o que acontece com Mário e Bandeira. Em carta de maio de 1930, Mário afirma:

Manu,
recebi o seu livro hoje e foi um alegrão. Você não quer mas como que a gente não há-de escrever pra você suando amor por todas as intensidades! Sou amigo de você, recebo livro de você, naturalmente que fico numa danada de doçura comovida (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 450. Carta de 25 de maio de 1930).

O poeta paulista celebra a atitude de Manuel Bandeira enviar-lhe um livro tão esperado – *Libertinagem* – e evidencia sua emoção. E Bandeira, por sua vez também afirma, em carta de mesma data, a proximidade entre eles:

Mário.

Recebi agora mesmo sua carta de 19. Estava com a mão na massa escrevendo o artigo de sábado para o *Diário*. Aproveito a embalagem. Sempre me anima ouvir dos amigos como você uma palavra sobre a minha prova. Vivo desconfiado sempre. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 448. Carta de 22 de maio de 1930).

O escritor pernambucano diz a Mário sobre a importância da opinião dos amigos, motivo pelo qual envia as provas do livro a ele. Para Bandeira, o autor de *Paulicéia desvairada* é o amigo que dá ânimo, coragem.

Ainda sobre o pensamento de Aristóteles, Moraes Neto (2012) afirma que o filósofo considera a amizade uma ação generosa e que traz felicidade. A virtude está no próprio homem em se sentir na condição de amar ao outro como também ser amado. Para o filósofo, a amizade tem a sua dignidade, a sua decência, a sua justiça. Para ele, são felizes e de bem aqueles que são amigos.

Esse sentimento efusivo proporcionado pela amizade parece estar presente em Mário de Andrade, ainda nos primeiros anos de correspondência:

Tua carta merecia um grito imediato de agradecimento. Este vem agora unicamente, mas não tardio, porque eterno. [...] Num dos poemas de *Losango cáqui*, exclamo, desnudando inteiramente:
“Meu Deus! Perdoai-me!
Creio bem que amo os homens por amor dos homens!” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 92. Carta de 22 de maio de 1923).

Mário de Andrade fica literalmente grato com a carta enviada por Bandeira. É como se fosse um bradar de emoção e ao mesmo tempo de agradecimento. A revelação da intensidade do sentimento de amizade parece ter contribuído para a construção da intimidade dos missivistas.

Outro que reflete sobre a amizade é Epicuro (1973). O filósofo considera que para ser um homem de bem e, sobretudo, feliz deve-se construir boas amizades. A amizade é a condição de se ter riqueza e felicidade completa e isso é sabedoria, pois a amizade é útil e necessária para completar a vida do homem, é desejável sempre aos bons amigos. Para se ter amizade deve-se ter amor. Para ele, por um amigo muitas vezes arrisca-se a própria vida; pois a amizade é almejada e indispensável para completar a vida do homem, é esperada sempre aos bons amigos. E assim afirma: “o sábio sofre pelo amigo torturado como se fosse ele próprio” (EPICURO, 1973, p. 31). Epicuro (1973) considera que: “Não sofre mais o sábio por ser submetido à tortura do que ver um amigo ser torturado, e por ele está

disposto a morrer, pois, se trair o amigo, toda a sua vida será perturbada e subvertida pela sua infidelidade” (EPICURO, 1973, p. 31).

Em suas *Sentenças principais*, Epicuro (1973) afirma: “De todas as coisas que a sabedoria nos oferece para a felicidade da vida, a maior é a amizade” (EPICURO, 1973, p. 35). Pode-se verificar, dessa maneira, mais um pensador que considera a amizade como elemento relevante para a vida. Segundo ele, a amizade, ainda que não nos alforrie das dores do corpo e da alma, nos ajuda a suportá-las. Ao definir amizade, Epicuro (1973) acrescenta à ideia de amor a noção de fidelidade. Reflexão semelhante pode ser vista em carta de Mário de Andrade a Bandeira:

Ando cheio de dores físicas. E morais também. Mas uma coisa muito curiosa é que sofro só pelos outros. Insultos que recebo, impecilhos que me prejudicam, e toda a possível procissão de dores morais, sem número, não destroem minha felicidade. [...] E sofro. Aqui em casa riem de mim, porque ando a sofrer males alheios. Deus me deu essa fraqueza, desde que vi minha indiferença diante de meus próprios sofrimentos. Aguento a fraqueza, valentemente. Mas não posso me consolar. Não me conformo com a maldade e estupidez humanas. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 87-88. Carta de 22 de abril de 1923).

O missivista diz a Manuel Bandeira que passa por dores morais e físicas. Física porque não anda bem de saúde, sente-se cansado; e moral por causa dos acontecimentos desagradáveis na vida acadêmica. Mário se sente aborrecido pelo fato de, segundo Moraes (2000), Guilherme de Almeida ser considerado “plagiário” da poesia *Chansons de Bilits* (*Canções de Bilits*), de Pierre Louÿs, quando, em sua opinião, a intenção do autor é querer trabalhar numa poesia a fim de limá-la e torná-la mais sublime. Então, Mário de Andrade, não se conforma com as atitudes dos companheiros de jornada, fica injuriado, irritado. Mário parece, também, querer se manifestar solidário aos que lhe são próximos. É o que parece demonstrar a preocupação que tem com Bandeira:

[...] E eu pra você, em tudo quanto posso e com a mais intensa perfeição minha, perfeição a que não escapam gestos de que eu tenha que me arrepender. Não sei, mas me parece que no momento você está carecendo dum amigo assim e por isso é que tomo a liberdade de falar com franqueza: você está carecendo de alguma coisa? (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 479. Carta de 05 de janeiro de 1931).

Manuel Bandeira responde a Mário:

Acabo de escrever para o *Diário* uma crônica sobre você. Li e reli o seu livro várias vezes, sobretudo os “Poemas da negra” e os “da amiga”. Mas não fiz crítica do livro, fiz crônica sobre a evolução da sua poesia para a forma serena e bem construída, para a calma espiritualidade das suas últimas coisas. E só isso deu o palmo necessário da colaboração. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 480. Carta de 07 de janeiro de 1931).

Mário de Andrade é sempre solidário com o amigo e tem grandes preocupações com o companheiro Manuel Bandeira. Sente necessidade de partilhar seu cotidiano de uma forma universal, seja em momentos em que se encontra em estado de tristeza ou em estado de viva satisfação.

Nesse sentido, uma das atitudes mais evidentes é o desejo de partilhar o processo cotidiano mais comum, aproximação que parece estar em carta de Mário a Bandeira:

Manuelucho.

Vamos a ver se digo qualquer coisa pra você. Meu Deus, como ando ocupado! Agorinha dei mais uma lição de Estética, ponto. Da Música, expliquei a natureza da compreensão musical, como se manifesta, onde se dá. Depois esses quatro capítulos iniciais da minha Estética irão para você. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 205. Carta de 07 de maio de 1925).

Nesse diálogo em que as tarefas acadêmicas e literárias são apresentadas, Bandeira responde com a mesma queixa, a de estar muito atarefado e, principalmente, com uma certa preocupação com os rumos dos debates modernistas:

Mário.

Acabo de ler sua carta de 7. Antes de mais nada: enderece agora a correspondência diretamente pra mim: rua do Curvelo 51, Santa Teresa. Essa história de modernismo está mesmo extremamente aporinhante. Sabe o meu sentir íntimo? É que o grupo precisa ser espatifado porque não há nele real espírito de camaradagem. Tudo o que você diz do Graça é justo. A coisa ainda é mais revoltante do que você pensa, pois aos olhos de muita gente o Graça é um ingênuo que está fazendo idealisticamente o jogo de meia dúzia de cabotinos!! Já ouvi dizer isso mais de uma vez. O único corretivo que vejo à situação criada pela atitude açambarcadora do Graça é em conversa e em artigos repor as coisas no lugar. Pra mim a *Estética* devia acabar. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 208. Carta de 11 de maio de 1931).

Outro filósofo que reflete sobre a amizade é Cícero (1996). Ele considera que será honrado, abundante e iluminado aquele que oferecer a verdadeira amizade, que é a fonte de luz emitida por Deus que ilumina o caminho dos homens de bem.

Diz que sem amizade não pode haver virtude. Cícero (1996) não se refere “à amizade vulgar ou medíocre a qual, todavia pode agradar e ser útil também, mas a verdadeira e perfeita amizade, tal como foi aquela de alguns poucos e famosos amigos” (CÍCERO, 1996, p. 93-97). Ao considerar a amizade de Bandeira um “bafo quente”, um conforto íntimo, Mário de Andrade parece antever, na convivência epistolar com Bandeira, essa “perfeita amizade” referida por Cícero.

Eu sei que você havia de descobrir num gesto numa palavra num olhar aquele conforto que faz a gente largar esta gostosura de vida na Terra certo de que inda permanecerá. Eu sei disso porque dentro de suas cartas de vez em quando a amizade espia e vem um bafo quente dela que me faz enormemente confortado e feliz. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 262. Carta de 12 de dezembro de 1925).

Mário de Andrade se refere ao calor humano que vem das cartas de Manuel Bandeira, o que o deixa feliz e reanimado. Dessa maneira, sente-se aliviado também por saber que a amizade não se esgota naquelas palavras: ela continuará e deixará marcas infundáveis mesmo quando se afastarem um do outro.

Ao refletir sobre a amizade, Sêneca (1969) citado por Baldini (2000) considera que coisa alguma pode destruí-la, nenhuma discórdia, dissensão, tampouco desarmonia poderão oscilar o que foi construído com um sólido fulcro; no entanto, o sábio deseja seu amigo em cada momento em que vive.

Esse parece ser o sentimento de Mário de Andrade ao atribuir à sua máquina de escrever o nome do amigo:

Manuel do coração,
comunico que comprei esta máquina. Se você estivesse aqui era um abraço pela certa, tanto que estou contente. Já se sabe: pelo processo amável das prestações. [...] Manuela é o nome da máquina, por causa de você. Inventei agorinha mesmo isso. Não refleti nem nada: ficou Manuela. Assim a homenagem saiu bem do coração. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 200. Carta de 18 de abril de 1925).

Mário.
Meus parabéns pela máquina! Eu também estou pra receber uma, marca Erika, último modelo. retribuindo a homenagem, vou chamá-la... como mesmo? Mariana ou Maroquinhas? Você é o padrinho, escolha. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 204. Carta de 06 de maio de 1925).

Com essa brincadeira mútua, os amigos confessam o desejo de estarem um com o outro em cada instante da rotina. Mário de Andrade faz a compra de uma máquina de escrever e ela se torna a presença do amigo, presença que preenche o

momento da escrita. Essa foi a forma de partilhar com o outro a sua alegria, de trazê-lo para junto de si. Bandeira retribui com gesto semelhante, ao continuar o jogo proposto pelo amigo. Esse é um modo de preservar e reconhecer as verdadeiras amizades, tal como afirma Abelardo (1985, p. 85-88), para quem a preservação do amigo é um bem maior, pois o amigo vale mais do que qualquer coisa neste mundo. Ele é uma preciosidade. Conhecidos, colegas são muitos, porém amigos são verdadeiramente poucos, são os escolhidos do homem e de Deus. Mário de Andrade não é diferente, pois no momento da solidão, do vazio, da angústia não se torna rara a procura pelo amigo Manuel Bandeira:

Manuel dear:

Manuela vai bem, muito obrigado. Estou num desses momentos em que a gente carece dum amigo, por isso vim conversar com você. Não se assuste. Não tenho nada, não me falta nada, isto é o que me falta passo muito bem sem ele, não me faz falta. Você sabe: vontade de conversar, vontade de ter alguém junto palpitando, até sem falar. O silêncio junto é a melhor coisa da amizade você já reparou? (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 212. Carta de 31 de maio de 1925).

Nessa carta, Mário confessa o quanto sente falta de Manuel, parece que também pensando que a solidão convoca a presença e o silêncio do amigo. Nesse sentido, remete-se ao conceito de amizade de Erasmo de Rotterdam (1934), citado por Baldini (2000), que a considera superior a qualquer prazer, mais necessária que tudo que nos rodeia neste universo, pois os amigos são a família, o bem mais necessário. Esse sentimento possibilita que se fechem os olhos para não se enxergarem os erros dos amigos, tornando-os assim uma qualidade, uma virtude

Montaigne (1984) considera que a amizade é um fogo que se acende, é respeito, é sinceridade e comunhão, tempero e doçura, preservação do que jamais pode ser desfeito. A amizade é suave, é beleza, é desejo naquilo que a cada instante se enaltece, gozo constante. Montaigne (1984) escreve: “As almas se entrosam e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, e nem se percebe a costura entre elas” (MONTAIGNE, 1984, p. 91).

Dessa maneira, amizade significa compartilhar, dividir, crescer não sozinho mas em grupo. Montaigne (1984), quando perde um amigo com o nome de La Boétie, escreve uma frase bastante singular sobre a referida amizade dos dois: “a

morte de La Boétie mergulhou-me numa noite escura e aborrecida”(MONTAIGNE, 1984, p. 91).

Encontra-se tudo isso nas palavras de Mário de Andrade, num momento de profundo desânimo:

Manuel querido.

Domingo: grande prazer. Ribeiro Couto. Passamos a noite a conversar. Passarias uns dias em São Paulo... Tudo que imaginei!...

Segunda: grande pesar. Tua carta. Não vens! Arquiteturas ruínas. Partenon em 1923. E a tristeza dos largos horizontes sem vida, nem vegetação.

Mas teus poemas. Compensação. “Sob o céu todo estrelado...” Fiquei indeciso: devia sorrir? Ironia? Se assim, tem um chiste, direi doce, delicioso. É isso. Compreendi teu poema? E a alusão ao outro amigo? Mas por quê? Dize-me que foi ironia sem maldade. Pesar-me-ia que fosses perverso com alguém que te estima. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 95. Carta de 07 de junho de 1923).

O escritor diz que os poemas bandeirianos lhe oferecem conforto, doçura e prazer e deixa muito claro esse contentamento, essa felicidade, esse alumbramento. Diz ter no poema *Sob o céu todo estrelado...*, publicado em *Ritmo dissoluto*¹¹, um fino gosto espirituoso de humor, um gracejo que emanava o que fosse de melhor – prazer e muita emoção.

É ainda Francis Bacon (1996, p. 102-110) que nos informa os efeitos da amizade no homem. Segundo ele, o homem sem amizade fica depressivo, muito mais quando se trata de uma cidade grande. Quanto maior a cidade, maior a depressão, e assim pode-se perceber e avaliar o quão é importante, nesse momento, a amizade, pois ela é compassiva e prazerosa, faz com que tudo de mal saia do homem. É mais um a pensar que, quando a amizade é cultivada, o bem prevalece, a alegria perdura e os sofrimentos podem ser divididos com o amigo, pois a partilha faz parte da amizade.

Baldini (2000), em sua obra *Amizade & filósofos*, ao tratar do pensamento de Bacon, informa que o filósofo considera que a amizade torna as coisas mais amenas e o amigo é o remédio contra todos os males, é a magia. A amizade muda o rumo da história com sua benevolência e transforma em bem o que é melancólico. Como diz o próprio Bacon (1996): “um amigo é um outro eu” [...] “se não tiver um amigo, pode abandonar o palco” (BACON, 1996, p. 102-110). O resultado de uma amizade

¹¹ A primeira edição de *Ritmo dissoluto* é de 1924.

é salutífero e admirável para a percepção, visto que substitui as agitações e os reboliços, como também os tumultos, as desordens e inspira com lisura a profunda escuridão e a desordem do raciocínio. Sentimento semelhante parece presente nas cartas entre Mário e Bandeira. Vejam-se aqui as palavras de Bandeira:

O teu *Losango cáqui* tem sido nestes últimos tempos o espanador da minha melancolia. Já o li e reli de cabo a rabo mais de 5 vezes. **Que frescura e sutileza de sensações encontro nele!** E o teu coração, que vale ouro. Como lamento que pai seja morto: ele era o homem para apreciar a face brincalhona da tua arte. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 108, grifo nosso. Carta de 11 de dezembro de 1923).

Como se vê, as palavras do filósofo são muito próximas do sentimento do poeta. A obra *Losango cáqui*, à qual Manuel Bandeira se refere, tira-o da melancolia. Contribui para que ele atravesse melhor os momentos de angústia e solidão. É um caminho, um “verdadeiro caminho que se pode encontrar à luz da vida”. Neste caso esse indivíduo aprecia o homem tendo por ele uma simples afeição que se traduz no verdadeiro amor, pois esse ideal de homem é a verdadeira paixão, como diz Descartes (1983). Observa-se que este, ao falar sobre a amizade, refere-se ao amor, à afeição. Para ele, tem-se amizade quando o amor é comprovado, quando apreciamos o outro mais que a nós mesmos. A amizade é uma paixão, é uma devoção ao outro, é o bem que se faz ao amigo.

Continuando esse cotejo comparando as opiniões dos filósofos com a prática e a vivência afetiva presente nas cartas de Mário e Bandeira, encontramos o pensamento de Nicolas Malebranche (2004), que considera que os amigos nos fazem dizer o melhor quando estamos sempre a elogiá-los; no entanto, por mais que se tenha amigos e busque exaltá-los, jamais se pode aprovar o erro do outro, quando o correto está distante disto. O filósofo recomenda que se deve elogiar os amigos no momento certo e ser áspero e rude com eles sempre que necessário. Malebranche (2004) critica os filósofos que estudam as relações da alma com o corpo sem considerar sua união com Deus. Segundo ele, o enfraquecimento das relações da alma com o Divino foi consequência do pecado original, que fortaleceu a relação alma-corpo, afirmando que o erro é a causa da miséria dos homens. Assim, conclui ser necessário denunciar os erros e suas causas por meio de uma análise das percepções da alma, que se realizariam por três modos distintos, a saber: os sentidos, a imaginação e o entendimento.

Voltaire (1984), ao falar sobre a amizade, considera que nenhuma imensidão se compara à de um amigo, entretanto a amizade é a coisa mais sublime do mundo, é a verdadeira virtude, é ter paz consigo mesmo e com o outro. A amizade é o encontro que se dá entre duas pessoas sensíveis com respeito, silêncio e harmonia. Nada mais é que um contrato implícito entre duas pessoas afetuosas e honestas. Isso é o que percebemos na carta de Mário para Bandeira:

Meu querido Manuel

[...] Deixa-me que te diga com toda a abundância de coração que tu és hoje para mim um dos meus maiores amigos, isto é um homem junto do qual eu sou eu, ser aberto que se abandona [...] Quando, para ler a *Paulicéia* na casa do Ronald, exigi dos amigos tua presença, não foi porque tivesse a curiosidade de te conhecer fisicamente. Foi para um *reconhecimento*. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 92, grifos do autor. Carta de 22 de maio de 1923).

A amizade de Mário e Bandeira é marcada por declarações amorosas entre os amigos, por demonstrações de carinho sempre retomadas pelos escritores:

Meu caro Mário.

[...] desde aquela noite em que nos avistamos em casa do Ronald, tive fé em ti como cabeça e como coração. Tu és já uma esplêndida realidade para mim. [...] É entre nós o único temperamento integralmente e harmoniosamente moderno. Todos nós outros somos mais ou menos adesistas; assimilamos o pensamento e a técnica moderna [...]. O verso livre moderno é o teu único instrumento de expressão como poeta. [...] estás vivendo a época da tua alma. Eis porque deposito tanta fé em ti. [...] Não tem projetos quem vive como eu ao Deus dará do amanhã. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 94. Carta de 31 de maio de 1923).

Carta com esse teor, em que se acentua a alegria simples do encontro de amigos, parece ser o que Croce (1956) chama de encontro de almas. Ele diz que o amigo é aquele com quem desabafa todos os sentimentos já que é o seu porto seguro e que a amizade nada mais é que uma poesia. Distinguir o amor erótico do sentimento de amizade é, aliás, uma das preocupações mais presentes entre os vários pensadores. Para Croce (1956), é preciso partir do amor elevado ao nível de relação moral – e não do eros –, para entender corretamente a amizade. Entende-se em Croce (1956) que para a decifração da amizade é necessário lançar-se do grande amor ao ponto da correspondência ética e não do Eros. A amizade está para o que é contínuo e pacato, tranquilo em delicadeza e pureza sem aspereza.

Para Santo Agostinho (1980), a amizade pode atravessar caminhos tortuosos se a relação se dá pela associação ao contentamento do prazer e interesses próprios. Os amigos verdadeiros são riquezas, raridades, finuras, grandiosidade inigualável, porque fazem o ser se mostrar em sua verdadeira vulnerabilidade. Dessa maneira, Agostinho (1980) diz que a fraqueza exerce um papel marcante na vida humana. E é por isso que os homens necessitam de amigos.

Baseado nas concepções dos filósofos mencionados e outros estudados por Baldini (2000), considera-se que entre amigos deve haver confiança, solidariedade, carinho, amor, entrega, doação, transparência, fidelidade, reciprocidade, pois que a amizade é o suprimento de uma alma, uma necessidade humana.

O indivíduo não controla a benquerença, ela acontece e começa a se desenvolver de várias formas. Com base nisso, surgem o amor, o respeito e a admiração, além de outros sentimentos benéficos. Para se ter uma verdadeira amizade os envolvidos devem compartilhar de sentimentos parecidos, por conseguinte os amigos precisam se amar e para tal terem seus objetivos em comum por livre e espontânea vontade. Por isso a amizade é o gesto de carinho e afeição. Entretanto, para preservá-la serão necessários esforços, fidelidade e companheirismo, a fim de manter essa preciosidade que é o vínculo da amizade. Os dois poetas, em suas cartas, discutem o conceito de amizade e, como foi dito, também verificam elementos apresentados pelos filósofos:

Mário da minha admiração, vá à merda. Não tenho que lhe dar satisfação dos meus sentimentos por mais sentimentais que eles sejam. Ou pareçam. Você pensará mesmo que eu te admiro por que te quero bem? E se eu lhe disser que não sei se te quero realmente bem? (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 260. Carta de 10 de dezembro de 1925).

[...] Você me pergunta: “Será mesmo que você pensa que eu te aprecio porque te quero bem?”

[...] Repare no carinho infinito, atenção paterna com que você quer que as minhas coisas fiquem excelentes. Não é a gente falando um pro outro “eu sou amigo de você” que mostra amizade não. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 261. Carta de 12 de dezembro de 1925).

Você me quer muito bem. Você me quer muito bem. Você comenta que a nossa amizade é carteadada... Isso não quer dizer nada, Manu! Isso é que é o mais puro mais elevado mais masculino feitio e manifestação de amizade. Você me quer um bem danado no que aliás tem certeza que é correspondido ponto por ponto. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 261. Carta de 12 de dezembro de 1925).

É num pensamento constante do amigo, é numa palpitação pelo amigo, é no “desejo de sentir o amigo” quando se está longe. E você se for capaz afirmar que não sente isso por mim. Sente, Manu. Porque, quando alguém

me fala que admira que nem eu o James Joyce eu digo: “esse sujeito é inteligente” e quando me fala que admira você não digo nada não penso nada porém sinto o prazer físico duma vitória? (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 261-262. Carta de 12 de dezembro de 1925).

Veja que nessa troca de cartas, ao discutirem sobre a diferença entre querer bem e ter admiração, os missivistas entram por considerações cuja pergunta implícita é exatamente o estatuto da amizade. Aqui, nesses trechos, o que se pode notar é que as cartas foram registrando o que os missivistas pensavam sobre os fundamentos da amizade entre os quais destacam: a admiração mútua, o desejo da presença física, a reciprocidade, a confiança. São fundamentos semelhantes aos que vimos destacados pelos filósofos e por Baldini (2000).

Essa amizade de Mário de Andrade e Manuel Bandeira foi sendo construída paulatinamente e foi amadurecendo principalmente porque os dois pareciam discutir e dizer a verdade um para o outro, o que pode ser considerado uma espécie de performance da sinceridade. Essa amizade fez com que tivessem uma experiência literária comum bem como um compromisso entre eles, delineado pela cumplicidade, pelo despojamento e pelo respeito.

Essa performance da sinceridade está traduzida pela escrita franca, pelos assuntos que abordam e pelo compartilhamento de opiniões intelectuais e artísticas, pelo afeto demonstrado nas cartas.

Além do que já se mostrou até aqui, destaca-se que as cartas, por vezes, eram noticiosas, oferecendo ao amigo informações sobre os acontecimentos diversos, como o que se vê na carta que se segue:

Meu querido Manuel,
perdoa a longa demora. Mas não me perco em explicações. Retardaria o que tenho a dizer. Acabei um poema. “Danças”. Se encontrares o Guilherme aí no Rio, poderás ler o poema que com ele está a única cópia que fiz. Prego agora a filosofia do dar-de-ombros.
Tem esse versinho que resume todo o meu atual cinismo filosófico:
“São inimigos,
São morfinômanos,
Virgens e honestos,
Crápulas vis.
Saúdo a todos.
Ninguém me estima.
Dançam meus ombros.
Eu sou feliz”.
Estás vendo? Não me deste trabalho nenhum. E sempre estou às tuas ordens para o que de São Paulo precisares.

Escrevo um romance, Manuel. É *Fräulein*. Está bastante avançado. Todo tempo meu que tenho, dou-o ao novo livro. Estou satisfeito comigo mesmo [...].

Graça Aranha está aqui há vários dias. Cada vez estimo-o mais. [...] Agora, com o aparecimento do *Nabuco* escreverei sobre Graça uma “Crônica de Malazarte”. Será a quarta naturalmente.

Klaxon tira agora mais um número. Concordas com publicar a tua “Na rua do sabão”? Espero que sim. O número está bom e talvez seja o último da minha adorada *Klaxon*. Depois cessa definitivamente, porque será substituída por uma nova *Knock-out*, de mais larga liberdade e com editores ricos. [...] Oswald e Sérgio chegam em dezembro. Sérgio traz já impresso o seu *Oeil de boeuf*. Oswald traz um romance *Memórias de João Miramar* – segundo me contaram interessantíssimo, moderníssimo, exageradamente de facção. Morro de curiosidade. [...]

Um grande abraço.

Mário. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 104-5. Carta de 15 de novembro de 1923).

Observa-se quanta informação é transmitida a Manuel Bandeira nesta carta. Há uma preocupação desmedida de Mário em transmitir todas as notícias do tempo em que ele ficou sem responder as cartas de Bandeira. Interessante notar que não eram poucas atividades que realizavam; ao contrário, eram várias. Essa forma de noticiar, de dizer ao amigo o que estava acontecendo, parece querer reproduzir a cena de um encontro pessoal, tal como no caso da nomeação das máquinas de escrever. Naquelas cartas, os amigos manifestam o desejo de que estivessem juntos no trabalho diário da escrita. Esse desejo de presença mútua parece confirmar o que ressalta Moraes (2000), para quem o “outro” nada mais é, nesse diálogo epistolar, que aquele que ocupa uma posição e/ou função de instrumento de equilíbrio na criação literária.

Essa amizade amorosa declarada nas missivas parece, porém, adotar, na presença efetiva do outro, um comportamento mais reservado, como o afirma Bandeira em carta datada de 10 de dezembro de 1925. Nela, Bandeira sugere que a relação de “bem-querer” existente entre os dois só se evidencia nas cartas, afirmando que, sempre que eles se encontravam, havia entre eles maior discrição, até mesmo alguma cerimônia entre os dois, principalmente quando se tratava de Mário de Andrade, que era muito espontâneo nas cartas, mas na presença dos amigos apresentava uma intensa timidez. Por isso é importante voltar os olhos para as marcas de proximidade e de sinceridade presentes nas cartas, meio pelo qual o elo de amizade vai se revelando e expondo o grau de intimidade existente entre os missivistas. Disso trataremos a seguir.

2.3 Intimidade construída pelas cartas

As cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira conformam as figurações do íntimo próprias das relações entre eles. Aí aparecem todas as marcas do cotidiano, sejam elas frívolas ou de maior importância, tais como objetos pessoais, dor, saudade, óbito, lembranças diversas trazidas pelo tempo.

De acordo com Souza, Laguardia e Martins (2013), as figurações do íntimo refletem um universo particular e sua vinculação com a leitura e a escrita constrói espaços consagrados à subjetividade; o espaço público em consonância com o privado, a intimidade reservada aos diminutos acontecimentos, ao ajuste confidencial do indivíduo e ao cuidado de si. São índices ou símbolos da intimidade peças fundamentais tais como relógio, máquina de escrever, escrivadinha, agendas, diálogos, viagens que constituem as confidências dos missivistas. No caso específico, será por meio das cartas que poderemos compreender como se dá a “figuração do íntimo” na correspondência desses dois escritores.

A proximidade de Mário de Andrade e Manuel Bandeira conduziu a uma amizade intensa que se tornou íntima a ponto de suas conversas tratarem dos assuntos mais diversos. Isso está evidenciado no fato de, pelas cartas, podermos perceber o desabafo e o consolo no cotidiano, nas reflexões sobre si, sobre o outro e sobre suas ideias e sentimentos.

Desse modo, tornou-se possível trocar até intrigas e bisbilhotagem dos colegas escritores e dos movimentos literários, históricos, culturais e sociais.

Esse tipo de franqueza não existiu em todas as cartas. Em algumas delas, o que aparecia era um tom didático e, por vezes, cerimonioso, tanto por parte de Mário quanto por parte de Bandeira:

Mário

Outro dia classificando cartas encontrei aquela sua “Oração”, “Nossa Senhora me dê paciência”¹², sobre a qual não respondi nada creio. É uma gostosura enorme. Só o quinto verso tem o defeito de parecer trocadilho. Mas não acho meios de mudar porque o “existência tão mal cumprida” é um imutável achado, e o “tão mais cumprida” não pode sair por causa do resto. E afinal a aparência de trocadilho é o selo da época... (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 292. Carta de 3 de maio de 1926).

¹² “Oração do Saco de Mangaratiba”: poema publicado no livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira, de 1930.

Em missivas como essas, o escritor Mário de Andrade se preocupava em explicar para o amigo Manuel Bandeira a leitura que fez do poema e indicar uma (im)possível correção.

A carta possibilita o diálogo com alguém que não se encontra presente, entretanto, conversa-se como se a pessoa estivesse próxima registrando, assim, uma história pessoal e íntima. Como no caso que aqui se estuda, algumas cartas podem passar a ser um documento, um testemunho vivo de uma época a partir de sua relevância histórica, social, política e ideológica, como pode ser visto em carta de Mário de Andrade em correspondência a Manuel Bandeira:

Manu,
 é quase uma hora, mas não faz mal durmo quando dormir, quando vier aquele estado de fadiga física tamanho que a inteligência, a alma, não sei o quê, parece que fica bêbeda, largada, não dá ar de si. [...] Por enquanto vamos escrever. [...] tenho estado doente outra vez, cheguei a passar aqui uma semana inteira sem existência própria. Depois, tanta preocupação, tanta política maldita, tanta perplexidade, essas coisas acabam com a gente. Ou pelo menos comigo. Aqui em casa voltaram as mesmas inquietações e mesmas suspensões dos últimos tempos do Perrepismo¹³ Só que agora elas são inda mais penosas, por tudo, pela desilusão aumentada e que dantes não havia, pela repetição que é como as recaídas, engravece a coisa. E ainda porque dantes sempre a gente como que estava em família, se tinha a esperança que castigo ainda vinha como parente pra parente, doía menos e era menos bárbaro. Agora se vier, vem de desconhecidos, de gente sem pelo menos aquele trato de sociedade que enluvava as malvadezas e sempre engana um bocado, vem duma gente estrangeira, todos são estrangeiros, todos são bárbaros, todos são incultos. [...] É horrível, Manuel. É penosíssimo. Ando atordoado, cortado pelas idéias mais díspares, parece que despenhei por um corrupio de atordoamentos, perdi o ímã, mudo de ideia de quarto em quarto de hora. [...] Manuel Bandeira, [...] tanto maior poeta quanto mais você ajunta aos traços mais pessoais e mais intratáveis da sua personalidade valores artísticos, ou então puramente geralmente humanos, que alisam, biselam, aveludam as suas arestas (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 500. Carta de 02 de maio de 1931).

Mário parece, aqui, falar de política, principalmente quando se trata do partido P.R.P., que o deixa extremamente irritado, incomodado. Junto com a preocupação política também comenta muito os poemas de Bandeira que havia lido: *Oração a Nossa Senhora da Boa Morte*¹⁴ e *Balada das 3 mulheres do Sabonete de Araxá*¹⁵.

¹³ Refere-se às ideias do Partido Republicano Paulista (P.R.P.), agremiação política extinta em 1965, fundado em abril de 1873.

¹⁴ *Oração a Nossa Senhora da Boa Morte*, no livro *Estrela da manhã*, de Manuel Bandeira (1936).

Entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, assuntos importantes foram discutidos e o fato de as cartas terem sido reveladas trouxe à tona aspectos diversos do modernismo brasileiro, tratados com uma linguagem simplificada, cotidiana, informal:

Tenho aqui uma porrada de cartas pra responder... Começo pela tua. Pelas tuas, creio que às duas últimas não respondi: Que trapalhada! Me lembro agora que pedes umas coisas... Pedes a minha cantiga, o *Primeiro andar*, “Kinderzenen” (como é que escreve mesmo?). Tem paciência. Irá tudo. Mandarei copiar o que não é mandável como está e mandarei pra mais uma deliciosíssima peça pra violão, de Manuel de Falla. Homenagem a Debussy, que saiu no “Tombeau de Debussy”, publicado há dois anos ou mais pela *Revue Musicale*. Ando ocupadíssimo com o nº de aniversário de Ariel, por isso tem um pouco de paciência. [...] E esta semana receberei provas da *Escrava* ...Que talvez saia ainda este mês! Meu Deus! Deixa-me embrulhar os assuntos, estou com pouca paciência pra pensar. Número de aniversário de Ariel saiu bonzinho, vais ver. Seis bons poemas, entre os quais o “Pianola” do Gui e o maravilhoso “Mercado de Prata etc”, nome pau! do Ronald. Teu artigo, Florestan, um Amaral rabugento, o meu estudinho sobre o amor em Bethoven e Dante, coisa sem importância, apenas legível. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 140. Carta de outubro de 1924).

Por esse trecho nota-se o intelectual e escritor ocupado com seus afazeres, cartas para responder, à espera por livros que serão publicados, poemas que foram escritos, como uma apresentação da vida cotidiano do homem de Letras naquele tempo.

Os missivistas utilizavam das cartas para emitir juízo crítico sobre as obras de diversos autores, não somente as suas. Isso pode ser percebido na carta em que começam a discutir a obra de Ronald de Carvalho, *Estudos brasileiros*, e que Mário de Andrade diz achar fraquíssimo o trabalho em uma crítica sincera e autêntica.

Com a historiada do Graça e do Oswald, condenei abertamente o procedimento deste. [...] Ora o Ronald me mandou os *Estudos brasileiros* e eu com toda esta abundância de coração disse-lhe o que sentia do livro. Acho o livro fraquíssimo. Começa pela empáfia do título. *Estudos brasileiros* implica qualquer coisa a mais do que já dito. Ora o livro não passa duma vulgarização que ainda por cima é sintética em vez de analítica. Logo: livro escolar. [...] O Ronald precisa deixar de ser o homem que faz conferências. [...] O que vi disse. Nego que seja elogio reconhecer as qualidades do Ronald. E a verdade é muito mais viril que o elogio. [...] basta lembrar que fiz questão de que estivesse na leitura de *Paulicéia* na casa do Ronald. Isso indica alguma coisa, creio. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 135-136. Carta de 10 de outubro de 1924).

¹⁵ Balada das 3 mulheres do Sabonete de Araxá, no livro *Estrela da manhã*, de Manuel Bandeira (1936).

O acanhamento e discrição visível em algumas cartas, é trocado por franqueza e objetividade em outras por trazerem críticas e reflexões claras sobre o movimento modernista, como na carta de Manuel Bandeira datada de 06 de janeiro de 1923:

Caro Mário.

[...] Gostei muito do trecho XLIII do *Losango cáqui*. Esses seus poemas, a que você chama de estudos, ensaios de expressão, agradam-me integralmente, porque dão a impressão de ser integralmente você, isto é, um sujeito em quem a emoção poética se debate no círculo de ferro de uma inteligência perpetuamente insatisfeita. Pode ser que você ainda não tenha achado o que procura. Mas achou alguma coisa já do seu eu inconfundível. [...] Você é um poeta e um homem inteligente. O poeta pode passar despercebido a quem não saiba o que é realmente poesia, mas o homem inteligente, a vespa de *Klaxon*, não. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p.81-82. Carta de 06 de janeiro de 1923).

Em suas cartas, Mário de Andrade e Manuel Bandeira traziam o crescimento intelectual, discutiam a estrutura e o desenvolvimento do movimento modernista e trocavam impressões de viagens. Mário, por exemplo, conta sobre a viagem ao Amazonas que tanto o encantou. O prazer despertado pela viagem, especialmente pela possibilidade de chegar a Belém, provoca nele um enorme prazer, uma espécie de gozo, comparado, inclusive, ao prazer sexual:

Estamos numa paradinha pra cortar canarana da margem pros bois dos nossos jantares. Amanhã se chega em Manaus e não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. [...] Vi o rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Teresa de você, vi a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas. [...] Porém Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 345-346. Carta de junho de junho de 1927, [s.d.]).

Mário, ao relatar a viagem ao Amazonas, salienta “um mundo de águas” e confirma que, ao navegar naquelas águas, quer sentir um prazer de alma, um prazer carnal, lascivo quando entrar em Belém. Manuel Bandeira também conta suas viagens ao amigo. Estando em Pouso Alto por motivo de doença (tísica), em 11 de janeiro de 1926, ele fala a Mário sobre os ares da amena cidade.

Mário.

Não estou pior. O grito foi por causa de Teresa.

Fiz uma viagem cansativa mas cheguei bem a Pouso Alto que é uma delícia de ar. Couto forte satisfeito, calmo, numa casinha alegre e cercada de sol,

com uma mulherzinha encantadora que você já deve saber se chama Ana Pereira (Ana Jacinta Pereira) e tem apelido de “Menina”. Fiquei contentíssimo com o quadro. Pouso Alto visto de fora pra dentro é tão alegrinho e bonitinho. Lá no dentro, no largo em frente da matriz senti aquela tristeza pesada dos meus começos de tísica pelo interior – Campanha, etc. É verdade que dei o primeiro passeio ao cair da tarde, o sino... (BANDEIRA Apud MORAES, 2000, p. 269. Carta de 06 de janeiro de 1926).

O quadro da viagem de Bandeira é bem menos efusivo. O motivo de sua viagem, a tísica atacada, o leva a um lugar mais arejado que lhe dê condições favoráveis para o restabelecimento da saúde. É momento melancólico, em diferença do gozo da viagem do amigo pelo rio caudaloso.

A intimidade construída pela amizade entre eles possibilitou que, em alguns momentos, usassem uma linguagem despolicada em suas correspondências, revelando a descontração e a liberdade de expressão de ambos.

*Há uma gota de sangue em cada poema. Reli-o há dias em casa do Prudente. Fiquei assombrado! **Francamente: considero uma merda aquilo** [...]. Só 3 versos. [...]*
Do ponto de vista brasileiro só você me satisfaz. [...]
*O meu poeminha sai no *Globo* de 2ª feira. Chamei-o “O Anjo da Guarda”. [...]*
Ciao.
Maneco. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 241-242, grifo nosso. Carta de 19 de setembro de 1925).

Bandeira apresenta uma linguagem despojada, corriqueira, cotidiana.

Manu
do coração, **fui à merda** como você me mandou, porém fui xingando “Manu tá besta!” todo o tempo. [...] Faz dias um amigo daqui falou **tiririca** que ele e os outros dizem que não gostam duma coisa minha e que eu sorrio não me incomodo e sustento a coisa. Não é bem isso não: **me incomodo** porém sustento a coisa porque geralmente constantemente só falam “não gostei” ou então como no caso de “Maria” dizem: Tire o “edição de Oxford” porque isso é erudição. Você compreende: que valor crítico pode ter uma crítica dessas? Da “Cantiga do ai!” que todos detestaram [...] acharam que era sentimentalismo chorão [...]. Me responda sobre isso. [...]

E pra você ver o que é amizade fui à merda com esta carta, porém obriguei você a ir junto comigo. Aguenta, Felipe!
Ciao. Estou melhorando.
Mário. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 261-263, grifo nosso. Carta de 12 de dezembro de 1925).

Outro exemplo dessa intimidade é a discussão sobre paulista que é brasileiro e brasileiro que é paulista. Manuel Bandeira confessa a Mário que gosta mesmo é de “paulista que é brasileiro”, porém detesta “brasileiro que é paulista” e afirma que

gosta mesmo de duas pessoas em São Paulo: dele, Mário de Andrade, e de Oswald de Andrade. Nessa discussão, Bandeira fala da presunção do brasileiro que é paulista, o Sr. Sérgio Milliet, e, para isso, usa uma linguagem bem despretensiosa: “Que sujeito bobo e besta é o tal Sérgio Milliet. Pretensioso e temperamento de ‘puto’”. Nessa mesma carta, Bandeira desabafa:

Mário eu não sei mais fazer poesias. Só acho graça em calão em se foda em merda. [...]
 No trem fiz uma oração praquele momento que foi ao virar a ponta da Paciência. [...]
 “Nossa Senhora me dê paciência
 Para este mar – e para esta vida!
 Me dê paciência pra que eu não caia.
 Pra que eu não caia nesta existência
 Tão mal cumprida, tão mais cumprida
 Do que a restinga de Marambaia!”
 Mário eu não pretendi psicologicamente nada com o “Rondó”. Foi só pra ganhar dinheiro. [...] que prazer de ver uma coisa suja e besta no meio daquela página de literatura junto do Nestor Vítor e de outros sujeitos sujos e bestas. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 281-282. Carta de 23 de março de 1923).

Essa carta, de 1923, comprova que esta liberdade na escrita, uma certa informalidade na linguagem, existiu desde os primeiros anos de correspondência.

Os escritores não tinham nenhum escrúpulo na escrita e ao se corresponderem com assiduidade se sentiam literalmente libertos, ainda que se verificassem tons distintos nas cartas, no decorrer do tempo, como já se disse anteriormente. Eles expunham suas ideias e se manifestavam cada vez mais por meio das cartas. A amizade ficava explícita e o sentimento de proximidade se tornava, metaforicamente, sentimento de propriedade:

[...] exigi dos amigos tua presença [...]. Foi para um *reconhecimento*. Emprego a palavra com a sutileza dos poetas japoneses nos seus haicais. [...] esse *reconhecimento* não cessou de aumentar, florir, frutificar. Hoje és, e **não te ofenderás com a metáfora, és uma propriedade minha. És uma fazenda que eu comprei**. Comprei com minha alma. [...] Por mais que os homens se desiludam, diárias desilusões! não sei que confiança infantil faz de mim um **crianço** a esperar bondades de toda a gente. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 92, grifo nosso. Carta de 22 de maio de 1923).

Esse tipo de confissão só é possível em um grau expressivo de intimidade. As cartas intensificavam a amizade e esta levava à intimidade.

Outro elemento que evidencia a intimidade entre eles é o assunto de que tratam. Em muitas delas, como já se evidenciou em outros exemplos, discutem sobre o movimento modernista:

Manuel querido.

Nós andamos numa carteação danada, puxa! É carta pra cá, carta pra lá, até parece noivado. Podes propor o *Primeiro andar* pro Costallat. Assim pensam que a joça é imoral e compram o livro. Tem graça. A propósito de Graça continuo a achar que tu e o Couto não tiveram razão em não homenagear o homem. Compreendes: por mais que ele se ponha na nossa frente, por mais que os coiós, daí, do Norte, do Sul até o Antônio Ferro agora em Portugal digam que ele iniciou o modernismo brasileiro, as datas estão aí. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 153-154. Carta de 22 de novembro de 1924).

Nessa carta há uma certa indignação por parte dos escritores brasileiros em relação a Graça Aranha no teatro Municipal de São Paulo, que, junto ao escritor português Antônio Ferro, de acordo com Moraes (2000), “declara a independência brasileira, os direitos do escritor”. Observa-se que Mário começa as considerações de uma maneira muito carinhosa com o escritor Manuel Bandeira, trazendo à tona o ritmo de um poema de Bandeira: e “pra lá... pra cá”, o que faz lembrar o poema *Debussy*¹⁶, de Manuel Bandeira: “Para cá, para lá... Um novelozinho de linha...”; o próprio tecer, enredar e nessa união se assemelham a noivos, escolhidos, comprometidos na própria trama.

De acordo com Velloso (2009), em algumas cartas o embrião das ideias que posteriormente poderiam ou não vir à tona nas publicações desses escritores é revelado nessas correspondências íntimas.

O Lobato acaba de me roer a corda, não editará mais os meus versos, publicação comprometera formalmente há mais de um ano, compromisso esse várias vezes renovado. É um canalha, cuja palavra não merece fé. E como não posso confiar que ele me devolva os originais com devida cautela para que não se percam no correio, peço-te, meu caro Mário, o grande favor de passares pelo escritório da firma Monteiro Lobato & Cia, Gusmões 70, a fim de te serem entregues os meus poemas, mas não os retenhas por muito tempo, pois já se me ofereceu a oportunidade de outro editor e convém malhar o ferro quente. Se estiveres com o Lobato, não converses a meu respeito, nada digas em meu favor e te limites a receber os originais. Reli com delícia o Ariosto e o Tasso. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 103-104. Carta de 24 de setembro de 1923).

¹⁶ “Debussy”, no livro *Carnaval*, de Manuel Bandeira (1919).

Ressalta-se, no entanto, a importância das cartas para o conhecimento e o diálogo dos missivistas, pois dessa maneira se inteiravam de tudo o que se passava em torno deles. A esse respeito, Mário de Andrade, em carta a Carlos Drummond de Andrade, diz o seguinte:

Ame os companheiros de vida mas nunca deixe de por dentro estar observando eles. Faça de todos o seu aprendizado contínuo, não pra espetáculo e pra obter prazeres infamemente pessoais porém pra recriá-los para aproveitá-los em sublimações artísticas, verso ou prosa a vida de você e seu destino (ANDRADE, 1998, p. 75-77. Carta de 10 de março de 1926).

Consoante Velloso (2009), a amizade não se limita à relação íntima apenas entre pessoas próximas, já que a valorização da amizade para o próprio Mário alcança o coletivo como a realização da prática de socialização, desempenha um papel que ultrapassa os limites do sentimento, do afeto e da identidade. A amizade e a escrita de cartas proporcionam, ainda, a possibilidade de unir os epistológrafos pelo processo criativo, por uma troca de ideias e é dessa forma que a esfera da criatividade se amplia em função do trabalho coletivo. Esse processo pode carregar muitas tensões:

O meu artigo era um veneno complicadíssimo em que entrava muita ironia, alguma *taquinerie* [besteira/bobagem], um pouco de seriedade, um bioco de mistificação, raiva, nojo, etc. Não o escrevi com neurastenia. [...] Ataquei-o publicamente por reclamismo e mistificação cabotina. E Oswald tinha sido prevenido por mim de que o faria. [...] Oswald lamentou os costumes de elogios mútuos e endeusamento dos grupos literários. [...] O tom do meu artigo no parágrafo das intrigas não podia ser desvirtuado senão por inimigos desleais. Entretanto foi descompreendido pelos próprios companheiros de batalha!

[...] Pouco me importa a perfídia dos adversários. O ataque de um adversário diverte-me quando é tolo e estimula-me quando é inteligente. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 116-117. Carta de 17 de abril de 1924).

De acordo com Moraes (2000), Souza da Silveira foi colega de Bandeira desde o ginásio e mantiveram uma amizade que os aproximava com mútua simpatia e continuaram comparsas. Em contrapartida, o *Manifesto Pau-Brasil* de Oswald surge no *Correio da Manhã* em março de 1924. Então, Manuel Bandeira investe contra o manifesto em tom de zombaria, sarcasmo, insulto com uma dose de ironia, por haver, segundo ele, “muita insinceridade nesse chamado movimento moderno”. E ainda: “É por tudo isso que eu vou me fazer editar pela *Revista de Língua Portuguesa*. Sou passadista” (BANDEIRA, 1966, p. 248).

Velloso (2009) compreende a manifestação do campo intelectual transparente nas cartas trocadas pelos missivistas e analisa a separação e a união contidas entre o campo intelectual coletivo e o privado, visto que cada grupo social considera o sentimento de amizade de forma adequada ao seu próprio estilo. Enquanto alguns povos encaram a amizade como um fator social, outros a enxergam como sentimento de caráter tão emocional como o amor.

Ao examinar o significado de amizade em outras sociedades no mesmo período modernista, Velloso (2009) destacou a semelhança do significado da amizade entre o Brasil e a Alemanha. Em ambos os países a amizade adquire uma importância central para a vida social, encarregando-se de estruturar as relações intelectuais.

De acordo com Velloso (2009), percebe-se uma possível influência da cultura alemã na concepção de amizade que Mário de Andrade abrigava em seu discurso. Em suas cartas enviadas a Prudente, Drummond, Manuel Bandeira, por exemplo, Mário levanta questões calcadas na amizade que são substanciais para a compreensão do pensamento modernista brasileiro. Podem-se observar algumas discussões acerca de Macunaíma:

[...] você e o Oswald se tinham pegado na rua. [...]
 Sobre a sua consulta a minha opinião é que você deve se escrever ao Graça uma carta amável de agradecimento [...].
 Já leu o artigo do Sérgio na revista alemã *Duco*? Refere-se várias vezes a você e toda uma alínea é consagrada ao *Macunaíma*.
 Adeus por hoje, abraços do
 M. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 444-445, grifo nosso. Carta de 09 de abril de 1930).

Esse é mais um exemplo de como as cartas são espaços de compartilhamento de ideias entre os escritores e de sua legitimidade:

Para Souza a amizade literária pode ser entendida na sua dupla feição, ora ligada ao relacionamento afetivo entre escritores, ora imaginada por autores que buscam afinidades entre o seu fazer literário e o de seus contemporâneos, ou com os que se distanciam no tempo. A mediação utilizada para que se efetue a aproximação intelectual é a experiência literária, aliada à necessidade de se cumprirem os rituais exigidos desse ou daquele escritor. Dentre os rituais de consagração do autor na modernidade, a correspondência constituiu um veículo eficaz... (SOUZA, 2017).

O meio que utilizam para esse tipo de produção intelectual é a correspondência, meio efetivo que compreende um convívio animado e informal sobre questões literárias e culturais. Isso é o que se vê nas cartas trocadas entre Mário e Bandeira. As cartas – no início – traziam um certo temor ou acanhamento, passaram a ficar a cada momento mais despojadas, contendo críticas claras e, portanto, bastante construtivas e reflexivas sobre os escritos de cada um e suas convicções mais modernistas ou mais passadistas.

Para Mário de Andrade, segundo Moraes (2007), há de haver cumplicidade na amizade, o que pode ser notado, por exemplo, até pelo uso dos vocativos (MORAES, 2000, p. 338-339), o que tem valor nas cartas entre ele e Bandeira. Chamar o interlocutor de Manuel ou de Maneco ou Mário de Marioscumque é relevante na verificação da construção da intimidade dos missivistas. Consta-se, por exemplo, que Mário de Andrade, em suas cartas a Manuel Bandeira, usou diferentes modos de se dirigir a ele: “Manuel Bandeira”, “Meu caro Manuel”, “Manuel”, “Meu querido Manuel”, “Querido Manuel”, “Manuel Querido”, “Manu”, “Mano Manu”, “Meu caro Manu”, “Manuelucho”, “Manuelucho *dear*”, “Manuel do coração”, “M.”, “M” e “Maneco”.

Esse tratamento íntimo e próximo, é acompanhado de diferentes modos de assinar as cartas. Mário assinava suas cartas para Manuel Bandeira da seguinte maneira: “Mário” (a forma mais usada), “Mário.”, “M” e “Este Mário!...” Essa variação no modo de se dirigir ao interlocutor e de assinar as cartas é outro sinal da intimidade que revelavam nas cartas.

Comportamento semelhante, no entanto menos efusivo, é visto na interlocução estabelecida por Manuel Bandeira. Ele se referia a Mário da seguinte forma: “Mário de Andrade”, “Mário”, “Meu querido Mário”, “Marioscumque”, “Meu caro Mário”, “Mário trabalhador”, “Mariusque”, “Marião”, “Caro Mário” e “Mano Mário”. Bandeira, ao assinar as cartas para Mário, também variava e até mais que as assinaturas de Mário eram as seguintes: “Manuel Bandeira”, “Manuel”, “M”, “M.”, “Manu”, “mano Manu”.

Essa alteração no modo de tratamento entre eles explicita os laços afetivos que foram sendo criados por meio das cartas e demonstra a intimidade do tratamento estabelecido entre eles na troca de correspondências.

3 DIÁLOGOS ESTÉTICOS: A CRIAÇÃO DA LÍNGUA LITERÁRIA NACIONAL

Ninguém escreve para si mesmo, a não ser um monstro de orgulho. A gente escreve pra ser amado, pra atrair, encantar, etc. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182).

Neste capítulo, pretende-se apresentar a discussão entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira a respeito da construção da língua literária no Brasil. Para isso, serão estudadas as cartas trocadas entre os dois autores, que se dedicam a essa questão.

O que se pleiteia analisar é o aspecto, presente na correspondência dos dois missivistas, que trata do alcance da literatura nas inovações e possibilidades na construção da língua literária brasileira. Quer-se demonstrar como o uso da língua despojada, repleta de brasileirismos, desprovida das formalidades impostas pelas normas, é parte da construção estética modernista e fruto de pesquisa, reflexão e polêmica.

Mário de Andrade e Manuel Bandeira sempre se envolveram com as mais diversas atividades intelectuais e artísticas. Como parte desse envolvimento, os poetas se empenharam na construção de uma língua literária brasileira que se distinguisse da língua de Portugal. A tentativa dos escritores brasileiros de construir esteticamente uma língua literária já aparece no século XIX, como se pode ver na carta a Dr. Jaguaribe, no final de *Iracema*, romance de José de Alencar:

Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência; ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas aproveitou muitas das mais lindas tradições dos indígenas; e em seu poema não concluído dos Timbiras, propôs-se a descrever a epopeia brasileira. Entretanto, os selvagens de seu poema falam uma linguagem clássica, o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o Dr. Bernardo Guimarães; eles exprimem ideias próprias do homem civilizado, e que não é verossímil tivessem no estado da natureza.

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas dos selvagens, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro, dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu o imagino (ALENCAR, 2006, p. 67-70).

José de Alencar (2006), em seu processo criativo, aproxima o léxico tupi das estruturas sintáticas do português culto. *Iracema* é uma lenda baseada na formação

do Ceará, e do cearense escrita com passagens que inserem expressões indígenas como se vê em: “Poti deu a seu irmão o arco e o tacape” (ALENCAR, p. 47, grifo nosso),¹⁷ numa apresentação das armas dos indígenas; ou em “seu válido tacape deitou um guerreiro tabajara em seu camucim” (ALENCAR, p. 24), em que expressões como “tacape”, “tabajara” e “camucim” são próprias das línguas nativas.

Assim como José de Alencar, Gonçalves Dias também era um escritor romântico que lutava por uma literatura nacionalista, pela definição da identidade nacional brasileira, valorizando a figura indígena (herói nacional) e a exaltação dos elementos típicos da cultura local. Essa valorização da figura indígena passa também, como em Alencar, por uma espécie de aproximação do português e o léxico indígena, na tentativa de torná-lo menos lusitano: “Entesa-se a corda da embira ligeira/Adorna-se a maçã com penas gentis [...]” ou em “Brilhante enduape no corpo lhe cingem,/Sombreira-lhe a fronte gentil canitar” (DIAS, 1965, p. 75).

A discussão sobre a língua em que se escreve será novamente retomada, de forma irônica, por Lima Barreto (1994), em *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polémicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro (BARRETO, 1994, p. 35).

Nessa passagem, o narrador do romance conta ao leitor o inconformismo de Quaresma com o fato de a língua portuguesa ser “emprestada ao Brasil” e lhe relata a crítica feita à existência dos chamados proprietários dessa língua.

Outro escritor que também discute esta questão é Machado de Assis. Em *Instinto de nacionalidade*, o escritor avalia a maneira com a qual os autores se apropriam da cor local e condena os textos feitos às pressas, sem elaboração suficiente.

Machado de Assis considera, em 1873, o seguinte:

¹⁷ Nas citações à obra de Alencar não consta data porque foram retiradas da edição que está em domínio público.

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalado em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa. Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio. Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos, é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade. Mas se isto é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão (ASSIS, 1994)¹⁸.

O que se pode observar com esse pequeno levantamento sobre a preocupação dos escritores com a língua com a qual se expressam é a diversidade de opinião e a importância política e estética que o debate tem para os escritores brasileiros.

3.1 Em que língua se escreve?

Segundo Moraes (2009), a carta é um gênero demasiadamente pessoal e faz parte de um momento em que o autor se isola para expor seus pensamentos, tormentos, decepções, tristezas, para contar suas viagens, aventuras e peripécias que acompanham seu cotidiano, mas ao mesmo tempo dá ao destinatário a oportunidade de conhecê-lo, exibindo-se, às vezes, até demais. O missivista divide com o receptor aquilo que é precioso, o segredo, o sigiloso, o íntimo. Isso possibilita que, por meio do gênero epistolar e de seu estudo, seja possível “lançar luz sobre a movimentação nos bastidores do sistema literário, perceber ‘os arquivos da criação’, o ‘laboratório’, a ‘caixa registradora’ dos acontecimentos da vida literária” (MORAES, 2009, p. 125).

¹⁸ Publicado originalmente em *O novo mundo*, 24 mar. 1873.

Por meio das cartas, os escritores mostram “afinidade de suas inteligências, relação de inteligências” (MORAES, 2000, p. 23). Por isso, para além do registro das minúcias da vida, do cotidiano, seus momentos, suas oscilações e sinuosidades, ou seja, seus rodeios, suas diversidades, suas transformações, as dificuldades e os sucessos, as cartas trazem muito conhecimento relativo aos manifestos, refletem as discussões do movimento modernista, sempre acirradas, as críticas literárias e as propostas de cada um para a arte literária brasileira. A esse respeito, em prefácio à segunda edição das cartas trocadas entre eles, Bandeira confirma sua importância:

Além de retratarem com tanta verdade o seu autor, são estas cartas do maior interesse para a compreensão de sua obra, sobretudo de sua poesia, porque o meu saudoso amigo costumava expor-me a motivação, gênese, e trabalhos de construção de suas produções, quer se tratasse de um romance, de um ensaio, de um livro didático, ou de um simples poema. Pedia-me opinião e crítica. Eu dava-as. Ele redarguia. Discutíamos. Eram longas missivas “pensamentadas”, como certa vez ele as qualificou. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 679 – prefácio Anexo I).

Moraes (2009) afirma que, com o passar do tempo, os escritores revelavam o fazer poético próprio do seu tempo, objeto desta parte do capítulo.

O modo de expressão das cartas foi sendo delineado, como já foi dito, do uso de expressões mais formais às mais chulas, da língua convencional à mais despojada. Com o passar do tempo, Bandeira colabora com as discussões sobre a língua brasileira, propostas por Mário de Andrade. Por meio das cartas trocadas entre os dois escritores, podem-se conhecer os propósitos marioandrados de se fazer, no uso, no processo de criação de sua escrita pessoal, uma gramática brasileira.

Em carta datada de 1925, Bandeira escreve:

Mário.
Há uma coisa pau na “Reza”: o tom lembra extraordinariamente o de *Pâques* de Cendrars. Outra coisa pau também é que se sente naquele cristão que reza, o poeta indiscreto que quis fazer não da sua dor, mas da sua reza um poema. [...] Desde já proponho: suprimir o subtítulo “5° noturno”. Não há noturnos... Isso é simbolicidades, como dizes.
Todo mundo diz champanhe. “Mulheres” em vez de “fêmeas” (BANDEIRA apud MORAES, 2001, p. 179, grifo do autor. Carta de 19 de janeiro de 1925).

Junto com essas observações sobre estética, Bandeira sugere a supressão de três versos e ainda informa:

Não entendi “Faze de mim um jesuinho pesadíssimo!” Aliás, brasileiroamente, tens que dizer “faz de mim”. “Mas porém” é intolerável. Ninguém diz! Que afetação! Suprimir “Eu sou muito mais rico do que tu, etc. (BANDEIRA apud MORAES, 2001, p. 180, grifo do autor. Carta de 19 de janeiro de 1925).

Foi enviada uma versão desse poema para Anita Malfatti, na mesma época, e nela não possui essa repetição: “Mas porém”. Nessa mesma carta, Bandeira questiona esse fato.

Pelo que se pode supor, a carta enviada a Anita Malfatti, acompanhada do poema *Reza de fim de ano*¹⁹, é cópia do poema enviado a Manuel Bandeira. O autor de *Macunaíma*, em conformidade com as sugestões de Bandeira, faz as retificações necessárias e ainda registra no poema enviado à referida amiga alguns outros ajustamentos a lápis tais como: falta de letras nas palavras (“i” por exemplo), “*industrial ao invés de Comercial*” e alguns “*sinais de pontuação*”. Voltando às cartas trocadas entre os dois poetas, depois dessas ressalvas ao poema Bandeira diz:

Me parece, por poemas e cartas, que à força de queres escrever **brasileiro, estás escrevendo paulista. Ficando um tanto afetado de tanto buscar a naturalidade**. A sua sistematização pode levar, está levando, a uma linguagem artificial, o que é pena porque compromete uma ideia evidentemente boa e sadia. Tenho tanta coisa a dizer nesse assunto que só conversando, mas uma coisa entre muitas: sistematicamente pões o pronome oblíquo antes do verbo quando o brasileiro se caracteriza exatamente pela instabilidade do tal oblíquo, ora antes, ora depois, e depois mesmo nos casos de relativo e negativas, o que tanto horripila os galegos. (BANDEIRA apud MORAES, 2001, p. 180, grifo nosso. Carta de 19 de janeiro de 1925).

Como se vê, a essa altura da correspondência, depois de quase três anos de convivência epistolar, Bandeira já havia percebido o propósito de Mário de Andrade em suas invenções e registros no uso da língua e tem sérias críticas a eles. Em resposta à provocação de Bandeira, o poeta paulista responde, em carta de 25 de janeiro de 1925, dizendo o seguinte:

[...] Vamos logo pra questão do brasileiro. [...] Você compreende, Manuel [...] E você sabe muito bem que não sou indivíduo de gabinete. Não posso ir fazendo no silêncio e no trabalho oculto toda uma gramática brasileira pra

¹⁹ Pode-se ler esta carta no IEB/USP pelo acesso ao documento CARTA ANITA MALFATTI – IEB-USP - MA-AM-04.01.0007. Não conseguiu, no entanto, o direito de reprodução.

depois de repente, pá, atirar com isso na cabeça do pessoal. Preciso que os outros me ajudem porque, confesso com toda a franqueza, embora não seja um ignorante em questões de língua e possa afirmar gritado que sei o português duma forma acima da comum, não sou forte no caso. Não sou. Careço que os outros me ajudem pra que eu realize a minha intenção: *ajudar* a formação literária, isto é, culta da língua brasileira. Não quero que você pense que estou imaginando criar uma língua nova, como se diz que fizeram Dante e Camões, principalmente o primeiro. [...] Naqueles tempos se fazia tudo intuitivamente, é natural. Mas hoje não se pode mais fazer porque existe a crítica, existe a questão filológica bem estudada e em uso, existe a época enfim. Por isso o que eles faziam intuitivamente eu hoje faço com crítica, sistematizações [...]. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 181, grifo nosso. Carta de 25 de janeiro de 1925).

Já no segundo parágrafo da resposta, de onde saem os trechos citados acima, Mário de Andrade assume que está trabalhando na gramática brasileira com intenção estética e cultural. Em outro momento da mesma carta, Mário contesta diretamente a opinião de Bandeira sobre suas pesquisas e formulações sobre a língua brasileira e se defende do que supõe ser uma injustiça ao seu criterioso processo de crítica e sistematizações:

[...] daí se pensar, ou você, como parece pela sua carta, que estou agindo com leviandade nesta questão de escrever brasileiro, vai um estirão largo, meu Manuel. Não Senhor. **Não sou leviano, não. Tenho pensado muito no que estou fazendo** e creio que já não tem caso a esse respeito que eu não tenha observado e pensado comigo. Você diz por exemplo que eu em vez de escrever brasileiro estou escrevendo paulista. Injustiça grave. Me tenho preocupado muito com não escrever paulista e é **por isso que certos italianismos pitorescos que eu empregava dantes por pândega, eu comecei por retirar** eles todos da minha escrita de agora. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182, grifos nossos. Carta de 25 de janeiro de 1925).

A defesa de Mário evidencia sua preocupação tanto com a opinião do amigo, quanto com os efeitos de sua atitude criadora. Explicita seu interesse em deixar seu texto menos tipicamente paulista (retirar os italianismos) e valoriza seu processo de pesquisa (“tenho pensado muito no que estou fazendo”). Tudo isso porque considera que “o problema é brasileiro e nacional” (MORAES, 2000, p. 182). Em outro trecho da carta, Mário continua sua defesa:

Agora você deve ver que pequenas diferenças entre falar duma pra outra região brasileira são fatais não só de pronúncia como de sintaxe. Em todos os países grandes se dá e até nos pequenos. Diferenças léxicas e sintáticas. **Não estou escrevendo paulista**, não. Ao contrário. Tanto que fundo na minha linguagem brasileira de agora termos do Norte e do Sul. Mas, e vem outra injustiça, vocês não viram senão a parte mínima do que eu já fiz nesse sentido. **Viram um artigo ou dois e já fazem crítica como se fosse uma obra inteira.** Mais calma, esperem por um livro ao menos. O

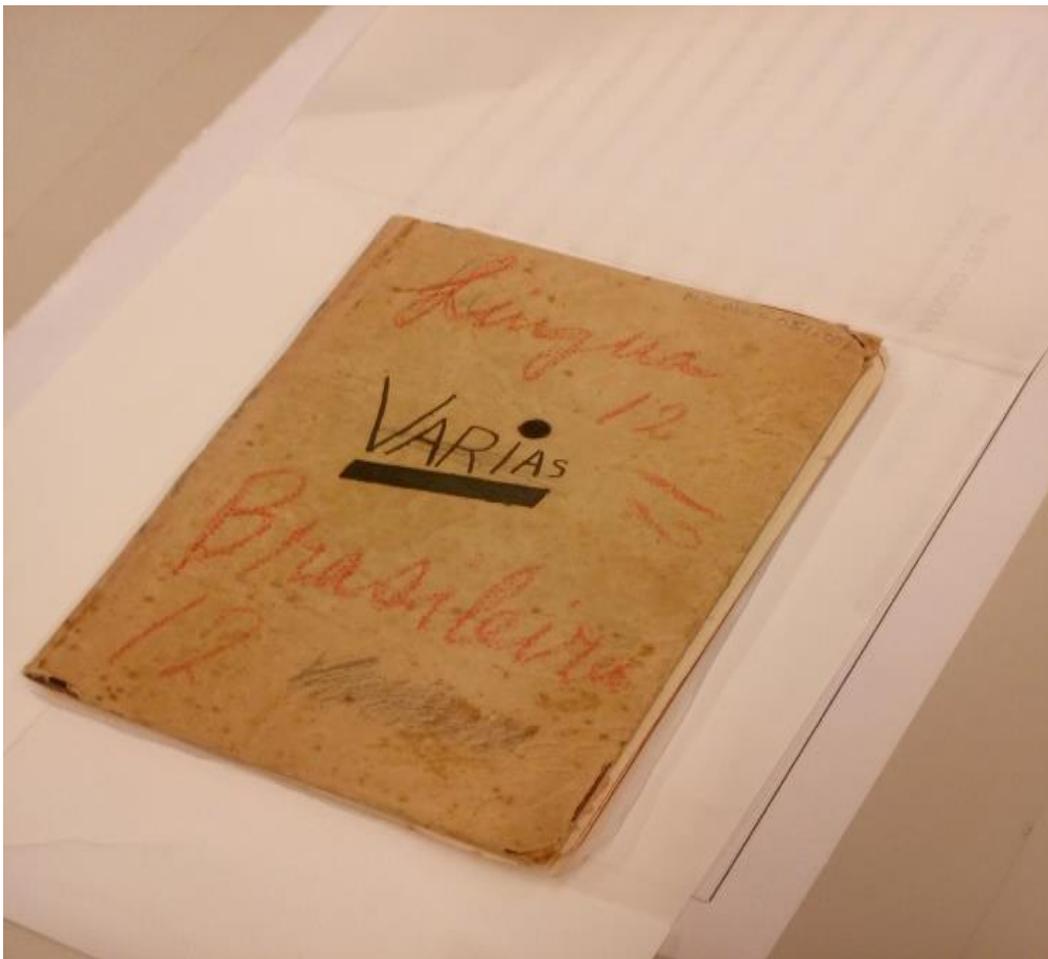
artigo sobre você foi e é nesse sentido uma tentativa inicial. **Tem por exemplo o verbo haver em penca. Agora emprego sistematicamente o verbo ter, salvo em casos especialíssimos, como “não há meio de”, “há que tempo!” etc. E mesmo nestes [...] prefiro o verbo “fazer”.** “Faz quanto tempo”, conforme o sentido da frase.

Porquê? Porque se trata de sistematização culta e não fotografia do popular, meu caro. Agora: essa sistematização tem de ser fatalmente pessoal. Não se pode ser doutra forma pois estou começando uma coisa e não tirando uma gramática inteirinha de fatos documentados pela escrita culta e literária. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182, grifos nossos. Carta de 25 de janeiro de 1925).

Nesses trechos, Mário de Andrade, ao defender sua escrita em brasileiro, apresenta também seu método: observação cuidadosa do fenômeno linguístico, procura de uma expressão nacional, e não regional; assim se justificam o abandono do italianismo (essencialmente paulista) e do uso do verbo Haver e o não uso dos documentos como fonte principal de suas sistematizações.

A prova do rigor da sistematização realizada por Mário está detidamente apresentada por Edith Pimentel Pinto (1990). De acordo com a autora, Mário de Andrade elaborava , comentários pessoais ou editoriais feitos nas bordas de livros ou cadernos de anotações usados como referência para sua escrita, o que lhe servia de suporte. Essas anotações se tornaram sua maneira de conhecer/estudar a língua e usá-la em outros textos. Ainda segundo Pinto (1990), Mário elaborou um arquivo com o levantamento de como cada escritor fazia seu texto, explicitando o que era positivo. O cuidado de Mário com esse processo de sistematização a que se refere na carta ao Bandeira é tal que, segundo Pinto (1990), ficou assim organizado: 1) caderneta chamada “Língua Brasileira” – 12 Várias (12-V); 2).8 envelopes rubricados *Gramatiquinha com título específico e numeração*: 12-A “Documentos Populares”; 12-B “Artigos Alheios”...; 12-C “Me parece e outras sintaxes”; 12 E “Não queiras não”, “A gente ... e outras tendências brasileiras locucionais”; 12 F “Brasileirismos vocabulares”; 12 G “Tratado do estilo – ideias para capítulos particulares”; 12 H – “Ideias gerais sobre língua”;. 12 I “- Tratado do Estilo” – Ideias gerais; 3) Textos avulsos, compostos de folhas datilografadas e grampeadas e intituladas “Inquérito Geral Etnográfico – formulário das pesquisas folclóricas) (PINTO, 1990, p. 23-26).

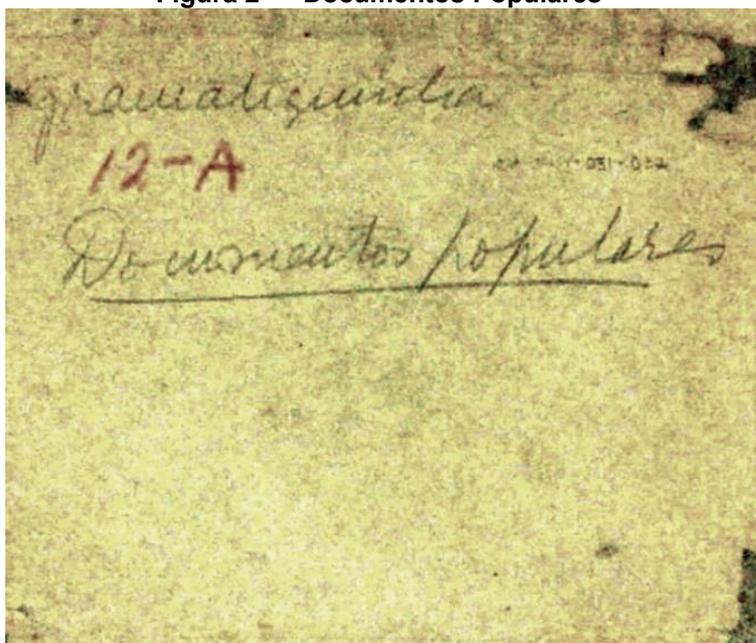
Seguem-se imagens de alguns desses materiais, fornecidas pelo INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (IEB/USP). A Figura 1 é a imagem de uma caderneta que contém notas escrituradas a lápis e numeradas de 1 a 32, com alguns textos numerados e outros não numerados, mas alguns intitulados “Gramatiquinha”, “Prefácio” (PINTO, 1990, p. 23-26).

Figura 1 – Caderneta Língua Brasileira

Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-121.

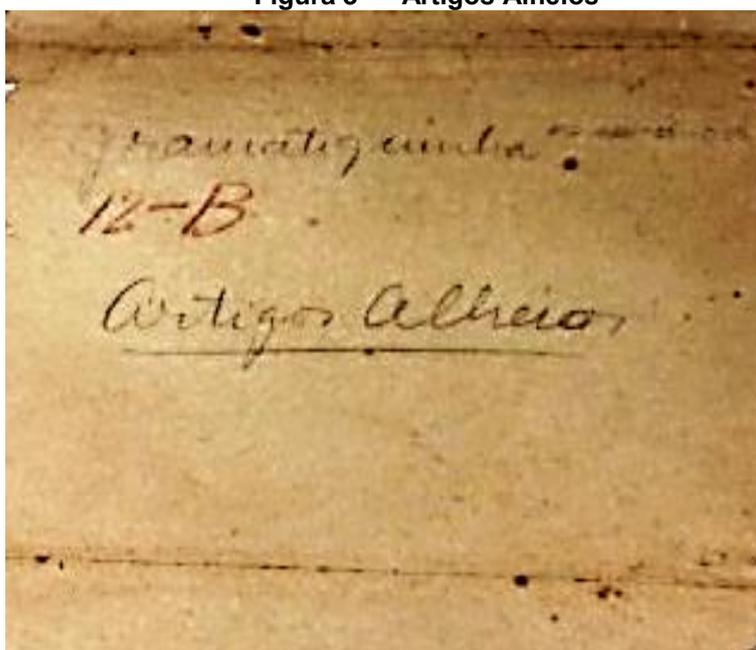
Nesta caderneta há, por exemplo, anotações de “frases corriqueiras do dia a dia e de regra”, “não é assim que se fala” e de alguns termos regionalistas retirados de algumas obras inclusive com indicação de páginas. Em outras, como nas Figuras 2 e 3, são encontradas anotações sobre a Língua Brasileira recolhidas de Documentos populares e Artigos Alheios, por assim dizer: recortes de jornais, artigos de Tristão de Athayde, Roquette-Pinto e Affonso E. de Taunay.

Figura 2 – “Documentos Populares”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-030.

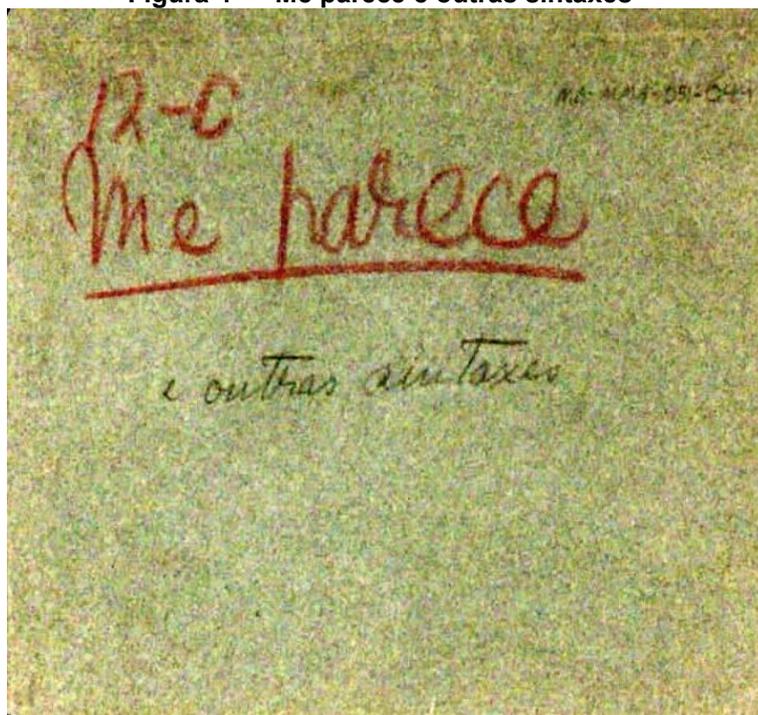
Figura 3 – “Artigos Alheios”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-032.

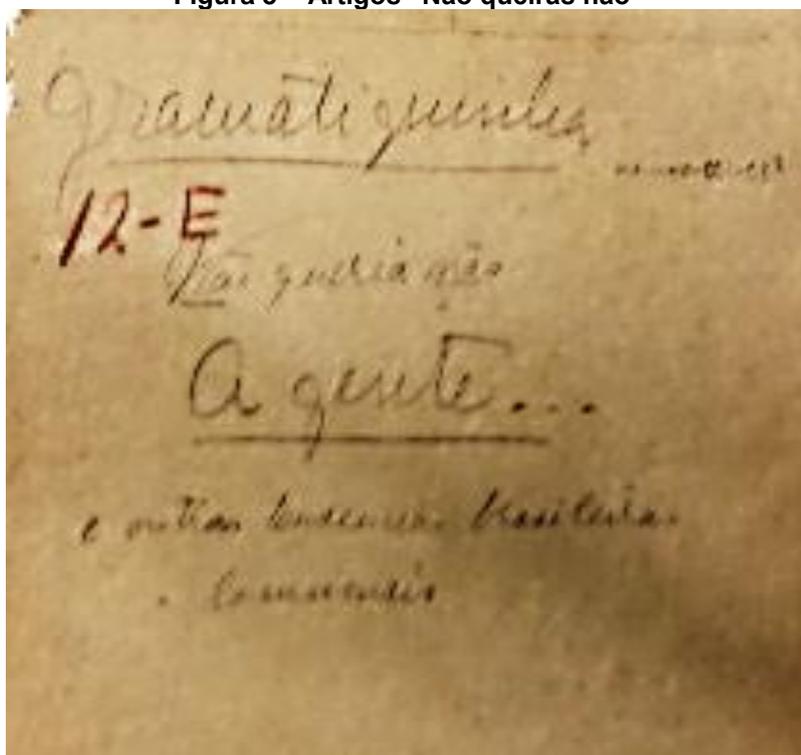
No caso do estudo sobre as sintaxes e algumas expressões particulares do português, há anotações em outras duas cadernetas (Figuras 4 e 5):

Figura 4 – “Me parece e outras sintaxes”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-044.

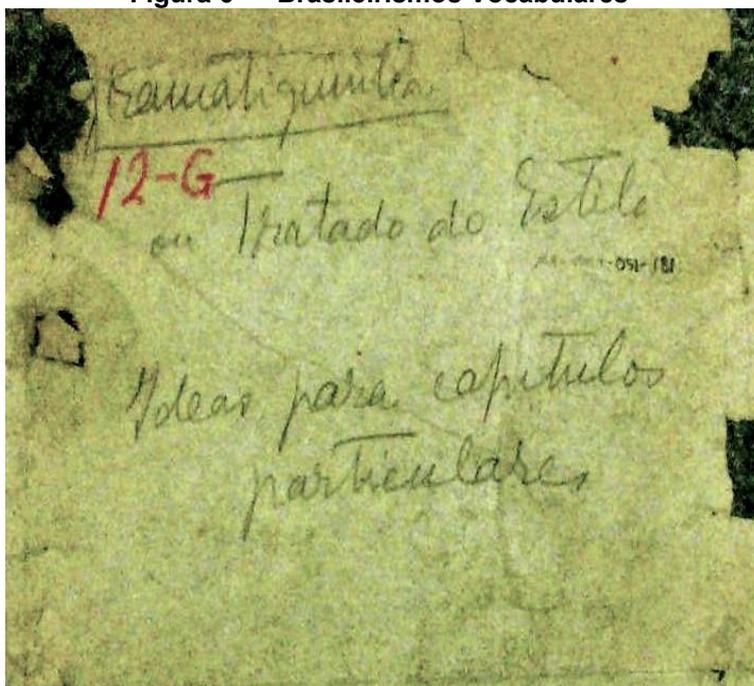
Figura 5 – Artigos “Não queiras não”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-045.

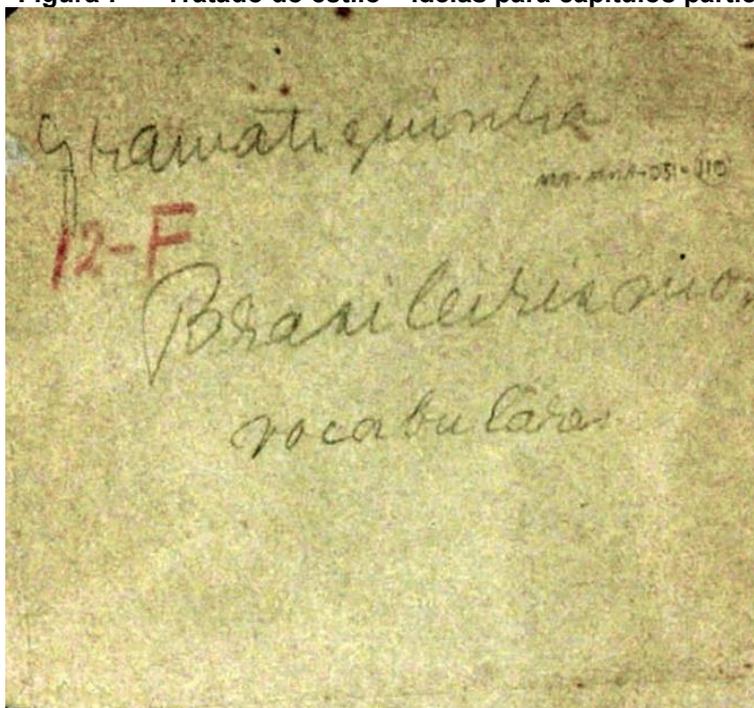
Em relação aos “Brasileirismos vocabulares” e tratado do Estilo – ideias para capítulos particulares, há anotações em outras duas cadernetas (Figuras 6 e 7):

Figura 6 – “Brasileirismos Vocabulares”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-181.

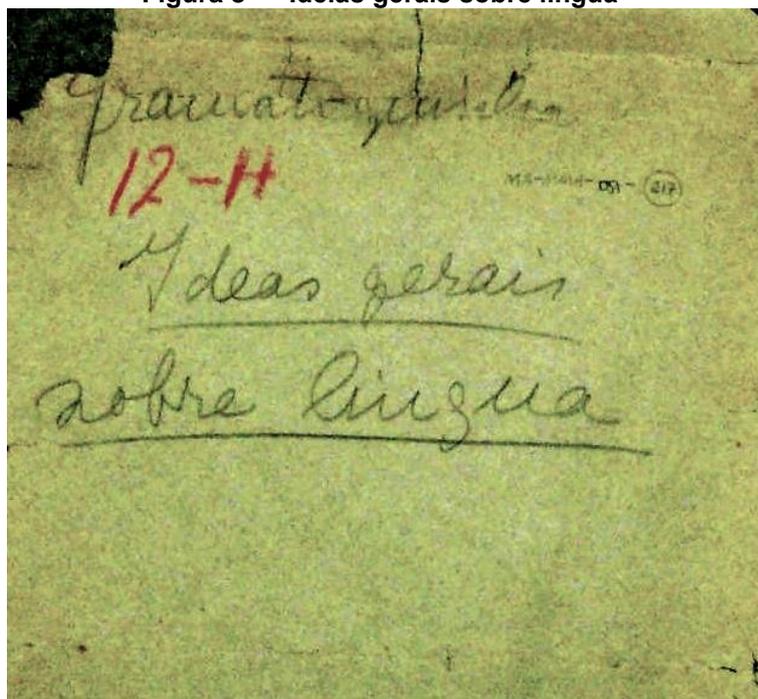
Figura 7 – “Tratado do estilo – ideias para capítulos particulares”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-110.

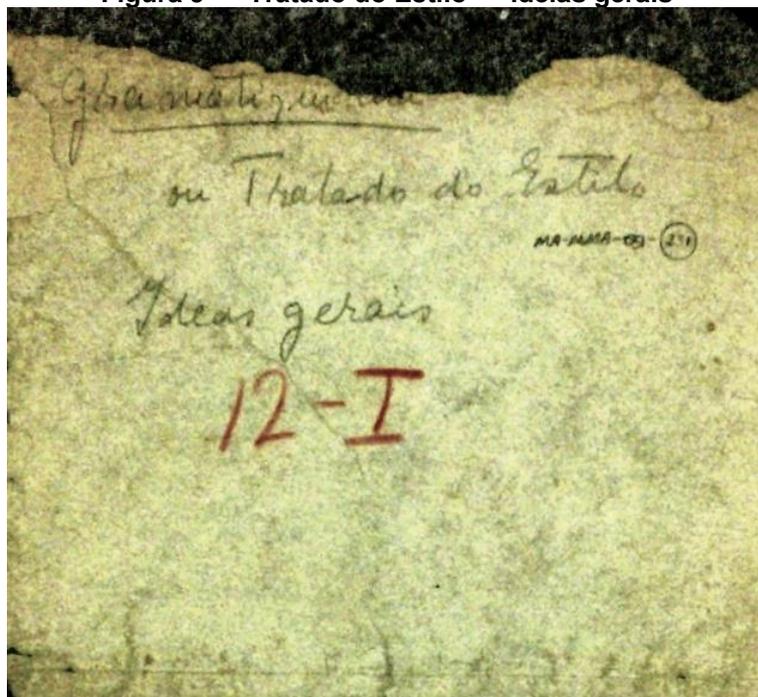
As Figuras 8 e 9 são referentes às imagens dos documentos que guardam respectivamente Ideias gerais sobre língua e Tratado do Estilo – ideias gerais

Figura 8 – “Ideias gerais sobre língua”



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA 051-231.

Figura 9 – “Tratado do Estilo” – ideias gerais



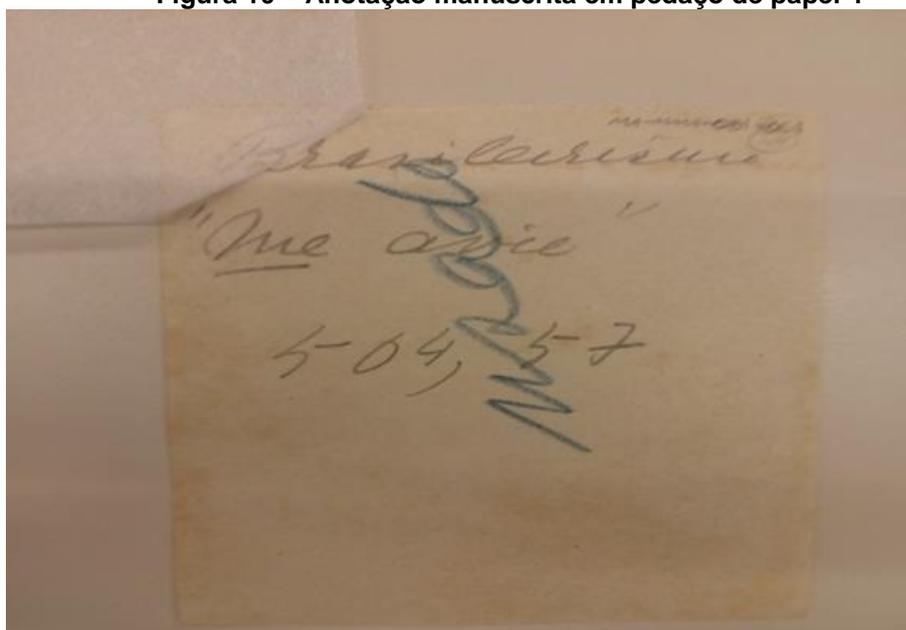
Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-051-217.

Essa organização do material feita pelo próprio Mário, publicizada por Pinto (1990) e preservada no IEB comprova o rigor das sistematizações que o poeta paulista cultivava, conforme acentua na troca de correspondências com Bandeira. Esses apontamentos, segundo Pinto (1990), foram de suma importância e ajudaram

a construir e a sustentar uma forma de escrever – a que Mário passou a chamar de língua brasileira – e a fomentar a crítica, inclusive a feita por Bandeira, sobre o uso excessivo de brasileirismos.

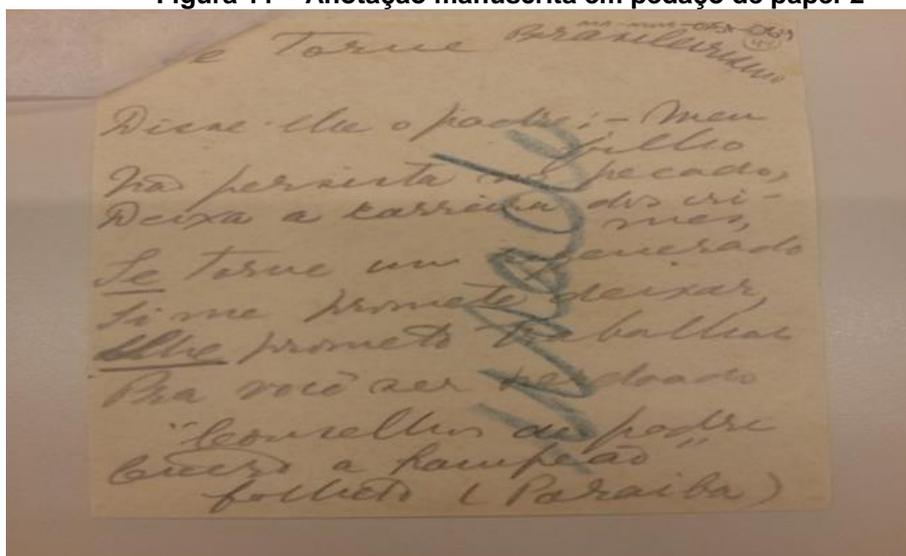
Além desses arquivos pessoais, devidamente organizados, a seguir mostram-se outros exemplos de como Mário tratava sistematicamente de seus estudos sobre a língua brasileira.

Figura 10 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-1



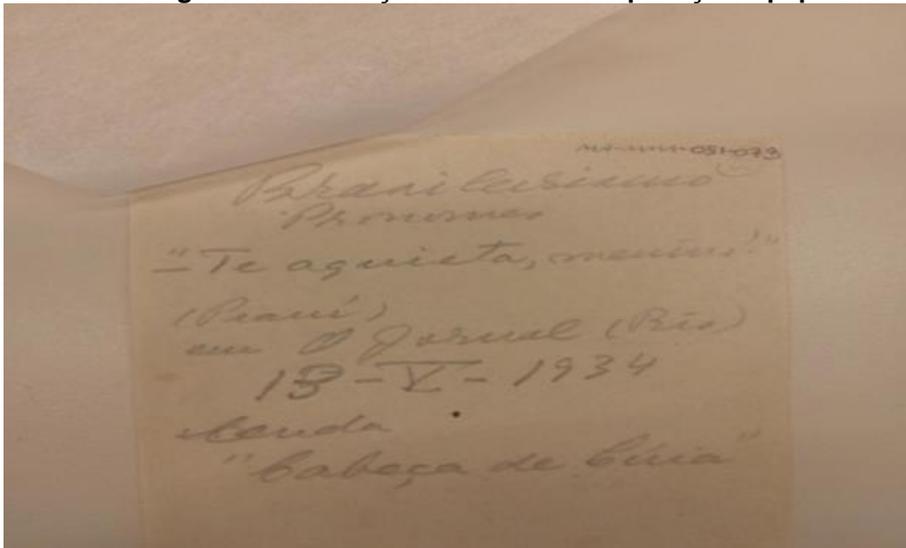
Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MA-061.

Figura 11 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-2



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MA-062.

Figura 12 – Anotação manuscrita em pedaço de papel-3



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MA- 063.

Os arquivos do IEB/USP de Mário de Andrade comprovam que, para que ele elaborasse sua ideia de abrasileirar a língua, houve muito empenho. Isso pode ser notado pelas inúmeras anotações de expressões recolhidas em todas as regiões que percorria. Na Figura 11, por exemplo, está registrado: “Se torne Brasileirismo” Disse-lhe o padre: Meu filho não persista no pecado, Deixa a carreira dos crimes, Se torne um regenerado Si me promete deixar, lhe prometo trabalhar Pra você ser perdoado”. “Conselhos do padre Cícero a Lampeão” folheto (Paraíba)”. Já na Figura 12 estão os “Brasileirismos Primissas, onde se lê: “Te aquieta, menino” (Piauí) em O Jornal (Rio) 13-V-1934 Cauda “Cabeça de Cúia”.

Em suas cartas, Mário anuncia, ainda, que está elaborando uma sistematização culta, o que significa que não se interessa em reproduzir a fala do povo. Em um trecho, Mário afirma: “se eu não fizesse essa sistematização eu seria um escritor sentimentalmente popular e quero ser um escritor culto e literário” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182).

Para Mário, é dessa maneira que se deve entender sua despreocupação com as normas gramaticais lusitanas, seu emprego de um vocabulário simples e de formas linguísticas coloquiais, como a escolha de “ter” e “fazer” no lugar de “haver” em muitas construções.

Retoma-se a carta de 25 de janeiro de 1925. Feita a discussão do aspecto mais amplo do que foi levantado por Bandeira, Mário de Andrade dá prosseguimento à sua defesa em relação às críticas apresentadas pelo amigo, ao tratar do que é especificamente relacionado ao poema *Reza de fim de ano*:

Agora vou pros casos particulares. Você tem razão: 2ª pessoa do imperativo de fazer em brasileiro é “faz” e não “faze”. “Mas porém” – Não é intolerável. Existe em italiano. É redundância. Sua observação é razoável no caso da “Reza”. Ali não presta e foi afetação. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p 182, grifo nosso. Carta de 25 de janeiro de 1925).

Embora, como se vê nos trechos anteriormente mencionados, Mário contestando vários elementos do que disse Bandeira a respeito de suas elaborações linguísticas, o poeta paulista concorda com as sugestões nesses dois casos particulares.

Assim, Mário aceita a opinião de Bandeira, que considera certas passagens do poema *Reza de fim de ano*, na versão que lhe foi enviada, como algo artificial, especialmente na formulação: “Faze de mim um jesuinho pesadíssimo!”. Apesar de concordar com Bandeira no caso do uso do “Mas porém”, defende esse uso pleonástico da expressão em alguns casos:

No *Losango cáqui* que traduzi inteirinho pro brasileiro vem uma vez. Admiravelmente empregado. É o caso duma afirmativa enérgica e veio deslumbradoramente fazer com que o ritmo do verso desembestasse galopando com fartura. É um poema em que eu digo pro tenente que dá ordens de exercícios e que está me irritando na minha liberdade que ele pode mandar quanto quiser que os meus braços, minhas pernas, olhos obedecerão...

“Mas porém da caserna dum corpo que eu sei
Sai o exército desordenado meu sublime” etc.

Veja que eficácia rítmica e psicológica. Eu afirmo com energia individualista que nisso o tenente não manda. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182-183. Carta de 25 de janeiro de 1925).

Outro aspecto discutido pelos poetas em sua troca de cartas é o uso sistemático das contrações “pra”, “pro”, “pras”, “pros”. Em dois momentos, Bandeira comenta essa questão. A primeira delas em 19 de janeiro, ao final da carta em que analisa o poema *Reza de fim de ano*:

Acho que devias andar com mais cautela, só pisando em terreno firme. “Me deixe”, bravo. “Pra”, “prá”, “pro”, bravo, sem contudo barrar o “para”, às vezes natural e prestadio. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 180. Carta de 19 de janeiro de 1925).

A mesma preocupação está em um pequeno bilhete escrito em 25 de janeiro de 1925, em que Bandeira, continuando a polêmica, antes mesmo de receber a carta de Mário com as respostas do poeta paulista, reflete:

Mário.

Você há de ter interesse e curiosidade em conhecer as críticas que fazem do seu caçanje. Pois aqui vai uma de pessoa muito inteligente e sem preconceitos passadistas.

Em alguns pontos não concordo com ele por ex., **o caso da elisão pra+a = prá que é tudo que há de mais certo e razoável.**²⁰ Mas todo o sujeito, por inteligente que seja, tem dessas ararices.

Ciao.

M. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 180, grifos nossos. Carta de 25 de janeiro de 1925).

Com essas palavras, Bandeira utiliza de ironia e usa termos pejorativos para se referir aos brasileirismos de Mário. Quando diz “caçanje”, por exemplo, refere-se a essa elaboração linguística de Mário como sinônimo de português errado, na escrita ou na fala, e ao afirmar que essas propostas de Mário são “ararices” as está considerando conversa fiada e banal. E mais, parece discordar da ideia de acentuar a elisão do artigo “a” na expressão “pra+a”.

Dessa maneira, observa-se, por meio do exemplo dessas cartas trocadas em janeiro de 1925, que os missivistas travavam conversas sobre questões estéticas da literatura da época, ao discutirem essas sistematizações linguísticas usadas por Mário. Como se pode perceber, na prática da escrita de cartas já se concretizava uma espécie de exercício da criação literária. No caminho entre o papel despretensioso da carta e as potencialidades presentes nessa escrita, reside um espaço de elaboração estética e de reflexões sobre os modos de expressão da literatura brasileira.

Na discussão, o questionamento de Bandeira faz com que Mário de Andrade ressalte “a distinção entre escrever pra público e pra amigos”. Nesta mesma carta de 25 de janeiro de 1925, ele afirma: “Agora: numas cartas escritas alegremente pra amigos, por brincadeira, com intenção evidentemente pitoresca uso exageros de pândega, pra rir. Isso não quer dizer que vá escrever sempre assim nos meus artigos.” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 182.).

²⁰ De acordo com *A Gramatiquinha de Mário de Andrade* (PINTO, 1990, p. 179), pretende-se 1. consagrar o uso preferencial brasileiro de certas preposições, a despeito da prescritiva da língua portuguesa, caso, sobretudo, do emprego do **em** por **a** com verbos de movimento. 2. Sistematizar um traço estilístico seu, fundamentando provavelmente no tupi. 3. Incluir, ao lado de **para**, a forma reduzida **pra** e **as** contratas **prá**, também acentuada **prà** em decorrência de “crase” **pro** e **prum etc.**, formas que empregou e defendeu.

Nessas cartas pode-se perceber que os assuntos tratados pelos poetas transcendiam às amenidades, já levantavam a questão específica da linguagem utilizada pelos escritores na construção de sua correspondência e já discutiam a diferença entre modos de expressão da literatura, da vida pública e da vida íntima.

O debate continua, em várias outras cartas. Em abril de 1927, os escritores demonstram seu modo diferente de perceber a vida literária no País. Destaca-se aqui uma delas, datada de 6 de abril de 1927, em que Mário se mostra insatisfeito com a crítica feita a suas obras e ao fato de ele ser considerado nacionalista:

O *Clã* prontinho da Silva, capaz de entrar agora mesmo pra máquina, agora pra quando?... Ora! que bem me importa... Já temos nacionalismo por demais e tão besta!. Vão Julgar meu livro nacionalista, que eu entrei também na onda, sem não ter ninguém capaz de perceber uma intenção minha, que sou o que sou, nacionalista não, porém brasileiro *et pour cause* desde *Paulicéia* onde eu falava que escrevia brasileiro e inventava as falas de Minha Loucura e das Juventudes Auriverdes, vão me confundir com os patriotas de merda gente que odeio, eu, sujeito que faz muito mandou pra..... as pátrias todas deste mundo de imbecis, vão falar todas as bobagens deste mundo e de mim mesmo [...] (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 340. Carta de 02 de abril de 1927).

Nessa mesma carta, ao falar de seu interesse em fazer “talvez Gramatiquinha”, Mário salienta a possibilidade de ela se tornar uma decepção:

Pra acabar aqui vai o “Lundu do escritor difícil” única poesia que fiz este ano. Não tá bom? É pena eu ter falado só nos meus brasileirismos porque franqueza estou virando difícil duma vez. [...] Estou prelibando por enquanto meus livros como *Clã*, *Macunaíma*, *Tempo da Maria*, talvez *Gramatiquinha* (apesar da decepção que vai dar) inda serão divertidos imagino. Este- Mário!... (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 341 Carta de 06 de abril de 1927).

A resposta de Bandeira traz a discordância do amigo sobre o modo de ver o que chama de “aporrinhações com a literatura”:

Acho graça de ler as suas aporrinhações com a literatura. Acho graça porque nisso sou tão diferente de você. É verdade que não sou um escritor como você, sujeito que se prepara, estuda, propõe-se problemas, resolve-os, etc. Quando se faz um esforço assim fica-se safado de ser julgado levemente [...] (BANDEIRA apud Moraes, 2000, p. 343. Carta de 9 de abril de 1927).

Para continuar a esclarecer os pontos da discussão realizada pelos autores, veja-se mais uma carta trocada entre eles, agora do ano de 1929. Mário escreve para Bandeira:

Quanto ao meu *Compêndio* aceitarei que você me lembre alvitres que possam melhorar a segunda edição dele. Porém será inútil me dizer que ele é uma m... Didaticamente é. Está tão concentrado por momentos lida com tais elementos noutros que pra aluno passivo é apenas uma inutilidade. Além disso tem senões bestas e outros cômicos. [...] (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 421. Carta de 2 de junho de 1929).

Em resposta, Bandeira comenta a leitura do *Compêndio* de Mário e reitera sua crítica aos brasileirismos do autor de *Paulicéia desvairada*:

Mário.
Acabo de receber a sua carta de 2.
Meu livro não está se imprimindo. [...] Mandei dizer a você que ia ler a *História da Música* devagar para aprender... Não tive calma e li por cima de cabo a rabo. A impressão foi excelente. Didaticamente. Só me danei de vez em quando com os brasileirismos indiscretos, propositais, colocações de pronome acintosas (fico com gana de escrever português quinhentista). (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 422. Carta de 17 de junho de 1929).

Em sua resposta, Manuel Bandeira elogia a obra do amigo ao considerá-la didaticamente excelente, mas continua pontuando os exageros das novas formas de colocação de pronomes usadas pelo Mário.

Deve-se, também, salientar que Bandeira mostra-se aparentemente interessado no uso de uma língua mais requintada, mas quem conhece a obra do poeta pernambucano sabe que em seus versos ele ironiza o macaquear da sintaxe lusitana: “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/Vinha da boca do povo na língua errada do povo/Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/Ao passo que nós/O que fazemos/É macaquear/A sintaxe lusíada/” (BANDEIRA, 2007, p. 132-135).

A continuação dessa conversa ocorre em carta de 1 de julho do mesmo ano, na qual Mário debate com Bandeira:

Manu, eu escrevi o *Compêndio* em menos de mês sem abandonar minhas ocupações. Saia o que saia e não corrigi nada. Meus pronomes e brasileirismos, que estão muito diminuídos estes em número e por isso mais repetidos, saem hoje como água que brota sem nenhuma preocupação mais. A não ser a preocupação de *escrever desacintosamente*. [...] Agora corrigir um pronome colocado errado por inconsciência, pra um pronome

colocado certo por consciência só pra ficar mais de estilo português isso não faço não, nem que caia a casa. [...] Você sabe que eu falei ou escrevi pra você que eu estava experimentando e não pretendia continuar no forçamento de brasileirismo em que estava.[...] **Pouco me incomoda agora que eu esteja escrevendo igualzinho ou não com Portugal: o que eu escrevo é língua brasileira pelo simples fato de ser língua minha**, a língua de meu país, a língua que hoje representa no mundo muito mais o Brasil que Portugal: enfim: a língua do Brasil. O resto : maior ou menor sintaxização brasileira dos nossos escritores, isso era contribuição pessoal, não tinha importância pragmática nem distinguia fala dum e doutro. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 424-426, grifo nosso. Carta de 1 de julho de 1929).

Pela resposta de Mário de Andrade, pode-se notar que ele não está mais tão preocupado com a escrita estritamente brasileira, porém continua seu empenho no uso de uma linguagem mais espontânea (ou desacintosa), não preocupado com normas gramaticais portuguesas. O poeta assume a posse da língua (“língua minha”) e isso basta para torná-la brasileira e, portanto, diferente da língua dos portugueses.

O assunto é, mais uma vez, retomado, agora com Mário assinalando a diferença de pensamento com Bandeira:

Mas voltando a você: um outro problema está me aparecendo hoje em que você deve de matutar com mais paciência. De fato você bota quando senão quando umas expressões antiquadas nos sonetos. É o que faz você imaginá-los com sabor quinhentista. Mas Manu, são expressões meramente episódicas, possivelmente ditadas pela preocupação em que você está de não gostar de brasileirismos. Estou me lembrando dum fato engraçado que se sucedeu comigo quando me botei abrasileirando combativamente a minha escritura. De tanto tomar cuidado em escrever abrasileirado e não apaulistado, cheguei a fugir um tempo mais de paulistanismos que lusitanismos. Você, pra não parecer brasileiro, não estará também nessas traduções se preocupando em não escrever simples? (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 428-429. Carta de 13 de julho de 1929).

Coincidentemente, nessa mesma data, Bandeira escreve uma carta para Mário cujo assunto continua sendo desenvolvido, e as diferenças entre os poetas, evidenciadas:

Mário

Não me lembro mais como me referi à linguagem do *Compêndio*, mas tenho a impressão que disse ter gostado salvo de alguns brasileirismos e colocações pronominais acintosas. Você disse em sua resposta que escreveu o livro com toda naturalidade e que se teve em tempos preocupação de marcar, de forçar a nota, atualmente não a tem mais e tudo sai hoje “como água que brota”. A isso eu posso responder: não terá você adquirido com a prática proposital um hábito que se tornou naturalidade? [...] Foi o que sucedeu com todos os escritores brasileiros a partir dos

parnasianos em matéria de colocação de pronome. Existia, como ainda existe, é inegável, atração do pronome oblíquo pela negação e pelos relativos. Essa atração em linguagem brasileira não é tão forte quanto na portuguesa mas não deixa de existir [...].

Eu não disse na minha carta o de que gostei e de que não gostei no *Compêndio*, de sorte que você tomou a minha crítica em bloco, como se eu condenasse tudo. [...]

Você adquiriu o hábito de reforçar sempre a negativa, construção pesada, que fica de muito bom efeito quando se quer dar ênfase, mas será possível que você ande a pôr ênfase em toda a negativa de advérbio ou pronome? (“Jamais não”, “nunca não”, “nenhum não”). [...] **Outra coisa que dá um andamento pesado e afetado à linguagem do *Compêndio* é a substituição do possessivo de 3ª pessoa pelo pronome pessoal precedido de preposição de** com sentido possessivo (dele, dela, deles, delas). [...]

Não tolero que você lançando mão a todo momento de palavras e modismos populares do Brasil venha com “mui difícil” (p. 156), “mui forte” (p. 144), “mui complicado” (p. 20). [...]

Haveria muito detalhe a discutir. Anotei tudo a lápis no *Compêndio*. [...] Mas uma coisa digo já e foi talvez inadvertência sua. À p. 50 vem obcessão. Não existe obcessão. Existe obsessão (de *obsidere*) e obcecação (de *obcecar*). No caso trata-se de obsessão. [...]

Adeus, bichão. Abraços
do

M. (BANDEIRA apud MORAES, 2000, p. 429-431, grifo nosso. Carta de 13 de julho de 1929).

Manuel Bandeira, ao contestar o uso dos brasileirismos, discute menos as alterações gramaticais: sintáticas, semânticas e ortográficas como inadequações linguísticas e coloca em questão o chamado “andamento” do texto. Se em música o andamento se refere à velocidade em que a peça é executada, o mesmo se pode dizer do texto escrito. Bandeira aponta que a elaboração estilística de Mário torna o texto do *Compêndio* um pouco “pesado”, o que pode significar lento por demais, porque, talvez, pleonástico.

Com base no que foi até aqui discutido, o estilo construído pelo escritor de *Pauliceia desvairada* deixa evidentes as concepções que fundamentam sua escrita. Bandeira, por sua vez, defende que a construção do estilo se volte, preferencialmente, para o que torna o texto leve e rápido. Não aceitava os “modismos” da língua brasileira porque, para ele, as formas adquiridas por essa prática tornavam o texto pesado, acintoso, indiscreto, afetado, artificial.

3.2 Outros olhares sobre a mesma polêmica

O debate sobre a língua brasileira não é exclusivo dos escritores. Mário de Andrade guardava em seus arquivos alguns documentos que julgava de suma

importância, dentre eles jornais que traziam críticas sobre a língua portuguesa, tais como a seguinte, de Edgard Roquette-Pinto²¹.

²¹ Edgard Roquette-Pinto foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.

Figura 13 – O Dialecto Brasileiro – Texto de Roquette-Pinto



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-D50 -003-01.

O empenho do escritor na causa da língua brasileira demonstra seu contato com um debate próprio do tempo. Nesse artigo, intitulada *O dialecto brasileiro*, datada de 10 de maio de 1929, publicada no *Diário Nacional*, o jornalista e crítico literário Edgar Roquette-Pinto (1929) descreve a diferença entre o português de

Portugal e o “nosso” português, tanto em seus aspectos fonéticos quanto prosódicos. Roquette-Pinto (1929) defende um português que se quer nacionalista e se volta assim para a nossa língua, impregnada de sentidos que fazem parte do nosso cotidiano, de nossos vícios de linguagem. De certa maneira, o que o autor vai apresentar de forma bem clara e objetiva é que haverá uma diferença fonética e que essa mudança conduzirá a uma nova sintaxe.

Nesse cenário, o autor ainda nos diz da importância dessa linguagem em cada região. Nesse sentido, relata que o português de Portugal estragou o latim tanto quanto o brasileiro danificou a língua portuguesa na busca por uma língua nacional. Ele se pergunta quando a nossa língua será um idioma, um dialeto, e ele mesmo responde: “nunca! como dizem os dicionários, ‘que dialecto é uma variedade na língua principal, variedade em pronunciar as palavras de um modo particular. etc.’” (ROQUETTE-PINTO, 1929, p.).

Mário de Andrade, assim como guardou em seus arquivos o artigo de Roquette-Pinto (1929), guardou também o artigo de Tristão de Athaíde³ intitulado *A língua brasileira*, publicado no *Jornal do Commercio*, datado de 08 de abril de 1928. Esse artigo parece ter sido considerado uma importante inspiração para as reflexões sistemáticas de Mário. Em seus arquivos, há um documento 12-I ‘Rascunhos da Gramatiquinha’, que tem o seguinte comentário: “Não falar nem uma vez em regras, nem tão pouco em normas si possível. Falar só em ‘*Constâncias*’ ____ ‘Ver Tristão de Athayde sobre língua Brasileira no Prefácio’” (Grifo do autor).

Figura 14 – Vida Literária- A língua brasileira – Texto de Tristão de Athayde



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA-D50-003-01 (anverso).

Tristão de Athayde discute, basicamente, nesse artigo, o fato de naquela geração não haver sequer um filólogo – aquele homem que conhecia latim e grego e que seria mestre em etimologia –, o que seria importante para ajudar a linguística moderna em seus novos rumos. Com seus comentários, o crítico literário exalta as qualidades de Antenor Nascentes²², segundo ele, autor do “linguajar carioca”.

²² Antenor de Veras Nascentes (*Filologia românica*, 1954), filólogo, etimólogo, dialectólogo e lexicógrafo brasileiro de grande importância para o estudo da língua portuguesa. É considerado um

Afirma, ainda, que a dialetologia está para a filologia assim como o regionalismo para a literatura. Sendo assim, o que é proposto é que, se temos o dialeto, temos também os regionalismos, sabendo-se que são distintos. Para Tristão de Athayde, o dialeto é a variedade de uma língua própria de uma região ou território. É um poderoso instrumento de interação social a língua pertencente a uma comunidade. O regionalismo refere-se ao “sotaque” e às expressões de uma determinada região. Por exemplo, no Rio de Janeiro fala-se com um “s” chiado enquanto em Minas Gerais pronuncia-se o “s” com assobio, destacando-se formas bem diferentes dos falares. É um linguajar próprio de cada região. Em seu artigo, Athayde deixa claro o repúdio ao regionalismo literário, porque, para ele, isso seria uma mutilação da totalidade literária. Sugere, a partir disso, a ultrapassagem da dialetologia.

Como se vê, o debate desenvolvido por Bandeira e Mário, em suas cartas, tanto está inserido na discussão da tradição literária de tempos que os antecedem, caso das literaturas de Alencar, Gonçalves Dias, Lima Barreto e Machado de Assis, quanto nos artigos de seus contemporâneos. Enquanto debatia com Bandeira, Mário lia, anotava e conhecia os diferentes pontos de vista dos autores daquele tempo. Seu processo de sistematização se dá por suas anotações vindas da fala brasileira e pela pesquisa das várias formas da escrita em revistas, jornais e livros da época.

Segundo Andrade citado por Pinto (1990, p. 326-327), há uma antítese no relato de quem diz que fala de acordo como escreve. Ele considera uma das mais puras ingenuidades que se conhece, logo ninguém fala conforme escreve. Em todo e qualquer momento houve duas línguas, que se dividem em língua geral e língua literária. Dessa maneira, ele conclui que aqueles que escrevem de forma muito “correta”, por assim dizer, são aqueles que costumam colocar máscaras; entretanto, a linguagem que se aproxima do público leitor é que se torna a verdadeira linguagem, ou seja, a literária.

Como se pode ver, o que está em questão não são apenas os brasileirismos, a porta de entrada da questão, mas a compreensão sobre que literatura se faz, para quem, com que formas de expressão, muito próprias do modernismo.

Ao procurar essa forma de expressão, os poetas – e os críticos – falam de andamento, naturalidade, universalidade e procuram as soluções necessárias para se chegar ao que se deseja, como se pode notar em outro debate desenvolvido em carta de 13 de julho de 1929, trazido pelas observações de Mário às traduções de Bandeira:

Quanto às traduções vou indicar as que me parecem “rimas forçadas”. Aliás “forçadas” não é bem a expressão e nem sei se a empreguei na carta. Falo em rimas botadas no poema exclusivamente pela obrigação de rimar.

No soneto “Parte...” (antes de mais nada: nos quartetos ficou uma atrapalhão danada de confusa por causa das variações pronominais dos verbos. “Parte” é imperativo?) “quando a levante” é chavão de salvamento; e o “Parte: não saís!” acho até condenável, exclusivamente existente pra encher o decassílabo sobrando e tal como está só por causa da rima em “ais”. E aconselharia mesmo a você que refundisse os quartetos. Estudando melhor eles agora, me parecem fraquíssimos. Apesar da pontuação. O “quanto” do primeiro terceto, pros que no *métier* de sonetista, é visível preparação rimatória pra “pranto”, o processo:

“... é quanto faço e quanto

Sonho...”

é comum nos decassílabos creio que principalmente dos parnasianos. Mesmas observações pro “pois” do segundo terceto. E ainda o “que assim também todo te inclui” é pura frase pra rimar com “flui”.

O soneto das cartas está infinitamente melhor. Mas nos quartetos duas das rimas em “io” são tábuas de salvamento: o paliativo “era no estio” e o “li-o”. Você vem falando numa carta em que o indivíduo “implora vir e as mãos me tomar” e em vez de “li-a e chorei”, bota “li-o e chorei”, fazendo o pronome referir a “isso”: “Li isso e chorei”. (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 428-429. Carta de 13 de julho de 1929).

Ao se preocupar com a “visível preparação rimatória” nos poemas traduzidos pelo poeta pernambucano, Mário se mostra também incomodado com uma escrita artificial, forçada, que, segundo ele, parece transparecer nos procedimentos criativos de Bandeira. Ele chama a atenção do amigo Manu com o que considera uma “ironia amável” para alertá-lo de que os andaimes do edifício poético estão muito evidentes.

Diferente desse modo considerado forçado por Mário, pode-se ver o que o poeta procura em seu *Prefácio interessantíssimo*, em que vai defender uma escrita movida a “impulsão lírica”:

Este prefácio, apesar de interessante, inútil. Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão o prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para que me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.

Quando **sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo que meu inconsciente me grita**. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo (ANDRADE, 1980, p. 13-15).

O autor, em *Prefácio interessantíssimo*, professa o que considera ser o predomínio do inconsciente e da escrita automática, em que está se concretizando, o espírito do “Desvairismo”. Dessacraliza o poeta e a poesia e parece que tenta praticar algo menos artificial. Algo que não se submete à necessidade de rimar. O pensamento seria, aparentemente, posterior à escrita. Mário parece considerar que Bandeira, ao praticar a tradução, primeiro pensa e depois escreve; e ele faria o contrário, primeiro escreve e depois pensa.

3.3 Uma gramática não concluída

Como tudo, as palavras têm os seus quês, os seus comos e os seus porquês. Algumas, solenes, interpelam-nos com ar pomposo, dando-se importância, como se estivessem destinadas a grandes coisas, e, vai-se ver, não eram mais que uma brisa leve que não conseguiria mover uma vela de moinho, outras, das comuns, das habituais, das de todos os dias, viriam a ter, afinal, consequências que ninguém se atreveria a prever, não tinham nascido para isso, e contudo abalaram o mundo (SARAMAGO, 2009, p. 52).

O processo desenvolvido por Mário de Andrade, e muito discutido em seu tempo, contestado muitas vezes por Manuel Bandeira, foi posteriormente organizado por Edith Pimentel Pinto (1990). Baseando-se nos escritos originais de Mário de Andrade, elabora *A Gramatiquinha de Mário de Andrade* e nos conta, de modo sistemático, as experimentações do autor: abuso da colocação pronominal, manifestação de síncope (pobrema, poblema, etc.), variações e sinalefa (d'água, дума, etc.), enfim o registro de uma língua(gem) extremamente íntima e cotidiana, apresentando o português brasileiro para os próprios brasileiros, conforme pudemos ver praticado nas cartas trocadas entre Bandeira e Mário.

Observa-se, dessa forma, que as preocupações do poeta são, por exemplo, com o ritmo, quando procura justificar o uso do “pra”, o que nos é lembrado por Edith Pimentel Pinto (1990) ao trazer a nota marginal escrita por Mário sobre o assunto:

A razão principal do emprego de pra por para é que realmente aqui o ritmo se perturba pois embora a gente quase que excessivamente fale pra quando lê mudo ou recita uma leitura, fala para. Não é como outros casos

em que a elisão se dá até na leitura muda (ANDRADE apud PIMENTEL, 1990, p. 179).²³

A partir disso, Pinto (1990) diz que Mário tinha certa preocupação não com a sintaxe ou com a estilística, mas sim com a sonoridade, quando faz uso de fórmulas que podem perturbar o ritmo incluindo a redução de para = pra, prá, prã, pro, prum.

Essa, de certo modo, parece ser a mesma preocupação de Bandeira ao discutir o andamento do texto. Tanto ritmo quanto andamento se ligam de algum modo aos aspectos do que se pode chamar, genericamente, de aspectos musicais do texto. De acordo com Pinto (1990), Mário expõe suas ideias como sugestões em tom extremamente jocoso:

É incontestável que eu escrevendo na língua artificial e de ninguém em que escrevo atualmente por assim dizer escapoli da possibilidade de errar. Isso não tem dúvida não porém a gente carece notar duas coisas: Primeiro: Posso dizer com certa sinceridade que sei ou pelo menos já **sube** escrever o português. Dou como livro escrito nessa fala a minha Escrava que não é Isaura. Livro publicado com certa afobação só me desculpo nele da barafunda de acentos que por vezes saíram bem falseados. A culpa não foi minha que nesse tempo inda eu não sabia rever provas não. Afora isso me escapoliu um '**poude**' por 'pôde', cacoete em que cochilei uma feita no volume... agora escrevo conscientemente 'poude'. O outro erro também de ortografia nem me lembro mais qual é. [...]

Segundo: é incontestável que com a estilização da fala brasileira feita por mim, estilização em que além de generalização de modismos sintáticos brasileiros e ilações que tiro deles, entram ainda modismos esporádicos colhidos de pessoas que escuto, cartas que recebo, livros, jornais, anúncios e etc. que leio e mais as variações e fantasias estilísticas que me são próprias... (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 317-319. Nota 32, 12 V).

Pode-se pensar que com esse tom galhofeiro Mário parece se aproximar, de certo modo, da percepção de Bandeira de que seu modo de escrita é um tanto artificial: “na língua artificial e de ninguém em que escrevo atualmente, por assim dizer escapoli da possibilidade de errar”. Essa confissão é importante no contexto do debate entre os dois escritores. Quando Bandeira contesta o uso dos brasileirismos, um dos motivos é exatamente considerá-los artificiais, marcados por uma certa afetação.

Pinto (1990) percebe e destaca que, ao contestar a chamada língua oficial, Mário o faz exatamente por considerá-la artificial. Como se vê, a preocupação dos

²³ Esta nota foi retirada da *Gramática secundária da língua portuguesa*, de Said Ali, conforme nos informa Pinto (1990).

escritores é procurar, por meio da expressão, o que consideram natural, e essa percepção é diferente em um e outro autor. Mário afirma:

[...] Nesse monstrego político existe uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades nem os ideais do simulacro de povo que se chama o povo brasileiro. [...] **Escrevem-a também os escritores, casta hedionda de falsários pedantes que malempregam** os dotes do lirismo e de inteligência que possuem. Tem também os doutores, um poder de hominhos serelepes e casuístas, sobretudo safados que muita gente imagina falando essa moda importada, a tal de língua portuguesa. **É mentira.** Com exceção duns trinta ou quarenta os doutores **não falam a língua oficial nem nenhuma língua. Língua é o instrumento mais ou menos plausível com que a gente matuta. Língua é uma expressão espontânea do homem e ordenada unicamente pelas precisões inconscientes da fisiopsicologia humana.** [...] Essa maculação faz da escritura deles uma coisa hedionda como realidade porque é um pensamento, isto é, uma realidade psicológica buscando se expressar sem naturalidade, sem espontaneidade de expressão. **Ôa merda.** (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 321-322, grifos nossos).²⁴

Nesse trecho de uma das introduções à sua *Gramatiquinha*, destaca-se essa discussão da naturalidade e da espontaneidade que preocupa os escritores modernistas.

Ainda de acordo com Pinto (1990), em relação à *Gramatiquinha* de Mário: “Não se trata dum livro técnico nem pra técnicos” (PINTO, 1990, p. 315). Não é preso às gramatiquices, assim, utilizaria de certa impressão pessoal, mitigadora e até mesmo intuitiva, baseando-se num direcionamento mais emocional, mas não pragmático, o que pode ser percebido nos trechos trazidos para a apresentação da discussão entre os escritores.

Para Pinto (1990, p. 318), a necessidade momentânea de construir a sua *Gramatiquinha* não nos desobriga de fazer uma análise quanto ao seu verdadeiro propósito no abasileiramento da língua portuguesa:

É certo que **desque** me pus na fadiga brasileiromente não fiz caricatura nem pândega. Todas as manifestações de brasileiroismo linguístico que empreguei, empreguei sinceramente, não **pra** fazer comicidade nem mostrar burradas de incultos. Estilizei com seriedade depois de muito matutar e nem tudo aceitei porque si o povo pela sua incultura que o livra de uma imundície de preconceitos descobre aquelas fórmulas orais de expressões que incarnam, refletem e explicam as sensibilidades caracteristicamente nacionais. Fui sincero, paciente e estudioso nas minhas

²⁴ Citação retirada de uma das introduções (Capítulo I, p. 321) da *Gramatiquinha* preparada por Mário de Andrade.

estilizações. Algumas, forçadas, que usei, como **Oropa** e outras, pela própria significação irônica da frase que as encerra, provam que eram depreciativas ou ironias – ataques, não coisa séria. Ainda mais uma coisa: muita gente, até meus inimigos, andaram falando que eu queria bancar o Dante e criar a língua brasileira. Graças a Deus não sou tão iguorante nem tão vaidoso. A minha intenção única foi dar a minha colaboração a um movimento prático de libertação importante necessária. (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 316)²⁵

Com base na citação acima, pode-se observar que o autor é declaradamente contra os grandes escritores que quiseram se autopromover na dependência da gramática portuguesa e, como se pode observar, não há uma preocupação com a “linguagem” propriamente dita de alguns deles. Mais uma vez, Mário de Andrade explicita que seu exercício de uso dos brasileirismos é uma estilização realizada com seriedade e reflexão, sem a pretensão de reproduzir as fórmulas descobertas pelo povo. Sua preocupação o faz convocar os escritores a inferirem na gramática brasileira para atualizá-la e aprimorar a literatura impressa e a linguagem oral. O poeta, em suas pretensões, evidencia que seu engajamento na discussão sobre a língua é tanto de natureza política quanto estética.

De acordo com Pinto (1990, p. 414), torna-se indispensável saber que as referências apontadas por Mário de Andrade em sua *Gramatiquinha* sobre a Psicologia da Fala Brasileira consideram que não há tamanha diferença entre o brasileiro falado nas diferentes regiões do Brasil. Para ele,

[...] A verdade é que a gente não possui ainda uma fala brasileira distinta. A gente inda está naquela fase de desagregação da fala portuguesa em que a fenomenologia poucas normas gerais apresenta. Tudo resume a fenômenos pessoais. Um fala assim, outro fala assado. [...] Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro e a fala do Ceará, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porque a vocabular é pequena. A diferença vocabular é só aparentemente grande e provém das necessidades locais... (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 341-342).

Ainda segundo Pinto (1990, p. 414-415), Mário diz que o português de Portugal é mais estilizado que o português do Brasil. O epistológrafo faz uma alusão às cartas escritas pelos portugueses de Portugal dizendo que são mais elaboradas. Para Mário, isso quer dizer que o português de Portugal é aquele que transcreve o que herdou de conhecimento nas gramáticas. Pinto (1990) afirma que a razão

²⁵ Citação retirada do “Prefácio 2” (p. 315) da *Gramatiquinha* preparada por Mário de Andrade.

alegada pelo missivista é que o brasileiro necessita esquecer o que conversa todos os dias para se lembrar das regras gramaticais.

Todas essas discussões estão presentes nos prefácios escritos para a preparação da sua *Gramatiquinha*.

Figura 15 – Prefácio da Gramatiquinha – Prefácio 1 (continua)

Prefácio

— Antes da Introdução um prefácio pequeno, verdadeiramente humilde. Esta é a 1ª vez em que me sinto verdadeiramente tímido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste. É certo que estudei ativamente o possível entre os casos da minha vida autodidática de língua portuguesa de que deriva em maior parte a nossa maneira de escrever, porém é tanto mais certo que esse conhecimento não é suficiente para se meter nas altas casualidades de escrever um livro de linguagem. Me parece francamente que careço ter topete para agir assim e o meu livro me parece a primeira vez ^{me} não, bem clarificada na consciência uma manifestação de intuição da família vida artística. Outros é que devessem escrever este livro e tenho consciência de que um dia a ~~fala~~ ^{Fala} Gramática da Fala Brasileira será escrita. Porém certas considerações se não desculpam ao menos por explicar a meu topete. Outros devessem escrever este livro, não têm dúvida, porém é certo é que

Figura 16 – Continuação do Prefácio

creem. Se. Ainda mais: Te-
 um livro, volutas como
 heyma Nacional de J. Paulo,
 O Dialeto da Pira de A. Ana-
 gal, que são merolais con-
 to pra falar brasileiro con-
 parem a outros como idealis-
 tes que são e são pretios, con-
 vidam, convidam parém
 principiam não fazendo o
 que convidam. Não tiveram
 coragem. Eu tive a coragem
 e lo que explica o meu va-
 lar funcional na literatura
 brasileira moderna, não
 me iludo absolutamente
 a respeito do valor dos outros
 livros. Sei que como arte eles
 valiam quasi nada parém
 não são exemplos perfeitos
 e imediatamente parém
 do que os outros devem fazer
 ou... não devem fazer. E
 e verdades. Foi obrigado a
 que muito um despro-
 pito de assunto, e por isso
 - picar na epigrama de
 todos eles. Sobre poesia, poe-
 tica, estetica, argumenta-
 ção, prosa, psicologia,
 pintura, e até em suas
 escrevi. Uma época como
 a minha em que o conluio
 to repuro de cada livro
 deparado e a
 qualidade humana pede
 uma vida inteira, de de

No primeiro prefácio à *Gramatiquinha*, Mário deixa claro que aqueles que almejam se comprometer com a escrita e com a arte literária precisam transgredir para alcançar recursos inovadores e criar alternativas para a maneira de expressar.

No prefácio 2, Mário de Andrade dá continuidade à fala do prefácio anterior, esclarecendo a confecção do livro, e salienta que não se trata de um livro de um profissional tampouco para peritos no assunto. Ressalta que se trata do trabalho de um leigo no assunto que se dispôs a enfrentar a “tábua da lei da linguística lusitana” criando e apoiando as fórmulas gramaticais brasileiras.

É, ainda, importante salientar que o escritor de *Macunaíma* não considera a *Gramatiquinha* uma obra científica, mas uma obra de ficção, homenageando dessa maneira a humanidade criada através do abalo e da forte emoção que faz nascer nele a criação das palavras (ANDRADE apud PINTO, 1990). Veja o que Mário citado por PINTO (1990) diz:

Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente. Embora tomando cuidado não me livrei desse defeito e é por isso que não apresento o meu trabalho como obra de técnica porém obra de ficção. Porém sempre uma observação inda tenho que fazer: é que estudando a psicologia dos termos e das frases, não destruo nenhuma das leis e normas gramaticais universais (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 326).

Mário de Andrade, no prefácio, confirma o que disse nas cartas para Bandeira, ao afirmar que desde o momento em que ele se dispôs a escrever brasileiro, mesmo que tenha sido um trabalho exaustivo, não fez graça tampouco loucura, não foi insensato. Toda a labuta foi séria e de responsabilidade quando se revelava o português do Brasil, jamais apresentou, como disse ele, “burradas de incultos”.

Sua proposta de elaboração de uma gramática ficou inconclusa, mas suas anotações ficaram e jogam luz sobre a discussão da criação estética entre os poetas brasileiros.

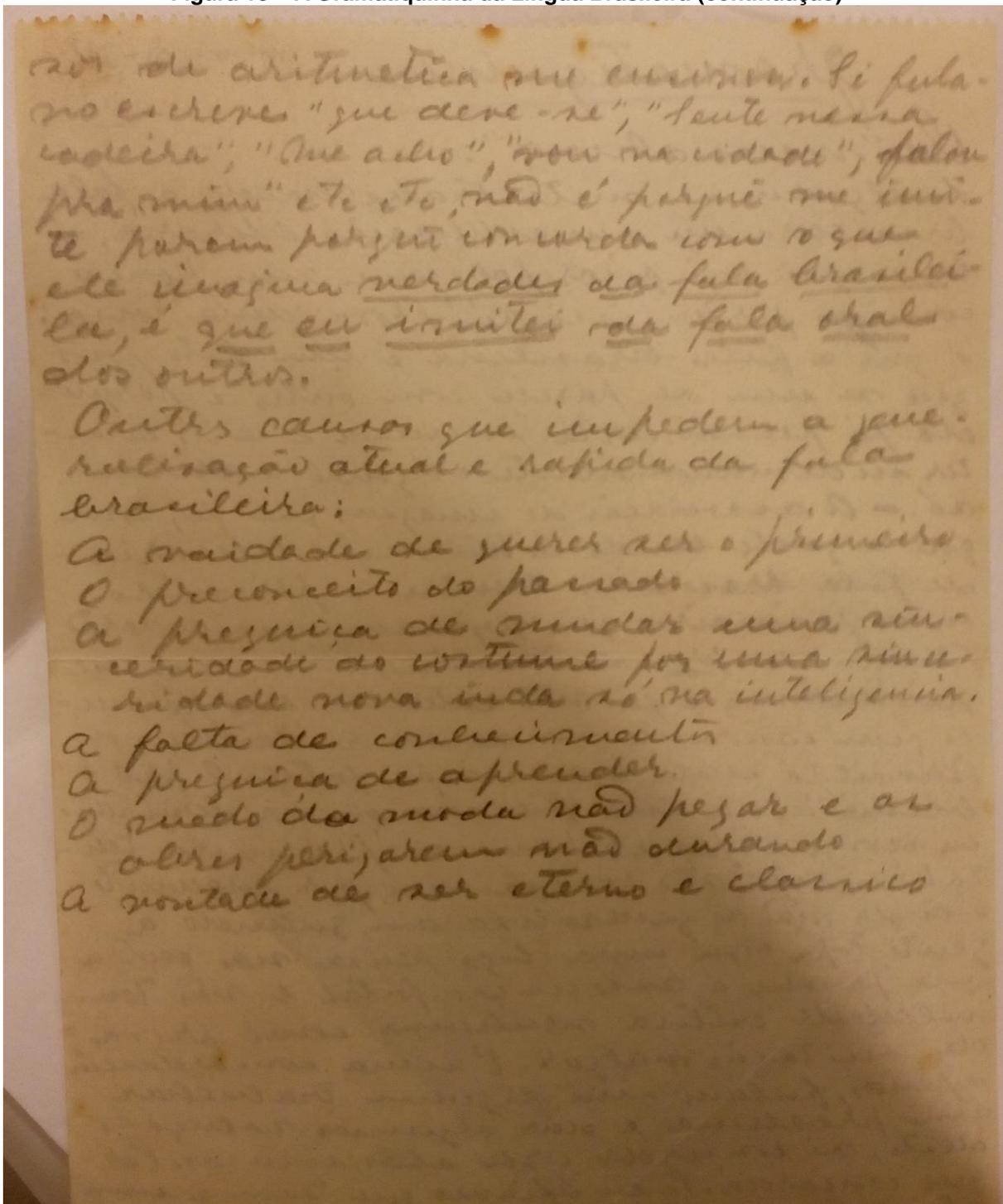
Figura 17 – A Gramatiquinha da Língua Brasileira

Gramatiquinha
 Língua Brasileira

Tinha não existe. No entanto na
 pronúncia temos já uma língua
 inteiramente apartada da fala
 portuguesa. Essa pronúncia e todos
 os fenômenos fonéticos já nos
 teriam servido para outra fala
 se não fosse reação erudita. Os
 exemplos e os males da erudição.
 A falta erudição que não tem cara-
 cter pra ir pra diante pela obser-
 vação do fato, porém se orgulha
 de saber o parêntese que ficou pra trás por
 saber o parêntese a ser lido no
 livro. O fato é que se nossa fala
 oral se diferenciava bem já da
 portuguesa, então língua literária
 e que não temos mesmo nada de
 novo porque tivemos um Barão
 Alencar, um Alvares de Azevedo, um
 Alencar, um Machado de Assis
 um Monteiro Lobato, e um Pibeiro
 ou outro, um Prudente de Moraes, etc.
 pra ir até os municípios aparecendo,
 que escreveram numa fala despre-
 zando de gramática clássica e
 bem brasileira na prosa, sem que
 por, em consequentemente se deixam
 levar pelo preconceito das tradições
 adquiridas na escola e no currículo

Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA – 051-217 (cont.)

Figura 18 – A Gramatiquinha da Língua Brasileira (continuação)



Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA – 051-217.

Na *Gramatiquinha da fala brasileira*, Mário de Andrade, de acordo com o que informa Pinto (1990, p. 341), deixa clara a questão do preconceito à expressão brasileira. Mário considera que o uso da norma culta nem sempre pode ser o adequado para a literatura por razões próprias da criação e das escolhas estéticas

dos escritores, e isso geraria certo preconceito. Refletindo sobre essa questão, Mário de Andrade afirma:

[...] O fato é que si nossa fala oral se diferencia bem já da portuguesa, então a língua literária é que não temos mesmo nada de nada porque mesmo um Castro Alves, um Álvares de Azevedo, um Alencar, um Machado de Assis, Monteiro Lobato, e um Ribeiro Couto um Prudente de Moraes neto pra ir até os mocinhos aparecendo, que escrevem numa fala desprevenida de gramática clássica, e bem brasileiros na prosa, sem querer, inconsequentemente, se deixam levar pelas tradições (preconceitos) adquiridas na escola e no convívio dos Livros. E dessas tradições a mais pior é o preconceito dos olhos... (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 341).

Significa dizer que, em suas reflexões, Mário procura registrar as mudanças ocorridas na língua – não os modismos vocabulares, mas aquilo que considerava tendência da própria língua. E foi isso que ele teria colocado em prática não uma imitação do falante. Mário de Andrade considerava também que os fatores que impedem o andamento da fala brasileira seriam a preocupação com a vaidade de ser sempre o primeiro a realizar determinada fórmula, o preconceito do passado, a falta de um certo conhecimento sobre questões de evolução linguística ou até mesmo o comodismo em aprender e pensar que o que se aprende na “escola” deve ser mantido para sempre.

A *Gramatiquinha da fala brasileira* é uma obra inacabada de Mário de Andrade. Do modo como ficou registrada, nada mais é que o resultado do projeto de estudo do poeta e músico.

Apesar de insistir no escrever e no falar brasileiros, e defender essa posição em suas cartas, Mário de Andrade não demonstrava a intenção de transformar o seu modo brasileiro de escrever no “brasileiro do amanhã”, como diz o próprio Mário (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 182). O que se pode perceber é a preocupação em experimentar novas formas, pesquisar novos temas, dinamizar os processos de criação, ousar inovações.

Esta gramática, pois que gramática implica no seu conceito o conjunto de normas com que torna consciente a organização d'ua ou mais falas, esta gramática parece estar em contradição com o meu sentimento. É certo que não tive jamais a pretensão de criar a Fala Brasileira. Não tem contradição. Só quis mostrar que o meu trabalho não foi leviano, foi sério. Si cada uma fizer também das observações e estudos pessoais a sua **gramatiquinha** muito que isso facilitará pra daqui a uns cinquenta anos se salientar normas gerais, não só da fala oral transitória e vaga, porém da expressão literária impressa, isto é, da estilização erudita da linguagem oral. Essa Estilização é

que determina a cultura civilizada duma raça sob o ponto de vista expressivo. Linguístico. (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 334).

Essa posição de Mário, no prefácio da *Gramatiquinha*, revela que toda a discussão que teve com Bandeira sobre esse assunto era uma parte do trabalho do escritor, que sempre esteve preocupado com a “expressão literária” ou, como dito várias vezes, com a “estilização erudita da linguagem oral”. Esse legado está garantido pelo que deixou registrado, ainda que não tenha concluído o trabalho para publicação.

Mário deixa, ainda, uma espécie de método de trabalho quando recomenda que cada um faça de suas “observações e estudos pessoais a sua gramatiquinha”. Essa noção de método de trabalho foi também largamente discutida com Bandeira, conforme se apresentou. Percebe-se, dessa forma, que Mário sugere que cada escritor elabore cuidadosamente sua própria maneira de escrever. Para isso, seria necessário o escritor pesquisar a fim de elaborar seu estilo.

Ao analisar comentários feitos ao seu trabalho estético, Mário contesta em mais um trecho do prefácio que faz à sua *Gramatiquinha*:

A censura de que “ninguém fala como eu escrevo” é besta. Primeiro: escrita nunca foi igual à fala. Tem suas leis especiais. Depois: se trata dum estilo literário, si fosse ao dos outros não é estilo literário, não é meu [...] por mais que não queiram parceiros e inimigos, tenho sido o primeiro em muitas coisas nestes brasis, em mais coisas que se imagina. Não por ser o primeiro a tentar por ser o primeiro porém por ser o primeiro a “acreditar”. Eu tenho fé [...] Não tentei. Acreditei no verso-livre. Já não disse sejamos brasileiros. Eu fui. Eu não falei: escrevamos brasileiro. Eu escrevi. [...] Mostrar que o perigo pra quem se mete numa coisa destas é principiar inventando coisas sem nenhuma ligação com a realidade existente. Embora tomando cuidado não me livrei desse defeito e é por isso que não apresento o meu trabalho como obra de técnica porém obra de ficção. Porém sempre uma observação inda tenho que fazer: é que estudando a psicologia dos termos e das frases, não destruo nenhuma das leis e normas gramaticais universais. (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 325-326).

Com esses dizeres, Mário resume suas escolhas, quais sejam, a criação de um estilo literário que se firmasse como uma escrita brasileira, criado a partir de sua leitura da realidade, e, na poesia, a prática do verso livre. Esse contexto particular e ímpar é que o faz chamar sua pretensa gramática de obra de ficção, e não de obra técnica. Para isso, praticou a insurgência às normas gramaticais e defendeu princípios e procedimentos empíricos na execução de sua estética literária.

Esse procedimento criativo o associa à luta dos escritores românticos que consideravam, como José de Alencar: se “a pátria é a nacionalidade do povo, a língua é a nacionalidade do pensamento” (ALENCAR, 2006, p. 55). Ainda que essa aproximação exista, pode-se dizer, também, que os propósitos do debate sobre em que língua a literatura brasileira se expressa são, no caso dos modernistas, distintos do que pretendiam os românticos, pois menos ufanistas.

A partir das considerações feitas neste capítulo e das cartas escolhidas para demonstrá-las, pode-se perceber que no debate entre os escritores, no caso dos diálogos estéticos que travaram, alguns valores se sobressaem e as concepções diferentes tensionam a discussão entre eles: a naturalidade e a afetação; o ritmo e/ou o andamento dos textos em verso e prosa; a sonoridade; os brasileirismos. Outro elemento muito relevante é a discussão sobre o método de criação evidenciado pelos escritores. Nesses processos de criação, eles discutem as noções de “pureza” ou “impureza” da linguagem, as modas literárias, as diferenças de escrever para o público e escrever para os amigos, e o que pode ser considerado bem sucedido nos processos de estilização erudita da linguagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 22 de março de 1944, pouco antes de uma cirurgia, Mário de Andrade redige uma carta-testamento ao irmão, Carlos. Na partilha dos bens culturais que “junt[ou] e ganh[ou]” recorda-se, em primeiro lugar, da volumosa correspondência recebida, a qual destina a uma instituição acadêmica, devendo, contudo, “ser fechada e lacrada pela família e entregue para só poder ser aberta e examinada cinquenta anos depois da [sua] morte”. O gesto torna patente o zelo em preservar a intimidade de seus interlocutores, tanto quanto sinaliza a importância dos documentos para uma história da vida artística e intelectual brasileira na primeira metade do século XX (MORAES, 2009, p. 126).

Discutiu-se, nesta tese, o legado e a relevância das cartas enquanto o registro das ideias dos correspondentes. Isso se realizou a partir das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, publicadas no livro *Correspondência* (inserir o nome completo da obra) por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Para estudá-las discutiu-se o significado e a natureza da prática confessional presente neste gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante, e procurou-se desvelar os modos como os missivistas em construção desse gênero literário usam uma linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, isso evidenciado pela construção da amizade entre os dois escritores.

Ao se considerar a carta um meio não estático de conversação distante, com natureza íntima e inviolável, procurou-se trazer para a discussão a complexidade da carta como objeto pessoal e cultural. Essa complexidade reside na própria escolha do *corpus* da pesquisa. Sendo objeto pessoal e íntimo dos dois escritores, ao serem transformadas em arquivo, e, posteriormente, tendo sido publicadas, as cartas de Bandeira e Mário perdem o caráter privado, e inviolável, de sua condição inicial, e se transformaram em objeto público e, nesse sentido, violável.

O que se pode perceber é que nos escritos simples de uma carta, o escritor de literatura se desnuda e evidencia o seu ser social. Nessas cartas, as palavras dirigidas ao amigo se sustentam da intimidade que se desenvolve entre remetente e destinatário. Assim, estudo dessa natureza desvela o íntimo e particular, e o torna público, e essa é a relevância do estudo: demonstrar a dinâmica e a performance da amizade, desenvolvidas, neste caso, nas trocas de cartas, que, como traduz Mário, é “Uma forma espiritual de vida em nossa literatura” (ANDRADE, 1972, p. 183).

Desse modo, procurou-se, nesta tese, abordar as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira a partir do significado da amizade construída no

decorrer da troca de correspondência. Nas cartas trocadas entre os dois missivistas observa-se a presença de informações históricas, percepções críticas e atitudes investigativas relativas à literatura brasileira. A partir do que se pode conhecer pelas cartas, constatou-se que elas oscilam entre uma dicção mais formal e outra mais íntima e despiciada. A nosso ver isso se deu porque os dois missivistas estabeleceram um resistente vínculo de amizade por meio da escrita, desde o início da troca de cartas.

As cartas, espaço de troca de ideias, desde o início se tornaram tanto o campo da partilha intelectual quanto o espaço de discussão e informação das questões do cotidiano, de situações rotineiras da vida dos dois missivistas. Assim, em cartas de 1922 já se pode ver Mário de Andrade confessando: “É que eu queria dizer-te que estou triste” (ANDRADE apud MORAES, 2000, p. 76. Carta de 16 de novembro de 1922)., revelando inseguranças e fragilidades.

Outro elemento que se pode constatar é a importância do estudo das cartas para a percepção da forma como a amizade se apresenta. Isso porque se confirmou que a troca de cartas é uma forma de aproximar os ausentes e, nessa troca pode-se perceber como se traduzem a amizade e a intimidade existente entre os dois escritores, e é por meio delas que podem ser conhecidas suas trajetórias, a familiaridade no tratamento entre eles, seus problemas pessoais, sociais e literários. Ainda nesse sentido, pode-se lembrar do que Mário chegou a afirmar: “Sei me abrir nas cartas, mas não sei, em corpo presente, confessar minhas fraquezas” (MIRANDA, 1981, p. 55. Carta de 07 de janeiro de 1940).

Pelo que se pesquisou, pode-se observar que, durante os anos de correspondência o tratamento entre eles ganhou diferentes tons: o didático, o polêmico, o bisbilhoteiro, o amoroso, o rabugento. Todos eles, fruto da intimidade que construíram e da qual desfrutaram em sua convivência. O uso dessa diversidade de tons tornou evidentes os afetos, o carinho que tinham um pelo outro e os atritos que fizeram parte dessa amizade. Esses mais diversos tons, próprios da convivência amiga, revelou uma espécie de performance da sinceridade. (PERRONE-MOISÉS apud GALVÃO; GOTLIB, 2000, p. 178-179). Essa performance seria o exercício do que é chamado de “persuasão de sinceridade” presente nas cartas. Pelo que se lê na troca de correspondência dos escritores, eles não duvidavam da cumplicidade mútua.

Confirma-se, assim, que a dicção afetiva presente nas cartas faz parte dessa natureza performativa, que procura garantir a persuasão do interlocutor. Nesse processo, construiu-se a intimidade presente nas cartas de Mário e Bandeira.

Nessa relação de amizade e cumplicidade os escritores demonstraram posições críticas e teóricas, por meio de observações feitas sobre os textos literários deles mesmos, e com isso construíram teórica e criticamente o percurso histórico, poético e cultural vivido por eles.

Com base no que foi lido nas cartas, pode-se dizer que os dois missivistas realizavam uma crítica sincera e concernente ao seu espírito inovador. Faziam críticas ora mais contundente, ora irônica, ora elogiosa, ratificando a ideia de que havia, nas cartas, diversos tons utilizados pelos missivistas.

Outro aspecto das cartas discutido nesta tese foi a questão do abasileiramento da língua portuguesa como recurso estético e, especialmente, criativo dos modernistas e sua expressão nos textos íntimos e confessionais, como nas cartas. Para discutir o assunto, optou-se por fazer um levantamento desse debate nas correspondências trocadas entre eles e apresentar a tentativa de Mário de Andrade em criar uma *Gramatiquinha da fala brasileira*, que não foi concluída por ele.

Esse levantamento demonstrou que Mário de Andrade sistematizou sua pesquisa, elaborou arquivos diversos sobre o assunto e não admitia de forma alguma que se usassem regras gramaticais na criação dessa sua *Gramatiquinha*, como se vê na figura que se segue, em letra do próprio poeta.

Figura 19 - Anotação manuscrita em pedaço de papel-4

MA-MMA-51-255
 231
 Gramatinha
 Não falar nem uma
 vez em regras. Nem tão
 pouco em normas si
 possível. Falar só em
 "constâncias"

 Ver Euclides da Cunha
 sobre língua brasilei-
 leira no Prefácio
 ao "Inferno Verde"
 do Godofredo Rangel

Fonte: Arquivo IEB/USP, Fundo/Coleção Mário de Andrade. MA-MMA – 051-255 (anverso).

Consoante Pinto (1990), para Mário de Andrade o importante era ser brasileiro em todos os aspectos: refletir, analisar, praticar, vivenciar o que fosse do Brasil, porém sem ter de depreciar Portugal. O que Mário pretendia era “escrever naturalmente brasileiro sem nenhuma reivindicação nem queixa” (ANDRADE apud PINTO, 1990, p. 331).

Nesse ponto, pode-se notar que as cartas registram um debate acalorado entre os dois escritores, como o que se pode ver informado pelo próprio Bandeira ao dizer de sua discordância. Para ele a sistematização de Mário “parecia

indiscretamente pessoal, resultando numa construção cerebrina, que não era língua de ninguém.” (BANDEIRA apud ANDRADE, [19—], p. 13-14, grifo nosso)²⁶.

Bandeira acentua, ainda, a natureza anárquica das sistematizações de Mário de Andrade ao considerar que o aspecto ortográfico do escritor “dificultou enormemente” os trabalhos editoriais. Ao mostrar essas constrações, Bandeira apontava, por exemplo que ‘Mário grafava quase sempre porêm, mas não acentuava ninguém, também, Belém” (BANDEIRA apud ANDRADE, [19—], p. 14, grifos do autor).

Ao perseguir essa discussão nas cartas trocadas entre Mário e Bandeira, pode-se observar as posições distintas dos escritores sobre esse assunto. Para compreender melhor, foi preciso adentrar nos estudos de Mário de Andrade sobre a língua brasileira, o que demandou uma visita ao IEB a fim de obter acesso a documentos necessários para entender a sistematização de Mário de Andrade.

Acredita-se que Mário tenha demonstrado coragem ao desafiar a língua portuguesa de Portugal na tentativa de traduzi-la para uma gramática brasileira na sua criação poética, principalmente quando se refere à *Gramatiquinha da fala brasileira*. Torna-se necessário perceber o trabalho inovador do autor de *Macunaíma* e também sua relevância no registro do português do Brasil ao buscar sistematizar a língua na sua expressão oral e literária. Esse empenho de trabalhar uma língua brasileira faz parte da visão nacionalista do escritor Mário de Andrade em que a língua literária tem uma função marcante no processo de construção da brasilidade.

Com o tratamento desses dois aspectos presentes nas cartas, a amizade e os diálogos criativos desenvolvidos pelos escritores, procurou-se analisar as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, de modo a detalhar a tradução da construção da amizade e a prática da intimidade presentes na experiência vivida pelos escritores; a crítica literária e os posicionamentos teóricos e estéticos apresentados pelos dois escritores; a discussão sobre o abasileiramento da língua portuguesa como recurso estético e criativo dos modernistas e sua expressão nos textos íntimos e confessionais, como as cartas.

²⁶ Essas afirmações foram feitas por Manuel Bandeira em prefácio da edição das *Cartas a Manuel Bandeira*, publicada pela Ediouro. A edição não está datada.

REFERÊNCIAS

ABELARDO, Pietro. La condotta umana: l'amicizia. In: ABELARDO, Pietro. **Insegnamenti ao figlio**: commento, traduzione e testo latino a cura di Graziella Ballanti. Roma: Armando, 1985. p. 85-88. (Classici).

AGOSTINHO, Santo. Confissões. 2. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

ALBERONI, Francesco. **A amizade**. 12. ed. Venda Nova: Bertrand, 1994.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Saraiva, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANDRADE, Mário de. A dona ausente. **Atlântico – Revista Luso-brasileira**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 9-14, 1943.

ANDRADE, Mário de. A escrava que não é Isaura. In: ANDRADE, Mário de. **Obra imatura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ANDRADE, Mário de. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Mário de. **Cartas a Anita Malfatti**. São Paulo: Forense Universitária, 1989.

ANDRADE, Mario de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Prefácio e Notas de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Tecnoprint; Ediouro, [19—]. (Prestígio).

ANDRADE, Mário de. **Cartas a Murilo Miranda – 1934/1945**. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo: Itatiaia, 1989.

ANDRADE, Mário de. “Modernismo”. In: ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins, 1972. p. 183-188.

ANDRADE, Mário de. **O melhor de Mário de Andrade**: contos e crônicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas. Paulicéia desvairada/ Losango cáqui/ Clã do Jaboti/ Remate de males**. São Paulo: Martins, 1980.
- ANDRADE, Mário de. **Querida Henriqueta**: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Ed. prep. por padre Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de (Org.). **Homenagem a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Hamburg, 1936.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores, 4).
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ASSIS, Machado de. **Obra Completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1873/1994. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Documents/Instinto%20de%20nacionalidade.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2016.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BACON, Francis. **Os ensaios ou conselhos civis e morais**. São Paulo: Ícone, 1996.
- BACIU, Stefan. **Manuel Bandeira de corpo inteiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALDINI, Massimo (Org.). **Amizade & filósofos**. Tradução de Antonio Angonense. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- BANDEIRA, Manuel. **Verso e reverso**. Organização por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: TAQ, 1987.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Scipione, 1994.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. Jogo de cartas: a correspondência como fonte de pesquisas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 133-158. dez. 2009. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/163>>. Acesso em: 01 dez. 2015.
- BORBA, Francisco Silva (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Colaboradores Beatriz Nunes de Oliveira Longo, Maria Helena de Moura Neves, Marina Bartolotti Bazzoli e Sebastião Exedito Ignácio. Curitiba: Piá, 2011.
- BOSI, Alfredo. A estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. In: Croce, B. **Breviário de estética**. São Paulo: Ática, 1997.
- BOTELHO, André. **De olho em Mário de Andrade**: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil. Coordenação de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- CABRAL, Simone Garrido Esteves. **Correspondências poéticas**: vida cultural e criação poética nas cartas de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. 2010. 177 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Letras, Rio de Janeiro, 2010.
- CAMARGO, M. R. R. M. de (Org.); SANTOS, V. C. C. dos (Colab.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1985. p. 27-50.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, n. 8, 1970. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CARLOS & MÁRIO: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. In: COSTA, I. T. M.; GONDAR, J. (Orgs.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade**: exílio no Rio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. p. 113-161.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CÍCERO, M. T. A amizade. In: CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer, Lélío, A amizade**. Notas de Emanuelle Narducci. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 93-97.

COSTA, Daniela Aparecida da. Memória, ironia e lúdico em "Auto-Retrato", de Manuel Bandeira. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 39, p. 105-114, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/25206>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

COSTA, Denny José Almeida. **Entre o confessional e o público**: as cartas de Manuel Bandeira e Mário de Andrade. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Mestrado em letras, São João del-Rei, 2014. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DENNY.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

COUTO, Ribeiro. **Dois retratos de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: São José, 1960.

CROCE, Benedetto. **Breviário de estética / Aesthetica apud nuce**. Tradução de Rodolfo Ilari Jr. São Paulo: Ática, 2001.

CROCE, Benedetto. **Ética e política**. Bari: Laterza, 1956.

DECIA, Patrícia. Diálogo com Bandeira é mais importante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jul. 1997. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/18/ilustrada/5.html>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Lisboa: Campo das Letras, 2003.

DESCARTES. **As paixões da Alma**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores, 1).

DIAS, Gonçalves. I-Juca Pirama. In: **Poesia Romântica**: antologia. Seleção de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo. Melhoramentos, 1965. p. 73-87.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências?. Tradução de Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. **Manuscrita**, São Paulo, n. 15, p. 119-162, 2007.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/amizade>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. Espaços mítico e imagético da memória social. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô (Orgs.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000. p. 15-66.

EHRENZWEIG, Anton. **A ordem oculta da arte**: um estudo sobre a psicologia da imaginação artística. Tradução de Luís Corção. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.

EPICURO. **Antologia de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).

FELICIANI, Mário Rui. **Quando o carteiro chegar**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120p.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A margem da carta. **Teresa – Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 8 e 9, p. 15-29, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GODOY, Luciana Bertini. Uma carta... um espaço entre dois. **Ide**, São Paulo, v. 33, n. 50, jul. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100006>. Acesso em: 01 jan. 2015.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira** (Org.). São Paulo: Humanitas, 2005.

GOULART, Audemaro Taranto. **A dimensão estética em textos das literaturas brasileira e portuguesa**: texto produzido para o Curso Literaturas de Língua Portuguesa, do Prepes. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011174750.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2015.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. Os estudos estéticos de Benedetto Croce na cena brasileira, em comemoração ao jubileu de seu falecimento. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 17, n. 33, p. 171-183, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/631>>. Acesso em: 01 maio 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flavio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2003.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da secularização**. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Edição especial. São Paulo: Positivo, 2007.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGLESIAS, Francisco. **História e literatura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS - USP. Fundo/Coleção Mário de Andrade, código 2857. São Paulo, 2017.

JARDIM, Eduardo. **Eu sou trezentos**: Mário de Andrade, vida e obra. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LAFETÁ, João Luiz. **Figurações da intimidade**: imagens na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Rocha. **Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A estreia poética de Mário de Andrade. **Letras**, Santa Maria, n. 7, p. 19-32, 1993.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). **Manuel Bandeira**: verso e reverso. São Paulo: TAC, 1987.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). **Mário de Andrade**: entrevistas e depoimentos. São Paulo: TAQ, 1983.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade**: ramais e caminho. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MALEBRANCHE, Nicolas. **A busca da verdade**. Tradução de Plínio J. Smith. São Paulo: Discurso, 2004.

MARITAIN, Raïssa. **As grandes amizades**. Tradução de Josélia Marques de Oliveira. 5. ed. Rio de Janeiro, 1958.

MIRANDA, Wander Melo. A memória contra a morte. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 102, n. 103, p. 69-80, jul./dez. 1990.

MIRANDA, Murilo. **Cartas a Murilo Miranda**: 1934/1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: UFMG, 1992.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. v. 1.

MORAES, Eduardo Jardim de. Mário de Andrade: retrato do Brasil. In: BERRIEL, Carlos E. O. (Org.). **Mário de Andrade Hoje**. São Paulo: Cadernos Ensaio, 1990. (Grande formato, 4).

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência**: Mário de Andrade & Manuel Bandeira. São Paulo : EdUSP/IEB, 2000. (Correspondência de Mário de Andrade, 1).

MORAES, Marcos Antonio de. **Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade**: histórico e alguns pressupostos. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, p. 123-136, 1967. jun. 2009. Acesso em: 01 jun. 2013.

MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: EdUSP; Fapesp, 2007.

MORAES NETO, Joaquim José de. **Aristóteles**. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2012.

MORAES, Vinícius de. **Livro de sonetos**. São Paulo: Claro Enigma, 2010.

NEVES, Orlando. **Dicionário de nomes próprios**: significado dos nomes. Lisboa: Oficina do Livro, 2012.

OLINTO, Heidrun. Espécie de espaço. In: MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro. **Espécies de espaço**: territorialidade, literatura, mídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- PERROT, M. (Org.). **A história da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012. (A história da vida privada, 4).
- PINTO, Edith Pimentel. **A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto**. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- PINTO, Edith Pimentel. **A língua escrita no Brasil**. São Paulo: Fundamentos; Ática, 1986.
- PINTO, Edith Pimentel. **O português do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1978.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos**: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 2. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. Disponível em: <www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- REIS, Marcia. Mário de Andrade: nacional, tradicional e moderno. **Soletras**, São Gonçalo-RJ, a. 6, n. 11, p. 64-73, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4647/3427>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- RODRIGUES, Leandro Garcia. Afinal, a quem pertence uma carta?. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 22-231, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/19229/13434>>. Acesso em: 02 fev. 2016.
- SANTIAGO, Silviano. **Ora (direis) puxar conversa!**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- SANTOS, Matildes Demetrio dos. A correspondência literária: documento/depoimento. **Cadernos Neolatinos**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 3, set. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/matildes_demetrio.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2015.
- SANTOS, Vivian Carla Calixto dos. **Cartas, escrita e linguagem: a temporalidade em questão**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2009.
- SILVA, Beatriz Folly; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Viana. **Inventário do arquivo Manuel Bandeira**. Apresentação de Plínio Doyle. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. (CLB, 3).
- SOUZA, Cristiane Rodrigues de. Música e poesia: uma leitura crítica de versos de Mário de Andrade. **Itinerários**, Araraquara, n. 28, p. 99-120, jan./jun. 2009. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=Itinerários%2C+Araraquara%2C+n.+28%2C+p.99-120%2C+jan.%2Fjun.+2009>>. Acesso em: 01 maio 2017.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de; LAGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos (Orgs.). **Figurações do íntimo**: ensaios. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. **Remate de Males**, Campinas, n. 18, p. 61-70, 1998. Disponível em: <revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/download/3115/4800>. Acesso em: 01 mar. 2014.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. **Teresa – Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 8 e 9, p. 372-389, 2008. Disponível em: <docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/RevistaTeresaUSP/2243>. Acesso em: 01 nov. 2012.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Entre o sonho e a vigília: o tema da amizade na escrita modernista. **Tempo – Revista do Departamento de História da UFF**, Niterói-RJ, v. 13, n. 26, p. 205-224, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a11v1326.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Neves (Orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v.1.

VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. Tradução de Marilena de Souza Chauí, Bruno da Ponte e Joao Lopes Alves. São Paulo: Abril Cultural, 1984.